

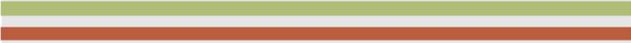


UM BREVE OLHAR SOBRE AS MULHERES NA FRANÇA DO SÉCULO XIX

Organização
Mônica Fiuza Bento de Faria



edições
makunaima



edições makunaima

Coordenador

José Luís Jobim

Revisão

Mônica Fiuza Bento de Faria

Diagramação e editoração

Casa Doze Projetos e Edições

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

B846 Um breve olhar sobre as mulheres na França do século XIX /
Organizador Mônica Fiuza Bento de Faria. – Rio de Janeiro, RJ:
Edições Makunaima, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-6587250-14-4

1. Mulheres – Usos e costumes – França. 2. Estilo de vida –
França. 3. França – Usos e costumes. I. Faria, Mônica Fiuza Bento
de.

CDD 305.4

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

UM BREVE OLHAR SOBRE AS MULHERES NA FRANÇA DO SÉCULO XIX

ORGANIZAÇÃO
Mônica Fiuza Bento de Faria

Rio de Janeiro

2021



Conselho Consultivo

Alcir Pécora (Universidade de Campinas, Brasil)
Alckmar Luiz dos Santos (NUPILL, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil)
Amelia Sanz Cabrerizo (Universidade Complutense de Madrid, Espanha)
Benjamin Abdala Jr. (Universidade de São Paulo, Brasil)
Bethania Mariani (Universidade Federal Fluminense, Brasil)
Cristián Montes (Universidad de Chile, Facultad de Filosofía y Humanidades, Chile)
Eduardo Coutinho (Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil)
Guillermo Mariaca (Universidad Mayor de San Andrés, Bolívia)
Horst Nitschack (Universidad de Chile, Facultad de Filosofía y Humanidades, Chile)
Ítalo Moriconi (Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil)
João Cezar de Castro Rocha (Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil)
Jorge Fornet (Centro de Investigaciones Literárias – Casa de las Américas, Cuba)
Lívia Reis (Universidade Federal Fluminense, Brasil)
Luiz Gonzaga Marchezan (Universidade Estadual Paulista, Brasil)
Luisa Campuzano (Universidad de La Habana, Cuba)
Luiz Fernando Valente (Brown University, EUA)
Márcelo Villena Alvarado (Universidad Mayor de San Andrés, Bolívia)
Márcia Abreu (Universidade de Campinas, Brasil)
Maria da Glória Bordini (Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil)
Maria Elizabeth Chaves de Mello (Universidade Federal Fluminense, Brasil)
Marisa Lajolo (Universidade de Campinas/Universidade Presbiteriana Mackenzie, Brasil)
Marli de Oliveira Fantini Scarpelli (Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil)
Pablo Rocca (Universidad de la Republica, Uruguai)
Regina Zilberman (Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil)
Roberto Acízelo de Souza (Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil)
Roberto Fernández Retamar (Casa de las Américas, Cuba)
Salette de Almeida Cara (Universidade de São Paulo, Brasil)
Sandra Guardini Vasconcelos (Universidade de São Paulo, Brasil)
Silvano Peloso (Universidade de Roma La Sapienza, Itália)
Sonia Neto Salomão (Universidade de Roma La Sapienza, Itália)

Rien ne nous limitait, 5
rien ne nous définissait,
rien ne nous assujettissait;
nos liens avec le monde
c'est nous qui les créions;
la liberté était notre substance même.

Simone de Beauvoir

Apresentação	8
Parte I: Elas escrevem sobre elas (Artigos)	
A MULHER DO SÉCULO XIX NA FRANÇA, ENTRE O CINEMA E A LITERATURA Maria Elizabeth Chaves de Mello (UFF)	11
VIAJANTE E ESCRITORA: A INTREPIDEZ É FEMININA Andrea Reis (CEFET)	23
UMA MULHER EM LITÍGIO COM O SÉCULO XIX Mônica Fiuza Bento de Faria (UFF)	35
MUITO ALÉM DE MUSA Mônica Fiuza Bento de Faria	44
CLÉMENTCE ROBERT, ENGAJADA NA POLÍTICA E NO SOCIAL Mônica Fiuza Bento de Faria	57
MARIE-LOUISE GAGNEUR, FEMINISTA? Mônica Fiuza Bento de Faria	63
Parte II: Eles escrevem sobre e para elas (Textos prefaciais)	
Alexandre Dumas Filho, prefácio de <i>SENHOR ALPHONSE</i> (Teatro)	77
Eugène de Mirecourt Fils, prefácio de <i>ÀS MULHERES</i> (Romance)	118

Apresentação

Na França e no mundo, as mulheres avançaram consideravelmente em vários setores. Este avanço se deu sempre na busca pela igualdade. Entretanto, como sugerem as pesquisas, ele não se deu na medida desejada. Ainda que sejam tão empreendedoras quanto os homens (e em algumas modalidades até mais do que eles), possuam uma média de anos de estudo maior, trabalhem mais e estejam com a autoestima elevada, as distâncias a serem vencidas ainda são consideráveis. Além disso, elas continuam almejando um ideal romântico de parceiro, casamento para toda a vida, filhos e família.

Nesse contexto, lançar um olhar, mesmo que breve, sobre as mulheres francesas do século XIX poderia ser uma contribuição aos estudos literários e à história desse século tão conturbado que, na França, foi, provavelmente, o que teve o maior número de regimes políticos: sem contar os “Cem dias”, sucederam-se Consulado, Império, Restauração, Monarquia de Julho, Segunda República, Segundo Império e Terceira República. Se a França estava no auge de sua glória militar na época de Napoleão I, ela foi invadida em 8 1814, 1815 e 1870-1871. Ganha a Savoia e o condado de Nice em 1860, mas perde a Alsácia e a Lorena onze anos mais tarde. O país vive, assim, uma instabilidade política e identitária, que se expressa em diferentes autores. Todavia, em escala internacional, a França é o país da Revolução, a pátria da liberdade para todos. Paralelamente a essa efervescência social e política, surge com força o progresso científico e industrial. Mas... e as mulheres?

Para Henri Carton, autor de *História das mulheres escritoras da França*¹, “há um doce encanto na procura da parte à que pertence,

¹ *Les femmes écrivains de la France*, Ed. A. Dupret, Paris, 1886, In Bnf Gallica.

no campo da inteligência, o chamado sexo frágil, que é o mais forte pela graça, quando não é pelo espírito. Esta parte da história literária da França não pode ser considerada, sem injustiça, como a menos interessante”². Sabe-se que, em relação às mulheres, a tendência, talvez muito recorrente, era afirmar a inferioridade delas em obras intelectuais. Um grande número de escritores, mesmo do sexo feminino, aceitou essa afirmação como um axioma. No entanto, a história constatou numerosas e brilhantes “exceções”, especialmente na França do século XIX. Para Carton, “a escrita das mulheres é quase sempre o reflexo mais sincero do gosto, características comuns e tendências literárias das melhores mentes do seu tempo e, por esta razão, o papel principal da maioria das revoluções relatadas na República das Letras pertence geralmente às mulheres”³.

A ideia deste livro surgiu após a publicação de *Na antessala dos romances*, uma antologia de prefácios de romances franceses do século XIX, produto de minhas pesquisas de pós-doutoramento. Havia ainda um interessante material sobre escritoras desconhecidas, cujos textos prefaciais nunca haviam sido traduzidos para o português, assim como dois prefácios inéditos, que diziam respeito às mulheres do século XIX na França, que não foram incluídos na Antologia por motivo de coerência e harmonia. Vale lembrar que os prefácios se tornam, para os autores de romance do século XIX, meios de comunicação eficazes para esclarecer suas intenções e divulgar suas obras, defendendo e promovendo o gênero romance, que na época ainda não se tinha firmado, assim como a figura dos autores desse gênero. A força de reflexão e expressão desses textos surge dessa necessidade de afirmação e divulgação. Por esta razão, alguns prefácios encontram-se nesta obra, inclusive os dois inéditos.

9

2 Ibidem, p. 2. Citação traduzida por Matheus da Cunha (LABESTRAD-UFF).

3 Ibidem, p. 3. Citação traduzida por Matheus da Cunha (LABESTRAD-UFF).

Agradeço às Professoras Doutoras Maria Elizabeth Chaves de Mello e Andrea Reis, que há muito tornaram-se amigas e companheiras de pesquisa, por terem aceitado participar desta reflexão sobre as mulheres escritoras na França do século XIX, enriquecendo-a com seus artigos que se encontram aqui publicados.

Mônica Fiuza Bento de Faria

Parte I

Elas escrevem sobre elas (Artigos)

A mulher do século XIX na França, entre o cinema e a literatura

Maria Elizabeth Chaves de Mello

Falar de mulher do século XIX, na França, em pleno século XXI, é um desafio e tanto. A distância física, geográfica e temporal nos impede de saber exatamente o que seja essa mulher. Fazemos suposições, principalmente baseadas na literatura, nos livros de História, nos jornais da época e nos filmes históricos, que nos descrevem a mulher de classe burguesa e/ou aristocrata, do Oitocentos, sempre oprimida, reprimida, dependente do marido para tudo. Essa mulher não votava, não participava das decisões da sociedade e, na maioria das vezes, nem sequer era ouvida nas decisões da família. Era levada ao casamento, como se compra e vende uma mercadoria. Se tivesse dote, poderia comprar um marido rico. Se fosse de classe burguesa, poderia, até mesmo, comprar um membro da nobreza empobrecida. O casamento, entre as elites, fazia-se sem amor e, muitas vezes, sem as pessoas sequer se conhecerem. Casada, a mulher entediava-se entre quatro paredes, pois não lhe era permitido exercer nenhuma atividade fora do aconchego do lar. Nem os filhos ela podia criar e educar, pois as crianças das famílias distintas tinham suas amas de leite e, depois, eram levadas para colégios internos, onde recebiam a educação considerada adequada para a posição que ocupariam na sociedade, mais tarde. À mulher de classe alta, restavam as obras de

caridade, os desfiles, os salões e as compras, sendo estas últimas a novidade maior, pois, com a ascensão do capitalismo, as mulheres ricas ficavam encarregadas das visitas aos *grands magasins*, abertos com uma rapidez impressionante, ao longo dos bulevares da cidade de Paris, onde elas passavam os seus dias no ócio, dispendendo o dinheiro ganho pelos maridos.

Bem diferente dessa situação, encontravam-se as mulheres do povo. Estas trabalhavam, ganhavam o pão com o suor do rosto, tinham uma vida sem nenhum *glamour* e raramente eram heroínas de romances. Mas, embora trabalhassem mais do que os homens, recebiam salários menores e participavam ainda menos da vida da sociedade. Portanto, quando se diz que a mulher não trabalhava no século XIX, é desconhecer a multidão de criadas, damas de companhia, amas de leite, lavadeiras, passadeiras, costureiras, cozinheiras, modistas, vendedoras e, especialmente naquele momento, as empregadas dos *grands magasins*, que entraram na moda, com grande furor, derrubando todo o pequeno comércio. É de se louvar o romance *Au bonheur des dames*, de Émile Zola, que, em 1883, veio denunciar a vida miserável das vendedoras das lojas de departamento em Paris, na maioria das vezes meninas pobres, do interior, que vinham para a capital em busca de trabalho, geralmente atraídas pelo *glamour* dos *grands magasins*, que as fascinavam de longe. Ao começarem a trabalhar neles, viam a triste realidade e se decepcionavam terrivelmente. Mérito do grande Zola, que fez uma pesquisa seríssima da condição de vida dessas meninas que se matavam atrás dos balcões e eram totalmente invisíveis aos olhos da sociedade.

Mas, quando se fala na mulher do século XIX, a expectativa é de que se descreva a mulher burguesa ou aristocrata, aquela que morre de tédio por não ter, praticamente, nenhuma ocupação e que preenche o vazio do seu dia a viver grandes aventuras romanescas, tentando realizar sonhos despertados pela leitura de romances ro-

mânticos. Quem seria e como seria essa mulher? De classe alta, sem maior ocupação do que frequentar salões ou bazares, ela aparece de maneira bem trágica na série da Netflix, *Le Bazar de la Charité*, lançada em 2019, criada por Catherine Ramberg e dirigida por Alexandre Laurent. Trata-se de uma minissérie histórica francesa, com apenas oito episódios, mas uma dimensão trágica bem grande. Não é possível resistir à tentação imensa de comparar as histórias de mulheres ali estudadas com as personagens de alguns romances franceses, como *Madame Bovary*, de Flaubert, e tantos outros.

A intriga da série se passa em 1897. O Bazar de la Charité era um evento beneficente, que ocorria periodicamente na França, criado pelo banqueiro Henri Blount e presidido pelo barão de Mackau, no intuito de reunir um consórcio de obras de caridade, em um mesmo espaço, para vender objetos (quadros, joias, livros...), em favor dos menos favorecidos que abundavam na Paris daquele momento, marcado pelo capitalismo selvagem, em que a miséria invadia as ruas, contrastando, de maneira impressionante, com as mansões e o luxo ostentado pelos poderosos. Era a época do incentivo ao consumo, em que o papel da mulher rica, burguesa ou aristocrata, era de comprar e comprar, mostrando o poder econômico do marido através do consumo, ao mesmo tempo em que exibia suas roupas e joias, despertando invejas e rancores. O bazar, aparentemente, procurava aproveitar essa febre do consumo feminino, em favor dos necessitados. Situado entre os números 13 e 19, da rua Jean-Goujon (no 8º *arrondissement* de Paris, na região dos Champs Élysées), o imóvel foi construído em um imenso terreno baldio, em frente ao local onde se situavam as estrebarias e cocheiras do barão de Rothschild. Foi inaugurado no dia 3 de maio de 1887, nesse endereço, depois de ter funcionado na rua do Faubourg-Saint-Honoré. No dia 4 de maio de 1897, dez anos depois de inaugurado, um incêndio devastador destruiu o imóvel, em alguns minutos, matando mais de 120 pessoas, quase exclusivamente mulheres da alta sociedade

e suas damas de companhia. Até aí, estamos no domínio do real, da História. Esta é uma história verídica. A partir dela, foi feita a série francesa da Netflix, em que três mulheres têm suas vidas inteiramente abaladas por essa catástrofe: Adrienne De Lenverpre, Alice de Jeansin e sua empregada acompanhante Rose Rivière verão seus destinos completamente mudados, a partir do pavoroso incêndio.

Alice é a mocinha típica das novelas de época, romântica, ingênua, doce e bem educada, filha de gente de projeção, que está noiva do jovem e rico Julien de la Ferté. No próprio nome escolhido para o personagem, vemos a *fierté*, o orgulho de classe que vai caracterizar a maior parte dos personagens, ao longo da série. Alice é a filha mais velha do clã Jeansin, filha de um senhor poderoso no meio político e financeiro da França, naquele momento. Nela, a família deposita grandes esperanças, através de um belo casamento a ser realizado em breve. Julien, o noivo, é rico, bem apessoado, de boa família, tem posses e bons relacionamentos. Rose, sua dama de companhia, que a acompanha ao bazar, é casada com Jean, que também trabalha para a família Jeansin, como cocheiro. Juntos, o casal pretende cruzar o Atlântico, para começar uma vida nova nos Estados Unidos. Eles pretendem *faire l'Amérique*, expressão bem usada na França da época, para exprimir a aventura de tantos que emigram do país para tentarem uma vida melhor nos Estados Unidos, naquele momento. No início da série, Jean mostra a Rose o bilhete de viagem que ele acabara de comprar. A liberdade estava próxima. Deixariam o estigma de cocheiro e empregada, na França, para, talvez, se tornarem pequenos proprietários no Novo Mundo ou, até, se a sorte os favorecesse, fazerem fortuna. Um sonho bem europeu da época e que, muitas vezes, funcionou. Adrienne De Lenverpre é tia de Alice, casada com o senador Marc-Antoine De Lenverpre, um dos homens mais ricos da França, com quem tem uma filha (Camille), ainda criança. Percebe-se, logo no primeiro episódio, alguns dados sobre ela: esconde segredos, é vítima de um casamento opressor e abusivo, é muito infeliz.

No início da série, as três mulheres se preparam para o grande acontecimento, que seria o bazar. O fogo inicia-se no cinematógrafo, onde estava Alice, que viu a sua propagação. O incêndio ganha proporções assustadoras e desencadeia uma grande reviravolta no destino das três mulheres. No tumulto provocado pelo fogo, Alice é largada pelo noivo, que corre para salvar a própria pele, abandonando-a, deixando-a correr o risco de ser pisoteada e morrer, como aconteceu com a maioria das mulheres que lá estavam. É dito, na série, que a maior parte dos que morreram no incêndio eram mulheres. Entendemos que isso ocorre porque os homens, mais fortes fisicamente e com roupas mais propícias à corrida, deixaram-nas para trás. As vestimentas femininas da época, extremamente cruéis para as mulheres, com espartilhos, anáguas, chapéus, impediram-nas de se locomoverem bem, na multidão que se espremia para sair do bazar. Talvez tenha sido, no século XIX, a época em que o figurino feminino se revelou mais machista. A quantidade de roupas, joias e adereços servia para ostentar o poder do marido ou do pai e, por conseguinte, aumentar o valor daquela mulher no mercado.

Alice, sempre acompanhada por Rose, consegue se salvar, graças a um rapaz do povo, Victor, um anarquista sonhador e militante contra o governo, que arrisca a própria vida, entrando no imóvel em chamas, para tirá-la do inferno. A partir do incêndio, ela passa a ter sérios problemas com o noivo, que se mostrou egoísta e autocentrado, abandonando-a à própria sorte. Aos poucos, à medida que vê o seu amor pelo noivo esmorecer, Alice vai se apaixonando por Victor, o jovem rapaz que a salvou sem esperar nenhuma recompensa. A história da paixão nascente, bem como o desprezo crescente pelo noivo, vai alimentar a trama até o fim. Acompanhamos Alice em seu desabrochar como mulher adulta e amante, tomando consciência das questões sociais, da sua condição de mulher, da própria condição da sua família, seu papel na sociedade, o papel do seu pai.

Adrienne nem chegou a entrar propriamente no bazar. Saiu de casa dizendo que lá passaria a tarde, recebeu uma grande soma de dinheiro do marido, com a recomendação de gastar muito no bazar, por pura ostentação e vaidade. Mas ela tinha, na verdade, um encontro marcado com o amante, na carruagem do qual entra, assim que salta da sua, em frente ao bazar. Os dois percorrem as ruas de Paris dentro da carruagem, trocando carícias e fazendo planos para ela se separar do marido e eles buscarem, juntos, a felicidade. Ao voltarem ao bazar, em frente do qual ela saltaria e trocaria novamente de veículo, simulando uma tarde passada em companhia das damas, no bazar, depara-se com a realidade de um cenário de desolação, sofrimento e angústia. Muita gente morta, muitos procurando por pessoas da família, um clima de desalento. Forma rapidamente um plano com o amante, propondo-lhe esconder-se na casa dele e usar os documentos de outra pessoa. Passaria por morta e encontraria a liberdade.

16 Rose perde Alice de vista na confusão e, muito queimada, vai ser levada para um hospital. Alice a dá por morta, mas a moça será sequestrada, no hospital, por uma senhora da aristocracia, que a fará se passar por sua filha, já que ela está muito queimada e desfigurada, podendo se passar por qualquer uma. A senhora precisa de que a filha esteja viva, para que o genro problemático tenha uma vida de família, para salvar as aparências de um casamento fracassado. Era evidente que uma pobretona, sem eira nem beira, não reagiria à manipulação e aceitaria aquele papel. Assim, a mulher, no hospital, arranca o anel do dedo da filha, coloca-o no de Rose, levando-a para casa totalmente desfigurada. Cuida dela e a faz se passar por sua filha.

Três mulheres, três destinos. Nenhuma escolheu seu caminho. Todas foram levadas a uma vida determinada pelo acaso. O título da tradução em português dá conta do caráter trágico e fatalista da série: *Chamas do destino*. O que teriam em comum essas três mulheres? Em todas, o incêndio terá um caráter revelador, vai desvendar novas possibilidades e novos mundos. Oprimidas por seu destino de serem

mulheres no século XIX, o acidente vai lhes proporcionar fugas e descobertas. Adrienne, a mais infeliz no início da série, maltratada pelo marido, que a agride e oprime todo o tempo, obrigada a manter sempre as aparências de uma esposa dedicada, mãe extremosa, dona de casa perfeita, vê no incêndio a ocasião de ser dada como morta, desaparecer e largar aquele homem que a fazia sofrer tanto. Não fosse pela separação da filha, ela estaria totalmente feliz. Mas, aos poucos, vai conhecer as agruras da pobreza, as dificuldades de viver em Paris quando se tem pouco dinheiro, ao viver escondida com o amante. Vai entrar em contato com a vida real, para a qual nunca foi preparada. E, para recuperar a filha, muda de tática e reaparece. Alice, que vivia num mundo de fantasia, amada, mimada e querida por todos, vai, aos poucos, descobrindo que nada daquilo era verdade. O noivo não a amava o suficiente, a vida não era nada fácil para quase ninguém, seus valores não eram compartilhados pelas pessoas da sociedade que ela frequentava. Ela vai sofrer uma transformação brutal, ao tomar consciência de si como ser humano e do mundo que a rodeia. Acorda para a vida adulta, a partir da catástrofe que viveu. Com essas duas personagens, tia e sobrinha, temos a descoberta e a consciência da questão da condição feminina no século XIX. Ambas dependem do pai, do marido ou do amante. Não têm nenhuma liberdade, nenhuma condição de gerir seu próprio destino. Rose, a única mulher do povo, da série, representa a única maneira pela qual o povo frequentava lugares da classe alta: como serviçais. Essas mulheres do povo trabalham, mas não são independentes. Devem obediência ao marido e, antes, ao pai. No entanto, Rose parece ter sido a única mulher feliz antes do desastre do bazar. Vivia bem com o marido e conseguiram trabalhar na mesma casa. Ela se salva do incêndio, mas fica deformada a ponto de poder ser manipulada pela dama da sociedade que a sequestra. Com isso, perde a sua identidade, passa a viver uma vida que não é a sua. A sua luta será, também, pela recuperação do controle do seu destino.

Essas três mulheres lutam pela gestão das suas vidas, todas tentando tomar as rédeas da sua existência. A série tem um *happy end* muito pouco verossímil. Apesar disso, cada uma dessas mulheres lembra, de alguma maneira, a personagem protagonista do mais famoso livro de Flaubert, *Madame Bovary*. O romance vem a público em 1857 e sofre um julgamento no tribunal, acusado de ser imoral e estimular o adultério. A história do julgamento desse romance nos interessa, na medida em que mostra como a mulher é tratada e vista no século XIX. O Ministério Público, representado pelo advogado Ernest Pinard, trata a personagem como se ela fosse real. Em primeiro lugar, acusa-a de não ter tentado seriamente amar seu marido; cita o trecho do romance em que a mediocridade doméstica arrasta Emma a fantasias luxuriosas. O romance é salvo pela competência do advogado do autor, dr. Jules Sénard. Gustave Flaubert foi inocentado e, em abril, *Madame Bovary* foi lançado em livro, pela primeira vez, pela editora francesa Michel Levy, e dedicado ao dr. Sénard. Este provou que não é o narrador que exalta o adultério, mas, sim, a personagem. A confusão teria se dado pelo estilo indireto livre, recém-criado pelo autor, que deixava na ambiguidade o sujeito da fala. Na verdade, quem está felicíssima nas passagens criticadas é Emma Bovary, por ter, finalmente, se tornado uma adúltera, como as heroínas dos romances que ela tanto lia. Vale a pena rever a passagem citada: *Elle se répétait: J'ai un amant ! un amant ! se délectant à cette idée comme à celle d'une autre puberté qui lui serait survenue. Elle allait donc posséder enfin ces joies de l'amour, cette fièvre du bonheur dont elle avait désespéré*⁴ (FLAUBERT, 1857).

18

4 Repetia consigo mesma: “Tenho um amante! Um amante!”, deleitando-se nesta ideia como se fosse a da chegada de uma nova puberdade. Ia, então, possuir finalmente aquelas alegrias do amor, aquela febre de felicidade que ela aguardava desesperadamente. Tradução de Mônica Fiuza BF.

Este seria o famoso estilo indireto livre, criado por Flaubert nesse romance, e só mais tarde reconhecido como estilo, pelos autores do Nouveau Roman francês. Ainda com Emma, vamos visitar, inicialmente, a vida do campo, o pai fazendeiro, a menina educada em um convento, onde sonha através dos livros que lê, à revelia das freiras. A partir das suas leituras, a menina passa a querer se casar com um príncipe, se tornar uma heroína de romance, frequentar a alta burguesia ou, talvez, a nobreza. Ao terminar os estudos, é devolvida à sua triste condição de camponesa, filha de um pequeno fazendeiro, destinada a passar a vida ordenhando vacas ou dando milho às galinhas. Não se sente feita para a vida da fazenda, tudo a desgosta, o seu destino a assusta. A única maneira de escapar é o casamento, a única possibilidade de ascensão social para a mulher do século XIX. E ela vislumbra uma chance, ao conhecer o dr. Charles Bovary, jovem médico, recém-chegado ao lugarejo. Conquistando-o, sobe de nível, passa a ser a esposa do médico, respeitada por todos. No entanto, a vida de mulher burguesa de um vilarejo do interior a entedia. Flaubert narra esse tédio com perfeição, num estilo primorosamente trabalhado. Sentimos o passar das horas da vida de uma mulher jovem, casada, cheia de vida, totalmente sem ocupação, sentindo-se inútil à sociedade. Os dias e as horas correm iguais, a falta de assunto com o marido, cada vez mais banal e patético, vai minando a moça, deixando-a neurastênica.

19

Um acaso leva o casal a um baile na casa do nobre local, um visconde, que sofrera um acidente e foi tratado por Charles. A visão do castelo, o baile, o sucesso que faz, dançando graciosamente com toda aquela gente poderosa e aristocrata, acabam por desarranjar ainda mais a cabeça da pobre moça. Ela se sente uma princesa, deduz que nasceu para aquela sociedade e não para a vida que levava como mulher de um pobre médico do interior. Volta para casa mais doente, sentindo-se inadequada para tudo e para todos, quando percebe que está grávida e toma conhecimento de que o marido recebera um

convite para trabalhar em outra cidade, um pouco maior, perto de Rouen, chamada Yonville. É uma promoção e Charles a vê como tal. Para Emma, isso é totalmente indiferente, salvo o fato de que passam a ter e receber visitas à noite, o que lhe dá um simulacro de vida social. É quando conhece Léon, jovem estudante, que será seu segundo amante. A maternidade não a entusiasma, nada a desperta para a vida. Dá à luz uma filha, que entrega aos cuidados de uma ama de leite, no campo, como faziam as mulheres da alta sociedade. Nem os cuidados de mãe ela tem, nada faz. Flaubert mostra com cuidado, através da perfeição do trabalho de estilo, as mudanças que vão ocorrendo na personagem, que a levam ao adultério. Na verdade, ela vai procurar aventuras para fugir da sua condição de oprimida. Procura refúgio em amores extraconjugais e no consumismo, na arte de comprar, de se embelezar, que então se tornara a paixão e ocupação da mulher burguesa. Para isso, precisa de dinheiro. Não o tendo, cai nas mãos de um agiota e começa a se endividar. Ela precisa de recursos para manter a vida de luxo que quer levar, para as viagens que faz a Rouen para encontrar o amante. O leitor acompanha, agora em outro ritmo, mais rápido e até vertiginoso, no romance de Flaubert, a decadência de Emma, até chegar ao seu suicídio, descrito minuciosamente, acompanhando os efeitos do arsênico no corpo da heroína.

20

Podemos considerar Emma Bovary como uma metonímia da condição feminina no século XIX. A menina burguesa, educada pelas freiras no convento, torna-se leitora ávida de romances ultra românticos, que a fazem sonhar uma vida que não é a sua. Sofre a vida inteira, por viver uma realidade diferente da dos livros. Esse sentimento de não pertencimento ao seu próprio eu, de se imaginar alguém superior ao que se é, ganhou o nome de *bovarysme*, na língua francesa. Sem atividade profissional, sem os afazeres de mãe, sem se ocupar com a casa, sem se sentir com serventia alguma na sociedade, envenenada pelo ultra romantismo dos livros que lê, Emma sonha sem parar e vai decaindo, endividando-se, trocando

de amores, adoecendo até o ato supremo da morte voluntária. É uma vítima da sociedade que não lhe permite ter ocupação útil, do capitalismo que a faz endividar-se com um agiota, dos homens que exploram sua ingenuidade romântica, seus sentimentos.

Quando Flaubert afirmou, em sua correspondência, “*Madame Bovary, c’est moi*”, provocou muitas interpretações. É possível entender que ele fala de alguém que é leitor compulsivo e que tenta viver os seus sonhos, de alguma maneira. A pobre Emma apostou tudo em amores clandestinos extraconjugais, achando que eles realizariam seus sonhos. Flaubert apostou na literatura. Ao transpor os seus sonhos para o papel, ao realizar o que Baudelaire tanto pregava, criando “as flores do mal”, escolhendo a história da vida medíocre de uma pobre burguesinha de cidade do interior, para transformá-la em uma obra-prima do estilo, talvez a maior da literatura francesa, Flaubert transforma o medíocre em grande, realiza as suas flores do mal. Não é por acaso que *Madame Bovary*, o romance que ocupa o primeiro lugar entre os do seu gênero, na França, é publicado no mesmo ano, 1857, em que *Les Fleurs du Mal*, de Charles Baudelaire, atinge o ápice da poesia na França. Vejamos um trecho do livro de Vargas Llosa, sobre *Madame Bovary*:

Em todas as obras de Flaubert, mesmo aquelas que podem ser consideradas uma fuga na história, o romance continua sendo uma convocatória de um homem a outros homens para se encontrarem no imaginário verbal e, dali, entender como é *insuficiente* a vida que aquelas obras prodigiosamente resgatam e impugnam, salvam ao mesmo tempo que condenam. Sem renunciar a seu pessimismo e desespero, ao contrário, convertendo-os em matéria e estímulo de sua arte, e levando o culto do esotérico a um limite de rigor quase sobre-humano, Flaubert escreveu um romance capaz de combinar originalidade e comunicação, sociabilidade e qualidade. Porque nesse formalista intransigente a forma nunca esteve divorciada da vida: ele foi sempre seu maior defensor (LLOSA, 2015, p. 229).

Para finalizar, tentando um paralelo entre a série e o romance, artes diferentes, produzidas em datas bem diferentes, embora retratando realidades da mesma época, poderíamos dizer que, em *Le Bazar de la Charité*, as três mulheres encontram saídas para as suas vidas, tornam-se autoras de seus destinos. Ao contrário delas, Emma Bovary se desespera e se mata, talvez pelo fato de o livro de Flaubert ser um romance do século XIX, quando ainda não se via esperança para a condição feminina. Ao passo que na série da Netflix, produzida em 2019, tem-se perfeita consciência de que a mulher saberá conquistar o seu lugar na sociedade.

REFERÊNCIAS:

FLAUBERT, Gustave. *Madame Bovary*.

<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k65527210/f193.image> (visto em 16/03/2021).

- 22 LLOSA, Vargas Mario. *A orgia perpétua*, Alfaguarra, Rio de Janeiro, 2015.
[https://fr.wikipedia.org/wiki/Le_Bazar_de_la_Charit%C3%A9_\(s%C3%A9rie_t%C3%A9l%C3%A9vis%C3%A9e\)](https://fr.wikipedia.org/wiki/Le_Bazar_de_la_Charit%C3%A9_(s%C3%A9rie_t%C3%A9l%C3%A9vis%C3%A9e)) – Netflix.

Viajante e escritora: a intrepidez é feminina

Andrea Reis

Tendemos a conceber a imagem das mulheres do passado como prisioneiras de suas obrigações de filha, mãe ou esposa, imobilizadas pela falta de recursos financeiros próprios e limitadas a viver sob a tutela de homens que pudessem garantir a sobrevivência desses “frágeis” e “débeis” entes. Sem dúvida alguma, as restrições eram reais. Mas o significativo número de relatos de viagens escritos por mulheres francesas prova que esses obstáculos não puderam deter muitas dessas aventureiras.

Na França do século XIX, a herança do Iluminismo se espalhou em uma sociedade que acreditava tanto no conhecimento através da observação como na superioridade de seus valores. Muitos eram os motivos para se lançar em um mundo desconhecido: colonização, guerras, evangelização, estudos, explorações, comércio, emigração. É um tempo de conquistas e de descobertas. Tempo de explorar tanto as terras circunvizinhas quanto as paragens mais longínquas. As estradas de ferro e os navios a vapor encurtaram distâncias, tornando deslocamentos, antes incertos e muito arriscados, em jornadas exequíveis para o cidadão comum. Criam-se sociedades científicas e museus. Fazem-se inventários e mapas. Relatar conhecimentos e descobertas era não só um privilégio, mas um dever cívico. 23

Engajadas nessa dinâmica da expansão do conhecimento, algumas francesas também partiram a explorar o mundo e, tomadas por uma missão pedagógica, ao retornar a seus países, publicaram seus relatos de viagem. É o caso da parisiense Adèle Toussaint-Samson, mulher corajosa, empreendedora e letrada, que ousou,

como outras conferrêneas suas, partir e escrever: dupla emancipação em uma sociedade que confinava suas mulheres ao espaço doméstico.

Após uma experiência de mais de uma década vivendo na capital do Brasil do Segundo Reinado, essa intrépida mulher publica, em Paris, seu livro intitulado *Une Parisienne au Brésil* (1883). Neste mesmo ano, a obra foi traduzida e publicada no Rio de Janeiro. Antes mesmo que as versões francesas e brasileiras fossem editadas, a obra já havia sido publicada em forma de folheto, pelo mais importante jornal do Rio de Janeiro de então, o *Jornal do Commercio*, e, na França, pelo *Le Figaro*.

Desde o começo do século, ainda em um período em que os grandes deslocamentos eram terrivelmente perigosos e desconfortáveis, um número significativo de mulheres já ousava também partir. Acompanhando seus maridos ou empreendendo viagens solitárias: exiladas, aventureiras, missionárias, artistas, cientistas ou até mesmo algumas que, tendo a saúde fragilizada, buscavam climas favoráveis à sua recuperação. O fato é que as mulheres abriram suas asas e se lançaram ao mundo. É certo que a questão financeira, frequentemente, era um problema, nessa sociedade em que o Código Civil estabelecia a superioridade absoluta do homem no lar e a incapacidade da mulher. A mulher casada não era um indivíduo responsável e deveria viver sob a tutela de seu marido. Uma solteira ou viúva gozava de maior autonomia. Viagens independentes requeriam recursos, dos quais algumas mulheres dispunham, graças a heranças ou mesmo a seu trabalho como escritoras, em especial, a seus relatos de viagem. Em seu livro *Le roman des voyageuses françaises* (1800-1900), Françoise Lapeyre ilustra bem esse fenômeno.

Ainda que a porcentagem de relatos na voz feminina seja restrita, seu número ultrapassa os quatro ou cinco por cento das narrativas do gênero catalogadas na Europa. Esse número não é nada insignificante, se considerarmos que, somente na França, contabilizam-se de cinco a seis mil relatos de viagem no século XIX.

Um percentual similar é calculado para a Alemanha e a Inglaterra desse período (ESTELMANN, 2012, p. 10).

Na Europa do século XIX, à velocidade das inovações tecnológicas e do acelerado desenvolvimento industrial e comercial, seguiu-se uma revolução social em que o passado se confrontava com o futuro, novas tendências desafiavam os tradicionais valores culturais, e a antiga divisão das classes sociais se defrontava com o surgimento das massas trabalhadoras em formação. Foi um século revolto e confuso, mas farto em promessas. Na França, uma brilhante constelação de escritores e pintores se levanta para expressar uma concepção original de mundo, onde dominavam o entusiasmo e o gosto pelo exotismo. A partir de 1830, esses movimentos artísticos e literários se revestem, cada vez mais, de intenções políticas. Nesse conturbado período, uma coalisão de burgueses parisienses, operários socialistas e intelectuais românticos conduz a insurreição que leva à queda da monarquia de julho, em 1848.

Foi exatamente nesse o período que a parisiense Adèle Toussain-Samson viveu sua infância e adolescência, teve sua formação intelectual e tornou-se a destemida mulher que viria, ao lado de seu marido e de seu primeiro filho, ainda bebê, “fazer a América”. A escritora chegou ao Rio de Janeiro entre 1849 e 1850, residiu na capital do Império durante doze anos e, após seu retorno a Paris, escreveu e publicou suas impressões sobre o Brasil.

Adèle, filha de Joseph-Isidore Samson, um respeitado ator, professor e autor de peças teatrais, nasceu em 1826, ano em que seu pai ingressava na *Comédie Française*, a mais prestigiosa companhia de teatro da capital francesa. A mãe de Adèle, que também fora atriz, renunciou à sua carreira no teatro, para se dedicar à família.

O círculo familiar de Adèle Toussaint-Samson, assim como o entorno cultural que a envolvia tiveram grande influência no espírito da jovem escritora. Seu pai, amante da literatura e das ideias, ocupou-se pessoalmente da educação de seus filhos. Isidore ensinou

à Adèle francês, latim, história e geografia, até a idade de catorze anos. Adèle foi indelevelmente marcada pela forma como seu pai discutia com os filhos sobre várias áreas do saber, a qualquer hora do dia. Fez-lhes seguir um curso de literatura completo, tornando-o ainda mais extraordinário pela maneira como interpretava as belezas de cada obra, imprimindo-as para sempre em suas memórias. Sua mãe, ainda que tendo “sacrificado sua carreira teatral em prol de seus deveres familiares”⁵, sempre teve no teatro e na literatura uma paixão e, após a morte de seu marido, escreveu e publicou uma obra em sua homenagem. Uma de suas irmãs, Sra. Caroline Samson-Berton, teve uma bem-sucedida carreira de escritora, publicando livros infantis e peças de teatro. Adèle herdou a verve artística e a veia literária de sua família e, quando desembarcou no Brasil, suas primeiras incursões no campo da literatura já tinham sido publicadas na França: um folheto intitulado *Essais: d’après une note manuscrite* e a coletânea *Poésie de Mlle Samson*, ambos de 1843.

26

Em uma época em que “moças de família” tinham sua vida intelectual regulada por seus pais e maridos, reduzida a romances castos e almanaques virtuosos, Adèle e suas irmãs eram um avanço para sua época. Durante muito tempo, na França como em toda a Europa, ler e escrever era privilégio de uma pequena elite, majoritariamente masculina. No século XIX, com o florescimento das instituições de ensino e a expansão da alfabetização, o público feminino se torna leitor. Para muitas das mulheres, a leitura representa um passo em direção à sua emancipação. Com o progresso da indústria editorial e a melhor difusão dos livros, as mulheres, mesmo que lentamente, começam a participar dessa “revolução” da leitura. Ainda assim, esse processo continuava a revelar as reais desigualdades entre homens e mulheres, já que o que elas liam era supervisionado e controlado, em nome da preservação da moral e dos bons costumes.

⁵ TOUSSAINT-SAMSON, A. *Rachel et Samson : souvenirs de théâtre, par la veuve de Samson*, Paul Ollendorff, Paris, 1898.

Tendo Adèle, desde a mais terna idade, convivido com gente do teatro, das letras e do universo artístico em geral, aprendeu a ver o mundo com mais liberalidade. A literatura e o teatro, representação por excelência da sociedade francesa de então, descortinaram para ela uma visão mais ampla do mundo que a cercava.

Aos vinte anos, a escritora parisiense casou-se com um bailarino, filho de franceses, mas nascido no Brasil. As dificuldades vividas na França após a revolução de 1848, agravada pela epidemia de cólera que dizimava sua população, tornaram a vida dos profissionais do teatro muito difícil, já que dependiam da frequência do público. Pressionados pelas circunstâncias, o casal decidiu tentar a sorte do outro lado do Atlântico, no Rio de Janeiro, onde vivia um tio do marido de Adèle, que era professor de dança. Acredita-se que esse tio os tenha convencido a se juntar a ele na então capital do império brasileiro, tão afeita a tudo o que vinha da terra de Molière.

Na corte do Segundo Reinado, valorizava-se a influência francesa, que era associada ao progresso, à civilidade, à elegância e à erudição. Em meados do Oitocentos, viviam na corte muitos franceses, nas mais diversas ocupações: eram comerciantes, livreiros, artistas, cabelereiros, modistas e professores. Aprender francês, piano e dança era uma distinção ambicionada pela aristocracia desse país que se estabelecia como nação independente. Fazer boa figura nos salões era fundamental para essa elite brasileira, o que abria muitas oportunidades para professores franceses. Em 1851, o nome de Jules Toussaint, marido de Adèle, figurava nos anúncios do *Almanaque Laemmert*, onde o bailarino propagandeava suas aulas de dança. Dois anos mais tarde, no mesmo almanaque, Adèle Toussaint-Samson oferecia seus préstimos como professora de francês e italiano.

O marido de Adèle veio a se tornar professor de dança de Suas Altezas no Palácio Imperial, alcançando prestigiosa posição na corte. Mas a vida da jovem professora parisiense no Rio de Janeiro não foi

nada fácil. Adèle enfrentou muito preconceito por trabalhar fora de casa. A sociedade brasileira, já acostumada, desde os tempos coloniais, a confinar em casa suas mulheres, viu na consolidação do capitalismo e na ascensão da burguesia surgir um modelo de família, em que a esposa, dedicada ao marido e às crianças e desobrigada de qualquer trabalho produtivo, constituía um ideal de integridade e respeitabilidade, um tesouro social de valor inestimável. A boa reputação financeira e a articulação familiar, emblemas desse mundo relativamente fechado, criavam uma forma de proteção do mundo externo. Adèle circulava nesse mundo no qual as brasileiras não saíam às ruas, não tinham acesso à instrução e não participavam da vida política. As francesas, ou inglesas, que não se enquadravam nesse padrão de comportamento, eram tidas por prostitutas. A parisiense registra em seus relatos a dura experiência de ser malvista e tomada por uma cortesã pela sociedade carioca, pelo simples fato de andar pelas ruas para ir trabalhar sob “um céu de fogo”.

Como as brasileiras jamais saíam sozinhas às ruas naquela época, na cidade eram encontradas apenas francesas ou inglesas que, por esse único fato de saírem sós, viam-se expostas a muitas aventuras. “É uma madame”, diziam sorrindo os brasileiros, o que significava uma francesa e subentendia uma cortesã; pois a exportação de nossas cortesãs para o estrangeiro não é uma das partes menos importantes de nosso comércio (TOUSSAINT-SAMSON, 2003, p. 151).

No livro sobre o Brasil, que publicou quando voltou à França, a autora admite que alguns de seus compatriotas, que compunham a colônia francesa no Rio de Janeiro de então, “não brilhavam muito pelas maneiras e educação” (TOUSSAINT-SAMSON, 2003, p. 150). Eram, em grande parte, gente que saiu de seu país para fugir da pobreza e tentar fortuna na América, desprezados até mesmo pelo ministro da França, que deveria representá-los no país. Também reconhece a realidade do comércio que trazia meretrizes francesas,

tão apreciadas por aqui. Mas, dentre todos esses, havia também “um pequeno núcleo de pessoas bem-educadas, artistas, jornalistas, comerciantes [...] que teriam podido dar aos habitantes do Rio uma melhor ideia da nação francesa do que a que lhes vinha na rua do Ouvidor, dos alfaiates ou dos floristas” (ibidem).

[...] as francesas, fossem casadas ou não, não podiam sair sem se ver importunadas por cumprimentos, olhadelas ou bilhetes amorosos, de um gênero mais ou menos tão desenvolvido quanto este: “Senhora, amo-a; não pode receber-me em sua casa essa noite?” Sem mais cerimonia que isso! Aqueles senhores pensavam que bastava se apresentar e que, porque as francesas riam naturalmente e conversavam tanto com os homens quanto com as mulheres, sua conquista era das mais fáceis. Felizmente, mais que um recebeu de nossas compatriotas algumas boas lições (TOUSSAINT-SAMSON, 2003, p. 151-2).

Adèle questionava o isolamento imposto às mulheres, que eram confinadas em suas casas por seus pais e maridos, não podendo sair senão para ir às procissões e às missas. Sagaz, ela adverte seus leitores que não se iludam com esse comportamento aparentemente piedoso: “não se deve crer que, por não poderem sair, seriam mais virtuosas que outras” (TOUSSAINT-SAMSON, 2003, p. 153). Nessa sociedade de costumes patriarcais, “as aparências são tão bem guardadas que é preciso viver anos no país para chegar a conhecer o fundo daqueles interiores” (ibidem, p. 154). E Adèle o sabia muito bem. Sua condição de mulher lhe permitiu penetrar na intimidade dos lares, compartilhar de segredos e confissões de suas congêneres e revelar inusitados episódios privados a seus leitores. Finalmente, a autora acredita que, como ela, outras francesas puderam dar aos sul-americanos algumas lições, demonstrando que “há mulheres que, por ir a pé, sozinhas, ganhar a vida a ensinar sob aquele céu de fogo, não são por isso menos honradas” (ibidem, p. 153).

A parisiense, em todo tempo, entrelaça ingredientes autobiográficos a seus registros de viagem. A subjetividade autobiográfica é uma marca costumaz desse gênero literário. Alguns – e, aqui, não falo somente das escritoras femininas – deixam emergir sua subjetividade mais que outros; mas, sendo uma narrativa fundamentada no sujeito que enuncia, a descrição do objeto relatado é orientada pela parcialidade do “eu”. O que não desmerece o relato. Ao contrário, o enriquece, desde que se saiba ler o enunciador e o enunciado.

Em seu texto fluido, bem-humorado, crítico e, por vezes, irônico, a autora discorre sobre os mais diversos temas. Tomando seu leitor pela mão, Adèle o leva a percorrer as ruas e as casas do Rio de Janeiro do Oitocentos. Desde as impressões causadas pela paisagem, pela geografia e pelo clima, passando pelas relações entre as diferentes camadas da sociedade, a escravidão, a supersticiosidade do povo, que “é católico sem exame” (ibidem, p. 167), até a dissolução do clero, com seus monges glutões e promíscuos, nada escapa à sua pena. Adèle se posicionou a favor de mulheres oprimidas em seus casamentos, chorou e intercedeu por escravos em suas abomináveis punições, lamentou a ignorância de um povo que não lia, ignorava o que é a conversação e – segundo ela –, com exceção da música, não era capaz de apreciar nenhuma outra arte (ibidem).

30

Sua visão do Brasil e de seu povo lhe atraiu arrebatadas críticas de alguns intelectuais brasileiros. O tradutor da primeira edição brasileira de sua obra, o professor baiano Estevão da Costa e Cunha, em um arroubo de indignação patriótica, chegou a interpretar o texto original, atribuindo nuances que não correspondiam às intenções do texto.

No prólogo de *Uma Parisiense no Brasil*, a autora conta, de forma bem-humorada, a grande dificuldade que teve em conseguir a publicação de seus relatos. A imprensa acompanhara a evolução dos tempos: os processos de reprodução se mecanizaram, o jornal passou a ter uma tiragem diária e contava com muitos colaborado-

res. Nesse tempo, apesar de ser ainda um território essencialmente masculino, cresceu a presença feminina na imprensa francesa. Era uma grande oportunidade para a escritora-viajante, e esta não estava disposta a deixá-la passar. Foi preciso coragem para não desistir, pois muitas portas se fechariam diante dela. A autora introduz sua obra, nos relatando essa grande peripécia: “Se já lhe foi dado, leitor, estar alguma vez em sua vida em busca de um editor, sua simpatia por mim está decerto conquistada, e posso começar o histórico desse livro” (ibidem, p. 50).

O primeiro redator-chefe a quem Adèle ofereceu seus “estudos sobre o Brasil” disse-lhe, categoricamente, que não valia a pena enviar-lhe seus manuscritos. “Possuía tantos documentos sobre a América do Sul e já publicara tantas coisas sobre o Brasil, que a matéria lhe parecia esgotada” (ibidem, p. 44). A escritora, que tinha toda a coleção do jornal até aquele dia, procurou rapidamente a rubrica Brasil em seus exemplares e mostrou ao editor o quão inconsistentes e fantasiosos eram aqueles parcos artigos. Seus argumentos não convenceram o chefe da redação, e Adèle se dirigiu a uma segunda folha ilustrada, onde ela já havia publicado artigos diversos. “Há tigres, serpentes, missionários comidos pelos selvagens no que me traz?” (ibidem, p. 45), perguntou-lhe o diretor. Em vão, a autora tentou explicar-lhe o caráter verídico e sério de seu “estudo sobre os costumes e usos de um país onde vivera por doze anos” e que não inventava nada.

– Tanto pior! continuou ele, inútil então me deixar seu manuscrito. Publicamos recentemente uma novela cuja cena se passava no Brasil, que fez muito sucesso: onças, jaguares, serpentes, jibois e selvagens, não faltava nada. Era muito emocionante.

– Não duvido; mas, sem dúvida, o autor viajara pelo interior e explorara todo o país?

– De jeito nenhum, continuou rindo, o diretor do jornal. O autor

era eu. Servi-me de alguns relatos mais ou menos verdadeiros sobre a América e com eles costurei minha fábula. O que se precisa, antes de tudo, é divertir o leitor.

(TOUSSAINT-SAMSON, 2003, p. 46).

Mais uma porta lhe é fechada. Incansável e inabalável em sua determinação, Adèle procura uma casa editorial. Se os jornais rejeitavam suas lembranças do Brasil, ela as ofereceria ao público sob forma de livro. Encheu-se de coragem e foi propô-lo a um editor que achou que duzentas e cinquenta páginas eram muito pouco e que Adèle deveria alongar seu texto, esticá-lo, enfeitá-lo. Ainda lhe sugere que o intitule “Um drama nas florestas virgens”. Ora, sua obra não continha nenhum drama em nenhuma floresta virgem!

Um segundo editor apontou-lhe uma montanha de manuscritos acumulados em uma sala e disse que voltasse em um ano. Finalmente, um terceiro, a quem Adèle havia sido “calorosamente recomendada”, decidiu entregar o manuscrito a seus examinadores. A resposta, mais uma vez, foi decepcionante: declarou-se em relatório que sua obra “não podia convir ao gênero de publicação da casa, mas que o estilo era agradável”. A desapontada autora explica: “eu era mulher, não se podia conceder-me mais. Era já muita honra que se me fazia” (TOUSSAINT-SAMSON, 2003, p. 48).

Que fazer, então? Renunciar a fazer publicar meus estudos sobre o Brasil? Já que meus compatriotas não queriam absolutamente saber da “verdade verdadeira” sobre o Brasil e eu, de minha parte, não queria zombar deles?

“Fechemos tudo isso na escrivania, disse-me eu, e não falemos mais nisso.”

(TOUSSAINT-SAMSON, 2003, p. 49)

Uma ocasião, contudo, veio reacender as esperanças da obstinada escritora-viajante: aproveitando-se do interesse pelo Brasil, gerado nos franceses pela segunda viagem do imperador D. Pedro II

à Europa, Adèle procurou novamente o jornal parisiense *Le Figaro*, oferecendo parte de seus escritos que faziam referência ao monarca. O diretor do jornal achou que seria “de muita atualidade” e não só a recebeu em seu jornal como lhe remunerou generosamente pela publicação. Mas a odisseia estava apenas começando. Adèle teve que lidar com a reação da colônia de brasileiros residentes em Paris, que não achou seu estilo em nada agradável. O alvoroço e a indignação dos brasileiros ressoaram no Rio de Janeiro, onde a autora, segundo ela própria, foi colocada no “index” por todos os jornais cariocas. Adèle se defende: “Permita-me ele [o brasileiro], portanto, dizer-lhe seus defeitos assim como suas qualidades, a fim de que a imparcialidade empregada em meu julgamento dê a esse juízo todo seu valor. Que ele saiba ouvir a verdade, é o sinal da força moral” (TOUSSAINT-SAMSON, 2003, p. 43).

A preocupação com a verdade, no mais claro espírito positivista da época, é uma questão essencial para Adèle, assim como veio a se tornar para muitos outros escritores-viajantes. Ela insiste nesse ponto, afirmando, ao menos dez vezes ao longo de sua narrativa (seis delas no prólogo), que tudo que diz é a mais absoluta verdade. A noção de testemunho se impõe no relato do que ela viu, ouviu e viveu. Para a viajante, é a impressão deixada pelo que experienciou que permanece, dando ao relato o estatuto de verdade. O fato de ter estado presente, de ter sido testemunha ocular de um episódio ou de um hábito cotidiano qualquer, garante à sua perspectiva o caráter de incontestabilidade. Cabe a seu leitor lembrar que, ainda que Adèle, ou qualquer outro autor ou autora, tenha uma pena bem-intencionada e uma visão crítica lúcida, todos nós carregamos em nossos julgamentos as marcas de nossa história, de nosso meio, de nossa educação, de nosso tempo e de nossa cosmovisão. Toda narrativa carrega um traço da subjetividade do autor, que também fará seu encontro com a subjetividade do leitor, resignificando o que se lê.

Devolvamos, então, a palavra a essa obstinada mulher, Adèle Toussaint-Samson, que, rejeitando os clichês fantasistas associados a um exotismo voyeurista, tentou ser honesta no relato do que viu e viveu. Deixemos que conclua, aquela que não permitiu que os embaraços e contrariedades a demovessem de sua vocação; que lutou pra garantir seu acesso a um status público do qual muitas mulheres de seu tempo não ousariam sequer se aproximar; que enfrentou as interdições impostas por uma sociedade patriarcal, para ganhar espaço em um domínio, até então, masculino. E venceu.

E agora, que devo pensar de meu estilo? É realmente tão agradável quanto o disse aquele senhor, ou não o é absolutamente, como pretendem os brasileiros? Cabe ao público dizer-me sua opinião sobre ele e julgar, em última instância, se tive razão de tirar esse livro do fundo da minha escrivaninha, onde o confinara, e esperar que esses esboços sobre os costumes brasileiros, absolutamente verdadeiros, pudessem ter algum interesse para meus compatriotas. Desejo-o, e peço também aos brasileiros, que os recebam bem; pois, o que quer que possam pensar sobre eles, foram escritos por uma pena imparcial, mas amiga (TOUSSAINT-SAMSON, 2003, p. 50-51).

REFERÊNCIAS:

ESTELMANN, Frank; MOUSSA, Sarga; WOLFZETTEL, Friedrich. *Voyageuses européennes au XIX^e siècle. Identités, genres, codes*, Presses de l'université Paris-Sorbonne, Paris, 2012.

LAPEYRE, Françoise. *Le roman des voyageuses françaises (1800 – 1900)*, Payot & Rivages, Paris, 2008.

TOUSSAINT-SAMSON, Adèle. *Uma parisiense no Brasil*, Editora Capivara, São Paulo, 2003.

Uma mulher em litígio com o século XIX⁶

Mônica Fiuza Bento de Faria

Mulher fatal⁷, Eva reinventada, Mefistofélica, Marquesa de Sade, engolidora de almas..., assim eram algumas das referências dadas às mulheres do final do século XIX, época de misoginia extrema, cujas produções artísticas “cospem” vampiros femininos que esvaziavam o homem de sua substância criadora, deixando-os impotentes, tanto no sentido próprio como no figurado.

Enquanto o homem busca a essência da mulher na pena ou no pincel, tentando aprisioná-la em figuras estereotipadas de madona ou prostituta, a mulher procura abrir uma nova caixa de Pandora, o livro, desejando escrever sua história, com suas próprias palavras. Uma mulher ávida de conhecimento e poder, separando-se do homem de quem descobriu os segredos, tão bem representada no quadro *O encantamento de Merlin* (1874), de Burne-Jones⁸.

Depois do homem, ladrão do fogo, surge a mulher, ladra de linguagem, uma “eterna ladra”, como afirmou Mallarmé⁹: 35

[...] A mulher, por exemplo, essa ladra eterna... E veja bem, acrescenta meu interlocutor quase sorrindo, o que há de admirável nas lojas de novidades é, às vezes, sermos informados pelo comissário de polícia que a mulher se enfeitou indevidamente com algo cujo sentido oculto lhe escapava e, por conseguinte, não lhe pertence...¹⁰

6 As traduções de citações e prefácios são de Mônica Fiuza BF.

7 DIJKSTRA, B. *Les idoles de la perversité. Figures de la femme fatale dans la culture de fin de siècle*, Seuil, Paris, 1992.

8 *O encantamento de Merlin* (1874), de Sir Edward Coley Burne-Jones (1833-1898), artista e designer inglês, envolvido no rejuvenescimento da tradição de vitrais na Inglaterra.

9 Stéphane Mallarmé, citado em Jules Huret, *Enquête sur l'évolution littéraire*, Charpentier-Faquelle, Paris, 1891, p. 62.

10 [...] *La femme, par exemple, cette éternelle voleuse... Et tenez, ajoutez mon*

Muitas mulheres escreveram no final do século XIX, todavia enfrentaram inúmeros preconceitos e críticas de seus pares (homens), pois estes consideravam a atividade de escrever masculina. Nessa época, acreditava-se que a mulher se “viriliza” nessa ocupação julgada como contra natureza, imoral e perigosa, e que o homem se “feminiza”, levando a sociedade a um irremediável declínio.

Nascida Marie-Amélie Chartroule de Montifaud, em Paris, no dia 2 de abril de 1845, esta escritora optou pelo pseudônimo ‘Marc de Montifaud’, pela mesma razão que fez George Sand escolher o seu: inscrever-se plenamente no mundo editorial masculino da época.

Marie-Amélie, ou Marc de Montifaud, era filha de pai médico, considerado um livre pensador, Paul Chartroule de Montifaud, e de Angelina Armande Charlotte d’Archies, uma mulher católica. Enquanto sua mãe ensinava-lhe os princípios do catecismo, seu pai inculcava-lhe ideias novas e ensinava-lhe filosofia. Era uma apaixonada por arte, completou sua formação no ateliê do pintor retratista e mestre Tissier¹¹. De acordo com a nota do dicionário *Larousse*, ela começou sua carreira literária aos doze anos, escrevendo um romance italiano, um esboço de tragédia e alguns ensaios críticos. O jornal, pouco conhecido hoje, *Prazer e trabalho*, publicou alguns de seus fragmentos literários. Ela se casa, em 1864, com Jean François Quivogne de Luna, ou conde Juan-Francis-Léon Quivogne de Luna, homem da antiga nobreza espanhola, vinte anos mais velho. Em 1874, nasce Marc, seu único filho. Seu marido abriu-lhe as portas da vida literária, primeiramente na crítica de arte, pois ele era secretário de Arsène Houssaye, diretor da revista *O Artista*. O conde de Quivogne criou em 1867 o jornal *La Haute-Vie*, que terá vida curta.

interlocuteur en riant à moitié, ce qu’il y a d’admirable dans les magasins de nouveautés, c’est, quelquefois, de nous avoir révélé, par le commissaire de police, que la femme se paraît indûment de ce dont elle ne savait pas le sens caché, et qui ne lui appartient par conséquent pas...

11 Jean-Baptiste-Ange Tissier (1814-1876).

Em 1869, publicou seu primeiro livro, *Les Courtisanes de l'Antiquité. Marie Magdeleine*, que recebeu uma crítica favorável de Émile Zola. Uma história materialista e cética do catolicismo, que pode ser comparada a *La Vie de Jésus*, de Renan. A obra foi dedicada à Camille Flammarion, a célebre astrônoma que procurava, assim como ela, unir o material e o celeste. Este livro apresenta uma imagem pouco ortodoxa da amante de Jesus e provoca, evidentemente, a ira dos católicos. Publicado na Bélgica nas Edições Lacroix, a obra foi considerada, na França, um atentado à religião oficial do Estado. O escândalo da obra lança a escritora, que publica em Paris, em 1873, *L'Histoire d'Héloïse et d'Abailard*.

Marie-Amélie frequentava assiduamente a Biblioteca Nacional da França (BnF). Para fazer suas pesquisas na Biblioteca, costumava vestir-se como homem. Mesmo com seu pseudônimo e suas roupas de homem, ela não escondia o fato de ser mulher e, quando lhe sugerem dar a paternidade de suas obras a seu marido, ela recusa energicamente e reivindica toda a responsabilidade de seus escritos para si. Interessante citar aqui que, no mês de julho de 2020, a BnF deu-lhe destaque, na série *Fières de lettres*, que homenageava as escritoras.

37

Os escritos de Marc de Montifaud foram objeto de processos judiciais ou foram censurados. Quando publicou *Vestais da Igreja*, uma obra contra religiosas, apesar de ter escrito em seu prefácio “[...] quis apenas fazer uma obra de historiadora e de artista, considerando, assim, questões da fisiologia amorosa”, chegou a ser presa durante três meses e foi obrigada a pagar uma multa. Nessa severa sentença, podemos ler a frase bem significativa: “assuntos que não devem ser abordados pela pena de uma mulher”¹²; ou ainda: “Em tese geral, mais vale filhos do que livros na vida de uma mulher, mesmo se os livros forem belos e os filhos medíocres. Não seria preferível

12 MONTIFAUD, M. *Marc de Montifaud devant l'opinion publique*, op.cit., p. 31.

que a mulher passasse sua vida a cuidar de crianças difíceis e que não soubesse escrever?”¹³

A *Gazette des Tribunaux*, de 28 junho de 1877, na página 625, explicava que o livro foi objeto de processo por dizer “que a religião católica estimulava e superexcitava as mais sensuais paixões sob o véu do amor divino”. Na verdade, o maior inimigo das obras da Sra. de Montifaud era seu sexo, e a segunda edição do romance foi publicada pelas Edições Bruxelles Jansens, em 1877, na Bélgica, país um pouco mais liberal naquela época.

No entanto, Marc de Montifaud viu, em sua condenação, uma vitória do antifeminismo, e não se surpreendeu de tal punição. Em alguns jornais da época ditos “sérios”, havia comentários que faziam eco aos ataques contra as mulheres escritoras, opondo criação e procriação, julgadas incompatíveis. A partir desse momento, ela parece compreender como a escrita de uma mulher pode ser um ato provocador e contestador, e isto une definitivamente sua vida e sua obra: “Minha vida de autor é tão ligada a minha vida privada, que seria impossível separá-las”¹⁴.

38

A escrita, então, passa a ter uma força subversiva e a fazer parte integrante de sua identidade: “escrevi muitos romances, mas vivi todos profundamente”¹⁵. Recusando-se a abandonar a escrita para ser apenas “a esposa de”, ela lutou pelo direito das mulheres à “pena” e também abordou francamente o “direito imprescritível do romancista”.

Durante sua idade madura, escolheu vestimentas e corte de cabelos masculinos, como mais tarde fez Missy, a amiga da escritora Colette¹⁶. Sua obra vai além do espaço familiar. Em seu romance

13 Ibidem.

14 HIPPEAU, P. « *Marc de Montifaud* », In *La Galerie contemporaine, littéraire et artistique*, Ed. Baschet, t. II, n° 8, 1878.

15 Ibidem.

16 Sidonie Gabrielle Colette, escritora francesa com trajetória vanguardista em meio à sociedade conservadora de Paris de sua época (1873-1954).

Sabine, por exemplo, publicado em 1882, segundo romance de sua *Comédia contemporânea*, em alusão à obra de Balzac, aparecem sempre questões sociais e políticas, nas quais são desenhadas com precisão as artimanhas da elite e suas desavergonhadas ambições, baseadas quase sempre nas alcovas ou em histórias criminais banais. Ela desejava propor à mulher um novo papel e novas atitudes públicas. Sua jovem Sabine, mesmo vencida pela sensualidade e incompreensão dos homens, será um vetor de um feminismo voluntário. Assim, no romance encontramos o percurso matrimonial da bela Sabine confrontada, após ter recebido uma educação um tanto libertária de seu pai, tutor de filosofia bastante individualista, a um marido imbecil, mas ambicioso, e a um amor que mata. Pouco importa; Sabine é uma mulher livre. Antes do casamento, o noivo de Sabine teria motivos para se preocupar, como vemos nessa passagem do capítulo III, página 67:

– Bom, querem me casar com um Senhor que pagará minhas contas e falará de moral. [...] Há alguém que deseja casar comigo? Indagou Sabine.

– Sim.

– E qual é o nome desse seu protegido?

– Chamo-o de Raimbaut.

– Raimbaut? Isso é um nome? Ah, na verdade, há um camponês em Robert le Diable..., o noivo de Alice, que se chama Raimbaut. A propósito, esse tal Senhor Raimbaut vai me deixar fumar?

– Por que não?

– Ele vai me permitir usar minhas roupas de homem, me deitar na rede ou instalar um chafariz em meu quarto, se eu quiser?

– Com certeza.

– Isso é raro. Deve ser, então, um grande criminoso. [...]

Irônica e espirituosa, Sabine é uma arma sutil de destruição da moral convencional e dos costumes mundanos, concebidos por uma Montifaud que conhece bem seu feminismo. Estamos longe das falsas rebeldias de sua contemporânea Joséphine Colomb (1833-1892), célebre autora de livros para mocinhas, que, depois de dar a palavra às jovens mais rebeldes, cala-as fazendo-as casar rapidamente, como vemos em *Revoltas de Sylvie* (1889): “aprendeu por experiência própria que ninguém é completamente livre e que, na busca de se libertar das correntes que se carrega, corre-se o risco de encontrar correntes ainda mais pesadas”. Marc de Montifaud não usará deste subterfúgio, sua Sabine viverá o que as “Sabines” vivem, depois a personagem conhecerá um suicídio de grande originalidade...

40 Escritora de crônicas no jornal feminista *A Fronde* (1898-1903), discípula dos românticos, cujo testemunho podemos ler em *Os românticos*, que publicará em 1878, Marc de Montifaud incarna o elo que faltava entre Charles Nodier¹⁷ e Guillaume Apollinaire¹⁸, em uma etapa do pensamento livre e da liberdade de expressão, que terá seu auge no início do século XX, com Anatole France (1844-1924) ou Renée Dunan (1892-1936), poeta, escritora e bibliófila, um pouco esquecida, anarquista e feminista.

As atividades de crítica de arte de Marc de Montifaud, de 1867 a 1877, concentravam-se na revista *O Artista*. Suas críticas testemunham um gosto audacioso, marcado por um “ódio romântico” às meias medidas, uma aversão pela estética burguesa, terna, medíocre e sem paixão. Nesta perspectiva, ela acolheu bem os impressionistas, que romperam com as convenções.

Em 1875, ela funda com seu marido a revista *A Arte moderna*,

17 Charles Nodier (1780-1844), escritor francês do século XIX, a quem se atribui grande importância dentro do movimento romântico.

18 Guillaume Apollinaire (1880-1918), escritor e crítico de arte francês, possivelmente o mais importante ativista cultural das vanguardas do início do século XX, conhecido particularmente por sua poesia.

que mais tarde foi fusionada com a revista *Belas Artes*, de Arsène Houssaye. Nos números de julho a setembro de 1875, ela toma partido do nu do realismo contra o nu acadêmico. Nessa época, torna-se uma personalidade literária conhecida e mantém um “salão” literário, bem ao estilo do momento. Em 1901, ela perde seu marido, enfrentando, em seguida, problemas de saúde e dificuldades financeiras.

Sua obra, embora polêmica, foi extensa e está disponível no acervo da Biblioteca Marguerite Durand, em Paris. Em 24 de setembro de 1912, falece em Neuilly-sur-Marne. Suas principais obras foram: *As Vestais da Igreja* (1877), *Racine e a Vizinha* (1878), *Os Românticos* (1878), *Madame Ducroisy* (1879), *As Cortesãs da Antiguidade*. Maria-Madalena (1879), *As Novelas drolatiques*¹⁹ (1880-1890), *Sabine* (1882).

Marc de Montifaud foge para a Bélgica, na busca por mais liberdade de expressão, em dezembro de 1878, após o término da multa para seu romance *Madame Ducroisy*. No entanto, mesmo a Bélgica tendo um regime mais liberal em relação à imprensa, a polícia dos estrangeiros monitora seus escritos e Montifaud é objeto de investigação. Constantemente ameaçada de expulsão, ela teve de lutar para obter sua permissão de estadia. Em janeiro de 1879, ela publica a defesa de *Madame Ducroisy*, explicando que a única imoralidade cometida foi o ardor com o qual tratou algumas questões de economia social:

Infelicidade do escritor que, como eu, em um livro permite-se expressar a inquietude e o desânimo do homem moderno, o encoraja a lutar, quando se subentende que se deve, por não sei qual horrível conspiração com os burgueses, matar seu nervo e impedi-lo de refletir sobre seu destino.²⁰

19 Novelas que agradam pela originalidade ou esquisitice.

20 MONTIFAUD, Marc de. *Madame Ducroisy*, La presse et la justice, précédé d'une lettre de Raoul Postel, Ancien magistrat et ancien rédacteur de l'Echo universel, Paris, 1879, p. 44.

Prefácio

*As Vestais da Igreja*²¹

A história de *As Vestais da Igreja* não foi concebida com a ideia de estabelecer uma aproximação entre as épocas que exumamos e o clero contemporâneo belga ou francês. Assim, não temos o objetivo de atrair um círculo de leitores, mesmo assim escrevemos estas páginas.

Procuramos fazer uma obra de historiador e de artista, considerando, na ocasião, as questões de fisiologia amorosa, nada mais do que isso. Tomamos dessas Vestais, lá onde as encontramos, paixões `a ‘flor da pele’, diante ou longe da Cruz, mas sem nenhuma intenção de despi-las de suas coroas, sem pensar em bravata ou insulto.

Acreditamos que, sobretudo neste momento, o escândalo não está em um livro, mas na audiência, e ficaríamos surpresos se tentarem reconhecer nesses retratos das religiosas da Idade Média e do Renascimento, do século XVII e XVIII, o reflexo de nosso tempo.

42 Em razão de causas inúteis de serem desenvolvidas aqui, não julgaríamos a sociedade clerical, nossas repulsas e desconfianças em relação a ela são coisa bastante declarada, pelo menos supomos. Seria inútil voltar a isso. A mentalidade que dirige essas instituições e o absolutismo com que recompensam as consciências são convicções provadas e não foram objeto de nenhuma página deste livro, no qual tal tese teria jogado sua atração para muito longe.

E, quanto ao dogma católico, parece-nos que se deve afastar de nós qualquer desconfiança de ataque, diante de nossa total indiferença a seu respeito.

Marc de Montifaud
(1877)

21 In *Les Vestales de l'Église*, BnF Gallica.

REFERÊNCIAS:

BF, Mônica Fiuza. *Na antessala dos romances*, Antologia de prefácios de romances franceses do século 19. Edições Makunaima, Rio de Janeiro, 2020.

DIJKSTRA, B. *Les idoles de la perversité. Figures de la femme fatale dans la culture de la fin de siècle*, Seuil, Paris, 1992.

HIPPEAU, P. « *Marc de Montifaud* », In *La Galerie contemporaine, littéraire et artistique*, Ed. Baschet, t. II, n° 8, 1878.

Muito além de musa

Mônica Fiuza Bento de Faria

Louise Colet (1810-1876), nascida na cidade de Aix-en-Provence, é poeta, romancista, dramaturga, autora de biografias e relatos de viagem. Apesar de alguns sucessos, quatro prêmios da Academia Francesa de Letras e elogios de Victor Hugo e outros escritores, não conseguiu se impor como uma grande escritora de fato, comparável a sua contemporânea George Sand.

Sua obra foi bastante eclética e esquecida. A autora é lembrada apenas por sua extensa correspondência e relação com Flaubert²². A qualidade de seus textos nos parece bem heterogênea e, talvez, seja possível explicar isso pelo fato de a autora precisar de dinheiro para satisfazer às suas necessidades e às da filha e, por conseguinte, escrever depressa. Suas cartas e diário nos mostram como ela
44 circulava em um cenário de mundanidade, bajulação, hipocrisia e humilhação, para viver uma vida literária independente, manter sua reputação e tentar ser reconhecida pelo mundo masculino das letras.

Inicialmente escreveu e publicou poesias, pois possuía verso fácil, e este gênero, na virada do século ainda romântico, era muito importante. Seus poemas testemunham uma pluralidade de fontes de inspiração e, sobretudo, uma trama temática que combina elegância íntima e poemas engajados, como os surpreendentes “Paris Matière” (1868), “Fleurs du midi” (1836), “Penserosa” (1839), “Ce qui est dans le cœur des femmes” (1852) ou “Ce qu’on rêve en aimant” (1854).

22 FLAUBERT, G. *Cartas exemplares*, Ed. Imago, Rio de Janeiro, 2006 ou *Correspondance*, Bibliothèque de la Pléiade, Édition de Jean Bruneau, t. I-IV, Paris, 1973-1998.

Escreve também poemas sob encomenda, mas sabe reapropriar, misturar os temas impostos, íntimos ou mesmo políticos, rendendo-lhe, com “Le Musée de Versailles” (1839), “Le Monument de Molière” (1843), “La Colonie de Mettray” (1852) e “L’Acropole d’Athènes” (1854), quatro prêmios da Academia Francesa.

A partir dos anos 1850, escreve também romance, em parte, autoficcionais: *Une Histoire de soldat* (1856), *Un drame rue de Rivoli* (1857) e *Lui, roman contemporain* (1858), assim como novelas, *Les Cœurs brisés* (1843) e estudos sobre os costumes: *Les derniers marquis* (1866) ou *Ces petits messieurs* (1869).

Escrever, para Louise Colet, é escrever a vida, o que a torna muito moderna. A criação literária não se separa da vida e de suas vicissitudes. Ela escreve “Le Monument de Molière” (1843), sobre o qual um crítico dirá, na ocasião de sua morte, “versos de mulher com sotaque bastante masculino”²³.

Louise Colet é também uma mulher engajada, feminista, republicana e anticlerical. Ela trouxe a política para seus trabalhos; por exemplo, antes da queda do Segundo Império e de seu apoio à Comuna, em várias de suas obras ataca o desaparecimento dos valores morais. Em seu livro *La satire du siècle* (1868) e, principalmente, na primeira parte intitulada “Paris Matière”, ela dirige a Victor Hugo, seu grande mestre, uma poesia com enigmas, uma obra política de inspiração satírica, à maneira de La Bruyère²⁴:

Mestre, a podridão termina seu trabalho

Mostrar-lhe-ei o conjunto e o trabalho

Dissecando Paris, encaro o martírio

Acredite na verdade, como em minha sátira

23 L’Univers illustré, 18 de março de 1876, In BnfGallica.

24 Jean de La Bruyère (1645-1696), moralista francês, famoso por uma única obra, *Os Personagens ou costumes do século* (1688).

Em um século em que as mulheres são indivíduos de segunda categoria, na melhor das hipóteses destinadas a seduzir os homens e, na pior, dedicadas ao trabalho doméstico e ao cuidado dos filhos, o compromisso de Louise Colet em servir à causa das mulheres é constante:

Se alguma vez a luta se tornar grandiosa e sangrenta, eu quero me juntar a ela, quero reunir todas as mulheres, todas as mães, todas essas irmãs em dor e miséria, e fazê-las entender o que dizer, o que deve ser feito, o que se deve exigir! ... para que não sejam eternamente máquinas de prazer e reprodução da espécie!²⁵

Em *Penseirosa* (1840), lemos no poema “La Femme”: “Somos um resto da antiga escravidão. O homem sempre guardou para nós o direito da desconsideração”. Em *Deux Femmes célèbres* (1847), segue a linhagem literária das Luzes²⁶, retomando as etapas da vida da Senhora do Châtelet e de seu amor por Voltaire, para sublinhar como o gosto pelo estudo e os vínculos com a esfera espiritual se entrelaçam, em uma mimetização mal disfarçada de sua própria vida:

Há quase sempre na vida dos grandes homens uma figura feminina atraente, que os biógrafos apegados à figura principal desdenham cuidar ou que nos dão apenas de forma imperfeita. Não é para as mulheres que seguram uma pena reivindicarem essas memórias comoventes e nobres, muitas vezes não reconhecidas pela posteridade? As mulheres são tratadas um pouco por historiadores e moralistas como nações conquistadas. Ou seja, sua personalidade se desvanece, desaparece ou se funde com a do homem que as dominava. O que elas possuíam de originalidade, grandeza e, às vezes, gênio é reconhecido por eles apenas como um reflexo do espírito do homem famoso que envelheceu.²⁷

Louise Colet, assim como tantas outras escritoras, foi em

25 Carta a Désiré Bancel, de 21 de maio de 1850, In BnfGallica. Tradução de Mônica Fiuza BF

26 *Les Lumières*.

27 COLET, L. *Deux Femmes célèbres*, p. 10-11, In BnfGallica. Tradução de Mônica Fiuza BF

grande parte vítima da misoginia da crítica literária. Por ter ligações com vários escritores, ficou confinada ao papel de musa. Seus colegas, e até mesmo Flaubert, muitas vezes prenderam-na a um status feminino, considerado menor. Jules Barbey d'Aureville²⁸, por exemplo, ataca Louise Colet e dedica um capítulo inteiro de seu misógino *Les Bas-Bleus* (1878) a ela: “Não é apenas uma *bas-bleu*²⁹. É sempre a mesma! Ela eleva-se à abstração [...] seu pedantismo, para ela, era desgrenhado, inflamado, sibilino...”³⁰

Todavia, outros escritores teceram-lhe elogios, como dissemos no início. Seguem alguns exemplos:

Victor Hugo para Louise Colet:

Marine-Terrace, 27 de abril [1853]

Gosto desta ideia e a acho grandiosa. O poema é a mulher. O poeta é a mulher. Continue como começou. Agradeço por me ter feito ler esses nobres versos: ao lê-los, sinto-me menos exilado. Onde está a poesia, está a pátria. Você me transporta para a poesia. Seu poema é viril sem deixar de ser feminino. Você não poderia ter abordado isso de maneira melhor. A camponesa é a primeira nota desta escala de dores que chamamos ‘a mulher’. Assim, você vai subir de degrau a degrau até o artista, até a alma, até você. Amo esse poema por inteiro, mesmo as rudezas do linguajar, elas nos dão e ressaltam a realidade. A morte de Jeanette é o...³¹

47

Ou, ainda:

Você me enviou versos extraordinários. Retire deles o que é pessoal, ficarão ainda mais belos. Não perca tempo maldizendo

28 Jules Amédée Barbey d'Aureville (Saint-Sauveur-le-Vicomte, 1808; Paris, 1889) foi jornalista, ensaísta, romancista, poeta, crítico literário.

29 *Des bas-bleus*, expressão pejorativa para designar mulheres com pretensões literárias e consideradas pedantes.

30 D'AUREVILLY, Jules Barbey. *Les œuvres et les hommes*, V, *Les Bas-Bleus*, Ed. Slatkine, Genève, 1968 [1865], capítulo XIX, Mme Louise Colet, p. 237.

31 In BnfGallica, Tradução de Matheus da Cunha, no âmbito das atividades do LABESTRAD/UFF (2021).

o homem. Esqueça suas feridas e veja apenas o grande sofrimento. Suba, suba mais alto, mais ainda. Plane, pois este é seu dever de águia.³²

Théodore de Banville³³ escreveu³⁴:

Como a época em que nascemos por vezes nos traz estranhas reviravoltas! Senhora Louise Colet, poeta de grande e verdadeiro talento, balbuciou seus primeiros passos em uma época de neurose romântica em que era necessário ser pálida, fatal, tuberculosa e ter a flor de Lis³⁵ curvada, sob pena de morte. Assim foi tudo isso, como exigiam imperativamente a moda e a etiqueta...³⁶

O crítico Eugène de Mirecourt³⁷ dedica-lhe uma breve biografia, em 1856, na qual também é bastante laudatório, ainda que comece com as seguintes palavras: “Nós vamos contar a história de uma musa famosa, que um escritor de nossos dias feriu cruelmente no que diz respeito ao que uma mulher possui de mais caro no mundo, sua honra!”³⁸.

E mais adiante:

Sua poesia é grande e simples ao mesmo tempo, caracteriza maravilhosamente para nós o gênio do autor, que pertence ao

48

32 Carta de 17 de março de 1857, In HUGO, Victor. *Œuvres complètes, Correspondance*, t. II (années 1849-1866), Ed. Albin Michel, Paris, 1950, p. 268. Tradução de Mônica Fiuza BF.

33 Poeta francês (1823-1891), discípulo tardio dos românticos, líder do movimento parnasiano, colaborador de muitas das críticas literárias do seu tempo e influência nos simbolistas.

34 In *Les camées parisiens* (Série 2, 1866, p. 79-80).

35 Referência ao símbolo da monarquia.

36 Tradução de Eduardo Bessa, no âmbito das atividades do LABESTRAD/UFF (2021).

37 Charles Jean-Baptiste Jacquot, escreveu sob o pseudônimo Eugène de Mirecourt, era escritor e jornalista francês. Principal crítico de Alexandre Dumas, contribuiu com romances, contos e biografias, para a vida literária francesa da segunda metade do século XIX.

38 MIRECOURT, E. *Louise Colet*, Ed. HACHETTE BnGallica, Paris, 2018, p. 5. Tradução de Mônica Fiuza BF.

romantismo pelo conteúdo e ao gênio clássico pela forma. A Acrópole de Atenas respira um verdadeiro perfume da antiguidade. Se pudermos nos expressar dessa forma, esse poema brilha através de imagens delicadas e pinturas graciosas. Quase todos os versos parecem ter saído da pena de André Chernier.³⁹

Para o escritor Thierry Poyet⁴⁰, Louise Colet adota uma postura bastante inesperada:

[...] em vez de se opor a seus detratores ou buscar escrever de acordo com suas poéticas, definidas por eles como masculinas – longe da expressão de sentimentos pessoais e de um páthos violentamente criticado por Flaubert; entre a impessoalidade e o empoderamento da literatura –, ela se entrega a essa escrita “feminina” que eles estigmatizam constantemente, como que a reivindicá-la como pioneira de um certo feminismo. Seus romances, *Lui* ou *Une Histoire de soldat*, por exemplo, tornam-se assentamentos pessoais; seus relatos de viagem, *Deux mois d’émotion* ou *Les Pays lumineux*, sondam sua alma; seus poemas, *La Servante*, *La Paysanne...*, são defesas da grandiosidade do sexo feminino. Quanto aos textos biográficos, será preciso construir um pedestal para todas as mulheres merecedoras? Louise Colet promove a escrita de uma mulher, da mulher, segundo os valores atribuídos às mulheres pelos seus contemporâneos-homens, e finge ignorar o desprezo que recai sobre a escrita de emoção, sensibilidade ou empatia. Em seguida, estabelece a preocupação com o Outro como um valor superior da literatura.⁴¹

49

Christine Planté completa nossa reflexão:

Hoje, podemos facilmente concordar com a necessidade de redescobrirem, reeditarem, reinscrevê-las, as escritoras, na história

39 Ibidem, p. 17. Tradução de Kevin Soares no âmbito das atividades do LABESTRAD/UFF (2021).

40 POYET, Thierry. « Louise Colet, « écriture féminine » et codification du féminin », In *Sociopoétiques* [En ligne], n°4, mis à jour le: 28/11/2019, <https://revues-msh.uca.fr:443/sociopoétiques/index.php?id=698>. (visto em 04/03/2021).

41 Tradução de Mônica Fiuza BF.

literária, mas ela concorda que é realmente o valor de suas obras que deve ser discutido, devemos também tratar as poetisas como poetisas, considerando-as em uma história da poesia comum, muitas vezes conflitante.⁴²

Prefácio⁴³

Lui⁴⁴

La Bruyère disse:

A falsa modéstia é o último refinamento da vaidade, faz o vaidoso não parecer como tal e, ao contrário, se afirma em virtude do vício que constitui seu caráter. Você diz que tem que ser modesto, gente bem nascida não pede nada melhor: só faça com que os homens não usurpem quem cede por modéstia e não quebrem quem se curva.⁴⁵

50 Como alguém tentou me atacar criticando este livro, levanto a cabeça, pego a luva que jogaram em mim. Deixei Paris, no dia seguinte ao aparecimento da primeira edição do romance que vamos ler. Quatro edições se sucederam sem que eu pudesse rever as provas e proteger o leitor dos ataques dos jornais, em um breve prefácio. Esses ataques foram numerosos e violentos.

Embora dois romances do mesmo gênero, que me censuravam, tenham precedido a publicação do meu, os jornais ‘sérios’, como dizem, concentraram contra mim sua indignação e exorcismos, tal qual um grande batalhão. “Não leiam”, disse a crítica mais autorizada às mulheres do mundo, “não leiam este livro impuro!”, endereçando-me assim a palavra orgulhosa que Rousseau pôs na cabeça de sua

42 PLANTE, Christine. « La place problématique des femmes poètes », In *Les femmes dans la critique et l'histoire littéraire*, Martine Reid (dir.), Honoré Champion, coll. « Littérature et genre », Paris, 2011, p. 72.

43 Tradução de Mônica Fiuza BF.

44 COLET, L. *Lui* (1859), Ed. Calmann Lévy, 1880, In BnfGallica.

45 Tradução de Luiz Fontoura, In *Jean de La Bruyère*, Ed. Ridendo Castigat Mores, e-book.

Nouvelle Héloïse. Outro crítico chamou-me de Madame Cottin⁴⁶, dublê de Mogador⁴⁷. Um terceiro, de pagã saudosa das antigas orgias. Os mais moderados me julgaram como possuindo alma enganada pela ousadia e dúvida, desejosa de retornar rapidamente à saudável regra do respeito humano e procrastinação devota.

Alguns dos que leram uma obra extraem dela certos trechos cujo sentido não compreenderam, e ainda os alteram, com tudo o que acrescentam por sua conta; e esses trechos assim corrompidos e desfigurados, que não são mais que seus próprios pensamentos e expressões, expõem-nos à censura, sustentando que são maus, e todo mundo concorda que o são; mas o trecho da obra que esses críticos pensam citar, e que na realidade não citam, não é pior.

Novamente é La Bruyère que, desta forma delicada e profunda, define os detratores de um livro. Sim, isso é certo! “A obra, corrompida e desfigurada por tudo o que colocam nela” é assim exposta à censura cega do público, conscientemente enganado por críticos espúrios. São eles que a justiça deveria condenar como violadores e falsificadores do pensamento, que de todas as características humanas é a mais sagrada.

51

Então, qual foi meu crime? Não podiam me acusar de ter reduzido as poderosas individualidades que gostaram de reconhecer em meu livro, pois deixei-lhes a grandeza conturbada, mas real, e, por respeito, poetizei e enobrei as personagens secundárias que as proclamavam.

Foi assim que dotei de irresistível beleza o amante da aventureira, que distrai a heroína por um momento. Ora, se acreditarmos na tradição veneziana, o pobre doutor Tibério seria muito feio. A beleza

46 Escritora francesa (1773-1807), famosa por suas cartas, amante das letras e das artes. O estudo era para ela mais importante que as distrações da sociedade.

47 Élisabeth-Céleste Venard, esposa de Chabrilan (1824-1909), foi uma prostituta, cortesã, dançarina, atriz, autora, cantora, proprietária e diretora de teatro, francesa, conhecida pelo seu nome artístico a “Mogador”.

perdeu seu prestígio nas sociedades modernas, que tanto desprezam a plástica, e as mulheres neocristãs acreditam que pregar a feiura é uma virtude, como redenção de sua queda inevitável, afirmando que a união de almas vale mais que a luxúria de corpos perecíveis.

A Antiguidade era mais ingênua e gostava mais do amor. O poder da beleza era muito importante e era suficiente justificar o amor das deusas pelos pastores simples e o dos aristocratas pelos escravos. Diminuí minha heroína dando-lhe cores antigas? Insistindo aqui apenas na questão geral da beleza, esta atração avassaladora, parece óbvio que as mulheres que persistem neste ideal carnal fazem dele uma das condições exclusivas do amor. Não seriam elas de uma natureza mais casta e as menos fáceis de ‘treinar’?

A beleza física do homem tornou-se muitas vezes tão rara quanto sua beleza moral. E as mulheres que a exigem para se renderem à vertigem do amor estão fadadas ao fracasso, assim como as antigas deusas e patrícios. Em todo caso, este livro foi declarado impuro e o autor condenado ao desacato. Dessas calúnias, pronunciadas de forma lúdica, às vezes emergem a ruína e o desespero de um escritor. Mas esses juízes frívolos de um tribunal efêmero importam-se com essa imolação?

Lembro que estava em Veneza, no grande salão da Academia de Belas Artes, onde podemos ver a *Assunção da Virgem*, de Ticiano⁴⁸. Sentado em frente ao quadro, contemplei com deleite o admirável grupo formado pelos angustiados apóstolos. Com as cabeças atiradas para trás, agarradas com dolorosa consternação, estendem os braços a olhar para a mãe de Jesus, prestes a desaparecer no céu. Que movimentos! Que atitudes suplicantes e desoladas! Ouvimos essas almas orando e chorando, esses lábios, gestos, músculos que compõem a evocação suprema! “Fique entre nós”, disseram os apóstolos a Maria, “seu filho se foi deixando-nos sua doutrina e sua

48 Ticiano Vecellio ou Vecelli foi um dos principais representantes da escola veneziana no Renascimento.

mãe, mas o espírito vacila com o sopro da terra. Fique para nos guiar, criadora visível e palpável do divino Redentor!”

Então choramos e lamentamos quando o amor, esse ideal humano, escapa-nos. Olhava cada cabeça expressiva e viva dessa bela pintura, quando o *cameriere*⁴⁹ do meu hotel entrou e me entregou um pacote de jornais e cartas atrasadas, que sabia que eu aguardava impacientemente. Examinei os jornais, encontrei as mesmas amenidades já mencionadas! Abri uma das cartas com o carimbo do Ministério da Instrução Pública e li que minha pensão literária de vinte anos fora abolida. A semente da crítica gerou frutos precipitados e venenosos. Nossos ministros não têm tempo, como o Sr. De Cavour⁵⁰, para ler romances, e acreditam nos péssimos jornalistas. Eu era uma Eumênide⁵¹ perigosa que precisava ser punida o mais rápido possível. Uma carta informava-me que o editor de um grande jornal se recusava a publicar um de meus romances, mesmo tendo aceitado antes, por causa dos rumores perversos que o livro suscitara.

Assim, fui atingido⁵² por todos os lados. Mas, por uma dessas providenciais coincidências que amenizam as feridas do poeta, recebi esses repetidos golpes diante das obras-primas da arte e, em comunhão, por assim dizer, com todas essas figuras imortais, criação do gênio. Elas me olharam pensativas, algumas compassivas, outras arrogantes, mas todas serenas e inalteráveis. Elas me imbuíram de

49 Mensageiro.

50 Conde de Cavour (1810-1861), político italiano, ex Primeiro Ministro, líder agricultor, financeiro e industrial. Defensor das leis para diminuir os privilégios do clero, que previam a abolição dos tribunais eclesiásticos e do direito de asilo nas igrejas e nos conventos, a redução do número das festividades religiosas, a proibição das corporações eclesiásticas de comprar bens e receberem heranças ou donativos sem a permissão do governo.

51 Na mitologia: cada uma das três Fúrias que atormentavam as almas dos condenados ao inferno.

52 Nos prefácios dessa época, vemos que as escritoras escreviam no masculino, como se fossem escritores.

sua calma e dignidade. Lá fora, Veneza escravizada⁵³, Veneza em luto, carregando orgulhosamente suas correntes, na expectativa de libertação, flutuando nas águas, imóvel, sorriu melancolicamente para seu lindo céu azul radiante.

Saí do salão dos grandes mestres da escola veneziana, embarquei em uma gôndola e fui até o Lido. Absorto no esplendor e tranquilidade do dia, no coração apenas uma pequena mancha negra, vaga, já clareada. Por que, então, disse a mim mesmo, embriagando-me de luz e solidão, o poeta e o artista, assim como os outros homens, precisam do pão de cada dia? Essa necessidade inexorável, mesmo que não queiram, os mergulha incessantemente na correnteza turbulenta, escurecendo as alegrias da natureza e o esplendor da beleza.

Alguns dias depois, parti para Milão. Meu romance, denegrado pela imprensa francesa, despertou curiosidade por lá. Fez amigos na sociedade italiana, estranha aos nossos círculos. Foi após a leitura deste livro que o Sr. de Cavour quis me conhecer. Massimo d'Azeglio e Giorgini, genros do ilustre Manzoni⁵⁴, leram-no e disseram ao incorruptível autor de *Promessi Sposi*⁵⁵ para lê-lo. Eu teria ousado contar-lhe esta história de paixão tempestuosa. Eis o julgamento feito pelo poeta virtuoso:

Do ponto de vista cristão, disse-me, não posso aprovar esta preocupação febril e exclusiva de seus personagens, com a felicidade terrena que sempre nos escapa. Do ponto de vista humano, encontrei neste livro uma psicologia sincera, emoção nobre e sátira corajosa da sociedade moderna.

Há outra apreciação, embora obscura, que desejo citar, porque veio de um dos corações mais retos e morais que conheço. Quando

53 Nesta época, Veneza estava sob o domínio austríaco.

54 Alessandro Manzoni (1785 -1873), poeta, romancista e filósofo italiano.

55 *Os Noivos* é um romance histórico italiano de Alessandro Manzoni, publicado pela primeira vez em 1827, em três volumes, que tem sido considerado, por alguns, o mais famoso e lido na língua italiana.

voltei da Itália, parei alguns dias no sul da França, na casa de um velho parente de minha mãe. Uma manhã, enquanto conversávamos em sua vasta biblioteca repleta de obras-primas da literatura antiga e moderna, vi, luxuosamente encadernado, em uma das estantes, meu pobre romance vilipendiado pela imprensa parisiense.

– Como? disse ao gentil solitário, este livro infeliz foi bem recebido por você?

– Minha querida criança, respondeu, você escreveu uma obra ousada de verdade, mas as mentes falsas e doentias da época nunca irão perdoá-la. Daí a tempestade cheia de raios que explodiu sobre você. A virtude silenciosa não tem tais explosões, irritou a todos as hipocrisias da moralidade da época: o simulacro do amor, do talento, das convicções políticas e religiosas. A palavra dura e firme de um crente, lançada neste labirinto de consciências incertas, sempre será chamada de sediciosa e ímpia. Porém, ainda existem, graças a Deus, algumas almas honestas e equilibradas que não confundem o uivo da moralidade de fachada com a voz imutável da moralidade eterna. Essas almas o absolverão como eu o absolvo.

Oh, La Bruyère, Montaigne, Molière, Diderot, Voltaire! Grandes sacerdotes imortais do culto imperecível da justiça e da verdade, e você, Balzac, seu irmão glorioso, o revelador corajoso das covardes paixões contemporâneas que ocultam sua lepra sob uma máscara puritana! Oh espíritos orgulhosos e livres, que nunca aceitaram os compromissos tímidos de escritores arregimentados! Não sei se meu orgulho me engana, mas me parece que, se você vivesse, ratificaria o julgamento deste solitário puro e que, aplaudindo meu implacável espírito, inacessível ao medo, diria a quem insultou-me: “Deixe essa alma cantar em paz, pois ainda acredita na beleza, liberdade e amor!”

55

Louise Colet.
Agosto de 1863

REFERÊNCIAS:

COLET, L. *Lui* (1859), Ed. Calmann Lévy, 1880, In BnfGallica.

PLANTE, C. « La place problématique des femmes poètes », In *Les femmes dans la critique et l'histoire littéraire*, Martine Reid (dir.), Honoré Champion, coll. « Littérature et genre », Paris, 2011, p. 72.

POYET, T. « Louise Colet, « écriture féminine » et codification du féminin », *Sociopoétiques*, In <https://revues-sh.uca.fr:443/sociopoetiques/index.php?id=698> (visto em 04/03/2021).

Clémence Robert, engajada na política e no social

Mônica Fiuza Bento de Faria

Clémence Robert (1797-1872) escreveu várias novelas e romances, obtendo muito sucesso em sua época, com seus relatos históricos, assim como Alexandre Dumas e Eugène Sue. Mas, no final dos anos 1860, seus romances não encontram mais leitores e, hoje, poucos a conhecem.

Leitora secreta e contumaz da biblioteca de seu pai, teve acesso a autores como Rousseau, Montesquieu e Voltaire, que lhe inspiraram seu espírito republicano. Após a morte do pai, a família mudou-se para Paris, onde seu irmão, com a herança da mãe e irmã, monta uma empresa de relógios náuticos. No início, a vida da família é difícil. Como seu irmão prosperou nos negócios, Clémence pôde se dedicar à literatura: “Se tivesse nascido pobre, seria obrigada a ganhar meu sustento pela literatura, e se o céu me fizesse nascer princesa, escrever teria sido minha única felicidade”⁵⁶.

57

Começa escrevendo poesia e publica em várias revistas, como o *Journal des Femmes*. Conhece vários escritores que a ajudam. Mas foi pela tradução do romance polonês *Les Ukrainiennes*, de Górczyński e Malczewski, que em 1835 torna-se conhecida. Em seguida, graças às críticas literárias e a alguns autores, tais como Amable Tastu ou Virginie Ancelot, recebe do editor Ambroise Dupont a encomenda para escrever um romance, *Une famille s'il-vous-plaît !*, sem muito sucesso. Mas, apesar disso, persiste e, em 1839, publica *L'abbé Olivier, que desperta certo interesse*. A partir daí, publica em vários jornais franceses, ingleses e belgas, romances

56 Annales de l'Académie de Mâcon: société des arts, sciences, belles-lettres et d'agriculture, Ed. Mâcon, 1851, In BnfGallica, p. 208.

históricos e de “capa e espada”: *La duchesse de Chevreuse, Jeanne la Folle, Le marquis de Pombal, l'Amant de la Reine e William Shakespeare 1843*.

Em 1845, após a morte da mãe, ela se retira por um tempo, triste e só, em Abbaye-aux-bois, porém, retorna a Paris para participar ativamente dos acontecimentos de 1848, época em que conhece a feminista Eugénie Niboyet e, juntas, criam e redigem o jornal *La Voix des femmes*. As questões sociais, os salários miseráveis, a prostituição de jovens para garantir seus sustentos serão os principais temas abordados por Clémence. Com o fracasso do movimento de 1848, seus sonhos são destruídos, então decide abordar seus temas de preferência em romances populares.

Grande admiradora de George Sand e Eugène Sue, publica também alguns textos contemporâneos, como *Garibaldi*, uma vida romanceada deste italiano, homem político e revolucionário, assim como *Le Saltimbanque*. Mas a maioria de suas obras compreende relatos históricos. Seu maior sucesso foi *Les Quatre sergents de La Rochelle*, que relata a repressão da Restauração contra os soldados republicanos em 1822. Publica também: *Latude ou les mystères de la Bastille, Mandrin, Le Tribunal secret, Les Souterrains de Saint-Denis, Le Batard du roi, Les Nuits de la forêt, Le Magicien de la barrière d'Enfer, Les Amants du Père-Lachaise e Exili l'empoisonneur*.

58

Durante vinte anos escreveu mais de cem romances. Alguns deles obtiveram grande sucesso e hoje estão disponíveis na BnfGallica, na Internet: *Les Mendians de Paris*, com quatorze reedições e *Les Quatre sergents de La Rochelle*, relato sobre a Revolução de 1848, com doze reedições. Ambos publicados em coleções populares, a preço módico: vinte centavos.

Seus romances são construídos em torno de alguns personagens principais, cada um focado em uma ideia forte: justiça, caridade, amor, defesa dos humildes, lutas contra os tiranos. O herói, à margem da sociedade, luta contra o Mal em uma luta às vezes violenta

e sempre maniqueísta. Seus personagens são muitas vezes representativos das correntes de seu tempo e destituídos de qualidades excepcionais ou ainda cortesãs redimidas pelo amor. Ela administra habilmente o mistério, multiplica as sociedades secretas, acumula dramas, conduzindo a ação em um ritmo frenético para um final às vezes feliz, mas nem sempre. Ela se considera socialista e descreve uma sociedade em que uma admirável plebe luta contra as elites depravadas e corruptas. Seus textos afirmam ser os depositários da vontade e desejos do povo que lutou em 1848, e, para isso, ela se inspira principalmente na História.

Interessante notar que Clémence publicou vários romances com um título na imprensa (jornais e revistas) e, depois, com outro, no formato livro. Por exemplo, *Jeanne de Castille* (*La Presse*, 1843) é transformado em *Jeanne-la-Folle*; *William Shakespeare 1843* foi publicado em 1859 com o título *Le Poète de la mer*; *Les Tombeaux de Saint-Denis* (1845) reaparece com o título *Les Souterrains de Saint-Denis* em 1859; *Poor Devil* (1846) é reimpresso com o título *La Misère* (1860). Em 1856, o crítico Eugène de Mirecourt escreveu um pequeno volume sobre Clémence Robert, em sua série *Les Contemporains*. Ele escreve: “seus romances de costumes primam pela não observação, implausibilidade e estranheza”. No entanto, reconhece neles “verdadeiras qualidades dramáticas, grande facilidade de diálogo, força de interesse, impossíveis de ignorar”. Ou ainda: “Uma imaginação sem freios desde a juventude, conduzindo-a eternamente a penhascos íngremes do paradoxo, em meio à névoa democrática e social”.

Como seus textos estão intimamente ligados aos anos 1840-1860, à medida que a sociedade transforma-se, eles perdem o interesse e, na década de 1860, já estavam fora de moda. Assim, decide parar de escrever, muda-se para um pequeno apartamento, onde aos poucos se tranca sozinha (seus amigos morreram), falecendo em 1872 com quase 75 anos. Por mais de dez anos, seus livros ainda

serão republicados, mas, depois, gradualmente, Clémence cairá no esquecimento. A última edição de seu grande sucesso, *Les Quatre sergents de La Rochelle*, data de 1906. O compromisso de Clémence Robert era político e, acima de tudo, social. Ela desconfiava de belos romances, sem nenhuma lição. Em um de seus raros prefácios escreveu: “A literatura que tem apenas um mérito puramente literário é mero entretenimento da mente. [...] Mas os escritores com noção de futuro percebem que o tempo dessas festas já passou e encarregam a literatura de levar sua pedra para o edifício social”⁵⁷.

Prefácio da Segunda Edição⁵⁸

O abade Olivier

Único desejo

Aos que leem este livro, ou melhor, aos que o têm em suas mãos, o olhar distraído, o dedo pronto para passar a folha, a alma tendendo à culpa pela saciedade, peço-lhes que não atribuam ao autor as opiniões do personagem que vai passar diante deles e, se possível, que esperem até o final da obra para julgar as ideias religiosas desta que o escreveu.

Os sofrimentos relacionados a uma profissão que, depois de ter sido por muito tempo dominadora, entrou na categoria mais obscura, aconteceram diante de meus olhos. Retratei-os: as nuances preencheram páginas, preencheram o livro e mais uma gota caiu no Oceano literário.

Vários escritores dedicaram-se, nos últimos tempos, a evidenciar os perigos e infortúnios inerentes, segundo eles, ao celibato dos padres, reivindicando para eles uma participação na união universal dos seres humanos.

Eu não me preocupava com essa questão: o tato moral era

⁵⁷ Ibidem, p. 211.

⁵⁸ ROBERT, C. *L'Abbé Olivier*, Ed. Gabriel Roux, Paris, 1859, In BnfGallica.

suficiente para afastar toda a controvérsia da pena de uma mulher. O padre que conheci sofreu sobretudo no seio de uma sociedade que vive mais a religião, da qual ele é ministro, pela sua impotência, ociosidade e abandono. Ele sofreu com o peso de sua batina negra, em uma época em que os membros do clero, possuindo apenas seus títulos, podiam ser chamados, como os despossuídos merovíngios, de “raça de sacerdotes preguiçosos”. Para sentir melhor sua nulidade, ele se viu diante do industrial e do jornalista, os poderes materiais e intelectuais do século.

A tristeza da igreja abandonada espalha sua tonalidade escura por toda parte, mas esse silêncio doloroso, esse estado de ruína, é mais perceptível no ministro do culto. Colocados no seio da instituição decadente, sob o mesmo destino, eles sentem mais intensamente todas as suas dores: seu peito é como o sino vibrante, onde cada golpe doloroso soará antes de se espalhar no mundo. Na alma do personagem Olivier estão a repulsa, frias incredulidades, suspiros do desânimo de um homem fraco, e, na alma de Victorien (outro personagem), esperanças do padre fervoroso, que acredita que o catolicismo eclipsou apenas por um momento, mas ainda está bem vivo, cheio de futuro e destinado a retomar o império do mundo moral. Desses dois pensamentos opostos, resultam confusão e dúvida, a mais difundida hoje, mas também a incerteza, que está no fundo da alma social.

Esse estado passará? Gênio de todos os tempos, o leitor sabe disso. O obscuro escritor nada pode fazer para influenciar seu século, sua ação limita-se a refletir sobre o que se passa ali, a fim de chamar a atenção das mentes mais poderosas para os pontos de sofrimento. O grão de areia que rola de um monumento, a grama seca que o riacho varre do prado, a pena do pássaro girando no ar, um suspiro que passa, uma corda se rompendo, todos esses fracos vestígios caindo em torno do zeloso pensador fazem-no pensar no edifício em ruínas, no pássaro sofredor, no campo murcho. O pensamento que

emerge desses objetos, todos frágeis e oscilantes, cresce, eleva-se, atinge as causas escondidas, percorre os princípios criativos, alcança a potência benéfica e desce, carregando nessas asas sementes para toda uma nova primavera.

Que todas as páginas que escrevo sejam como o grão de areia e a grama do riacho, chamando o olhar do pensador para a religião, o amor e a poesia, todos os elementos da vida espiritual dos quais são apenas lampejos. Em um livro publicado há um ano, tentei esboçar alguns traços da triste condição do bastardo, outro infeliz do século, que tem o isolamento em sua origem, como o padre em seus objetivos. Esse livro teve seu sucesso de afeto, algumas pessoas simpáticas, gentis e muito lisonjeiras gostaram do autor por causa dele. Que este tenha o mesmo resultado, que será meu triunfo, minha fama, fortuna e meta alcançada. Este é meu único desejo.

Clémence Robert

REFERÊNCIAS:

Annales de l'Académie de Mâcon: société des arts, sciences, belles-lettres et d'agriculture, Ed. Macon, 1851, In BnfGallica.

DE SENANCOURT. « Etudes sur Clémence Robert », In *Biographie des femmes auteurs*, Ed. A. DE MONTFERRAND, Paris, 1836, In BnfGallica.

MIRECOURT, E. *Clémence Robert*, Collection des Contemporains, In BnfGallica.

SECHE, A. « Clémence Robert », In *Les Muses françaises*, Ed. Louis-Michaud, Paris, 1908, In BnfGallica.

TARDY, J.N. « Les Quatre sergents de La Rochelle », Histoire par l'image [on-line], consultado em 11/03/2021, <http://histoire-image.org/fr/etudes/quatre-sergents-rochelle>.

Marie-Louise Gagneur, feminista?

Mônica Fiuza Bento de Faria

Marie-Louise Mignerot (1832-1902), embora um pouco esquecida hoje em dia, foi uma autora militante, lutou pela república francesa, pela paz, justiça social, igualdade e pelo anticlericalismo. Afirmava, principalmente, a necessidade da igualdade absoluta das mulheres, combate que ainda não recebia o nome de feminismo. Para ela, a mulher não deveria ficar sob a tutela do homem e, sim, estudar, trabalhar e ser independente

Marie-Louise é filha de um tabelião chamado Mignerot, e sua educação foi em um convento; parece que dessa infância resulta seu ódio pela igreja. Ainda bem jovem, se interessa pelas classes operárias e, em 1855, publica uma espécie de livreto intitulado Projeto de associação industrial e doméstico para as classes operárias. Este livreto chama a atenção de um deputado de esquerda, Wladimir Gagneur, vinte e cinco anos mais velho do que ela e autor de estudos sobre cooperativas camponesas da região do Jura, onde nasceu Marie-Louise. Casam-se! Marie-Louise adota seu nome de casada para assinar inúmeros romances: *Jean Caboche à ses amis les paysans*, *Mésaventure électorale de M. le Baron de Pirouëtt* e *La Politique au village*. Publica, também, novelas como *Chair à canon* e *Le Roman d'un prêtre*.

Em 1891, Marie-Louise solicita à Academia Francesa de Letras a feminilização dos nomes das profissões. Esta solicitação foi duramente recusada, principalmente por Leconte de Lisle e Charles de Mazade, com argumentos curiosos. Por exemplo, para “autor”, Charles de Mazade justifica sua recusa, dizendo “as mulheres querem agora nomes especiais, como o feminino de escritor, autor, associado,

autor [...] a carreira de escritor não é para mulheres. Nem jovens nem mulheres, elas se destinam à carreira de escritor”.

Marie-Louise Gagneur utiliza, às vezes, um pseudônimo, Duquesa Laurianne, para escrever suas obras menos políticas, tais como: *Bréviaire de la femme élégante* ou *Pour être aimée: Conseils d'une coquette, secrets féminins*. Ela recebe a Légion d'honneur, em 1901. *Le XIXe siècle: journal quotidien politique et littéraire* justifica a condecoração dizendo: “A Senhora Gagneur não é apenas uma mulher de grande talento, ela pertence à nobre raça de escritores que pensam segundo a grande expressão de Victor Hugo: “o espírito deve servir a alguma coisa”.

Na verdade, sua obra é o reflexo de suas convicções e, ao mesmo tempo, uma maneira de divulgar suas ideias progressistas e seu engajamento político e social, mas, sobretudo, seu duro combate contra o clericalismo que aparece em pelo menos quatro de seus romances: *La Croisade noire*, *Un Chevalier de sacristie*, *Le Roman d'un prêtre* e *Le Crime de l'abbé Maufrac*. *La Croisade noire*, seu maior sucesso, teve vinte e sete reedições. Uma revanche em relação a sua infância? Para ela, as congregações religiosas são verdadeiras parasitas sociais, que servem apenas para exaltar a superstição, confundir as consciências, dividir os cidadãos, tomar riquezas e tirar a humanidade do caminho progressista.

Todavia, a grande luta da escritora foi a igualdade das mulheres – “é através das mulheres que conseguiremos a emancipação das consciências” (*Un Chevalier de sacristie*, p. 14). Sobre este tema escreveu, entre outros: *Le Calvaire des femmes*, *Les Réprouvées*, *Le Divorce*, *Les Forçats du mariage*, *Les Crimes de l'amour*, *Les Vierges russes*. Seus romances poderiam se inscrever no contexto ideológico do final do século XIX, porém, suas ideias e temas ainda estão na ordem do dia: democracia, liberdade, socialismo, igualdade, feminismo.⁵⁹

59 BEACH, Cecilia. « Marie-Louise Gagneur: la force de l'idée », In *Cahiers Charles Fourier*, 2012, n° 23, en ligne <http://www.charlesfourier.fr/spip>.

Prefácio

Breviário da mulher elegante: a eterna sedução

Duquesa Laurianne

Gagneur, Marie-Louise

A nossas leitoras

“A Francesa não nasce bela: ela se torna”, escreveu Michelet. Ela se torna bela pois deseja agradar, com coqueteria e artifícios da toailete. No entanto, nem todas têm gosto refinado, senso de harmonia das formas, ou seja, o dom da elegância. Pois esta elegância deve estender-se não somente ao vestuário, minha senhora, mas a tudo que lhe diz respeito, lhe toca e reflete sua graciosa pessoa, isto é, inclusive aos mínimos detalhes do mobiliário e da arrumação de sua casa.

É arte. Arte na vida, arte viva, digamos assim. Eis aqui o objeto deste livro. A pintura e a escultura legaram-nos obras de arte imortais, mas essas obras-primas de graça, colorido e composição que vemos, quem goza delas? Um pequeno número de privilegiados. Aliás, poucos são os grandes artistas. Eles devem possuir atitudes excepcionais e circunstâncias favoráveis, para a explosão de seu gênio.

A arte que vou ensinar está à mão de todas. Vocês também comporão obras-primas, efêmeras provavelmente, mas que lhe agradarão, assim como a todos a sua volta e em todos os momentos de sua vida. Vocês poderão variar o tipo, como quiserem, de acordo com a expressão que desejarem imprimir a sua fisionomia, seja no penteado, na vestimenta, na disposição ou na decoração de seu quarto. Pouco a pouco, tornar-se-á a charmosa sugestiva ou sentimental, inebriante ou melancólica; deslumbrante ou poética, inconstante,

php?article1086 (consultado em 3 de março de 2021).

mulher-criança ou a verdadeira encantadora que cativa tanto pelas qualidades de seu coração e espírito quanto por sua beleza.

No meu primeiro volume intitulado *Para ser amada*, mostrei que não há mulheres feias, exceto o caso de monstros, e citei os múltiplos processos pelos quais qualquer mulher pode corrigir os delitos da natureza, modificar sua tez e a expressão em seu rosto e traços. Fútil na aparência, mas é uma obra de verdadeira moralidade e alta filosofia: ensinar à mulher a arte de adquirir e preservar beleza, afastando a horrível velhice, contendo corações inconstantes, para ser sempre admirada e adorada. Isso não é ensinar-lhe a própria arte da felicidade, não só por sua felicidade, mas de todos aqueles que florescem nos raios suaves de sua graça, seu humor feliz? Uma obra que mostra o verdadeiro destino da mulher e, além disso, seu papel civilizador.

66 Embora o sucesso deste livro tenha sido considerável, a obra tinha o defeito de se dirigir exclusivamente às mulheres cujo orçamento é ilimitado, elas podem gastar à vontade, e a alta elegância que eu descrevia, certamente muito custosa, é inacessível à maioria. Tantos maridos protestaram! Tantas mulheres ansiosas em conciliar a coquete legítima com um orçamento módico enviaram-me queixas e imploraram-me um segundo volume, no qual prometi apresentá-las a uma elegância ainda mais *select*, sem grandes custos. E, melhor ainda, ficando dentro dos limites de uma economia estrita, simplesmente estudando a forma e a magia da cor, acima de tudo, pela distinção; é esta fina distinção francesa, encantos soberanos, graça nobre e divina, que devemos salvar do extremo modernismo do final do século.

Se demorei tanto para cumprir minha promessa, foi porque esta tarefa exigia um estudo cuidadoso e apresentava muita aridez em seus detalhes. A economia, com sua mesquinhez necessária, é repugnante à natureza da minha mente que prefere voos amplos. Pois vi, várias vezes, tantos naufrágios, colapsos, cataclismos. Darei

um exemplo, posteriormente, que me tocou de perto e gostaria de compartilhar com meu público feminino. Gostaria, também, de compartilhar minha árdua pesquisa, na qual apliquei o sentido prático que fui obrigada a adquirir.

Longe de mim, no entanto, a ideia de me desculpar e me colocar sob a bandeira dos austeros espíritos que gostariam de nos transformar em Quakeresses⁶⁰, banindo o luxo tão perigoso e corruptor. Repito aqui: o luxo é necessário à dignidade das sociedades, à demonstração de sua inteligência e nobreza. O luxo indica, por seu polimento e difusão, o grau de civilidade das sociedades. É, por excelência, o nivelador e apagador de castas e classes. Só é necessário prevenir que, ao popularizá-lo, não caia na vulgaridade. Cabe à mulher, com seu gosto delicado e sua coqueteria, purificar e refinar o luxo, para transformá-lo em uma arte...

Frivolidade! Gritaram os moralistas superficiais e sombrios. Isso não seria encorajar o defeito dominante das mulheres e do povo francês?

Frivolidade, sim! Vamos saudá-la, então, essa frivolidade francesa, nossa proteção contra mil pretensões ridículas e perigosas. Sem malignidade, tocando tudo com graça, julgando com leveza, não seria o prazer da vida, o repouso do trabalho e negócios? Ela não é o maior charme da francesa, principalmente da parisiense e de nossa nação? O dia em que os franceses deixassem de ser este povo amável, artístico e frívolo, Paris deixaria de ser a capital do mundo. Paris, nome mágico, bem sugestivo, Paris, cidade de todas as artes, todos os prazeres, toda a elegância e todas as maravilhas... E dentre todas essas maravilhosas, não seria a Parisiense a mais atrativa?

Não que sua beleza seja regular, escultural, mas por seu charme, beleza, brio cintilante, inteligência, gosto refinado, sua graça

60 Membro de uma igreja protestante fundada no século XVII, na Inglaterra, Holanda e USA, que pregava o pacifismo, a filantropia e grande austeridade de hábitos.

tão coquete e sua genial toalette. Ela é, de fato, arte viva. Um pedaço de fita, um lençinho em seus dedos ágeis e delgados tornam-se imediatamente o mais requintado e adequado dos adornos. É por isso que todas as modas vêm de Paris e da Parisiense, a múltipla, incomparável, charmosa e encantadora: a eterna sedutora, de quem tentarei revelar, aqui, os grandes e pequenos segredos.

Duquesa Laurianne,
1893

Prefácio

Os prisioneiros do casamento⁶¹

De todas as liberdades reivindicadas hoje, não há nenhuma que suscite mais questões e controvérsias do que o divórcio. O divórcio é justo, moral ou é prejudicial para os laços da família, para a ordem social? A indissolubilidade não é necessária para a dignidade do casamento, felicidade e futuro dos filhos?

68 A sociedade tem o direito de intervir na associação de homens e mulheres? Tem o direito de prescrever-lhes deveres que, na ordem natural, dependem apenas do amor, punindo sua violação? Não cabe apenas aos cônjuges julgar o que é útil para sua felicidade e seu progresso moral? A autoridade social pode exercer pressão sobre a alma e o corpo dos cônjuges, interferir em suas relações íntimas, sem comprometer seriamente a liberdade individual? Não seria abuso de poder este direito que se arroga?

Não é aceito na nossa legislação, como princípio de qualquer contrato de associação alienando perpetuamente a liberdade das partes contratantes, poder ser anulado? Por que essa exceção para

61 GAGNEUR, M.L. *Les forçats du mariage*, Ed. Librairie Internationale, Paris, 1870, In BnfGallica, traduzido por Kevin Soares, Matheus da Cunha e releitura de Mônica Fiuza BF.

o casamento? Mas, antes de tudo, o que é autoridade social? E quem lhe dá o direito de intervir?

Antigamente, baseava-se em dois princípios, hoje reconhecidos radicalmente falsos: a sanção divina e a desigualdade. Era um direito de quem o exercia, fossem reis, aristocratas ou padres. Assim, os inferiores, estigmatizados como tais, tinham o dever de obedecer aos superiores supostamente escolhidos por Deus. Foi Deus quem ditou as leis e nomeou seus representantes. Essa era a ideia autoritária do passado. Mas, na opinião moderna, a autoridade nada mais é do que uma função delegada pelos interessados em realizar suas próprias vontades.

Então, qual seria a vontade de dois seres que se unem? A felicidade, a garantia dessa felicidade e, para as crianças, a segurança do futuro. Aqui, como em toda parte, o novo direito está em conflito com o antigo. Nossas leis carregam ainda as marcas do antigo despotismo, da arbitrariedade de uma crença e lei moral, que estão se desintegrando por todos os lados.

Provavelmente, a lei da indissolubilidade essencialmente cristã, pois constituiu um dogma antes de ser uma lei, tinha sua razão de ser. Na Igreja primitiva, ela, incontestavelmente, desempenhou um papel moralizador, salvando a família que sucumbia em Roma em razão do divórcio, ou seja, do repúdio fácil demais.

Provavelmente, nesses tempos quase bárbaros, o sistema da indissolubilidade liga-se ao triunfo da civilização propriamente dita. Inclusive, não se pode negar a grandeza moral. Provavelmente a eternidade do vínculo conjugal seria o ideal. A esperança do infinito depositada nos corações. É impossível amar a si mesmo profundamente, ardentemente, sem desejar a eternidade do amor. Além disso, o amor precisa de tempo, pois é um elemento de melhoria e progresso.

Deste modo, não se pode mudar em poucos meses a família e seu propósito, nem criar filhos em alguns anos. A poligamia incomboda as populações que a praticam. A mudança de relações leva ao

excesso, e os excessos produzem no indivíduo um enfraquecimento moral e físico, viciando sua geração em seu cerne.

De fato, qual seria o espírito e objetivo de toda essa lei moral ou social? Impedir o sofrimento, evitar o mal. Antes de nossos moralistas e legisladores, a natureza estabeleceu seu código de moral: colocou a punição ao lado do mal e a salvação ao lado do abuso. Mas se, para evitar os abusos e os verdadeiros perigos da poligamia, provocarmos um dano maior, algemando para o resto da vida, como dois prisioneiros, dois seres que se odeiam? Se a vida de casados se torna um inferno, sendo posta como ideal do amor, não é óbvio que precisaríamos de uma lei que dissolva o elo constituído legalmente, reparando, assim, os erros involuntários tão comuns no casamento?

Insistimos: a intervenção social só pode ser uma decisão dos interessados e, portanto, não deve ser exercida contrariamente aos seus desejos, sua liberdade íntima e sua felicidade. O propósito e a missão da lei é impedir que as pessoas usem sua liberdade para prejudicar outras pessoas. O seu papel no casamento deve ser, principalmente, o de garantir a execução do contrato, assegurando que os cônjuges respeitem seus interesses mútuos e cumpram as responsabilidades e deveres da paternidade. A lei deve também prevenir a desmoralização, o sofrimento, o empobrecimento social e individual.

Mas se, para evitar os abusos e os reais perigos da poligamia, cairmos em um mal pior, o de acorrentar para o resto da vida, como dois condenados com uma bola, dois seres que se odeiam; se conseguirmos fazer um inferno com esta vida de casados, que postulamos como realizadora do ideal do amor, não é óbvio que precisamos de uma lei que quebre o elo que a lei formou e que conserte os erros involuntários tão comuns no casamento?

O Sr. Legouvé⁶², um de nossos escritores mais respeitados nos diz:

62 Gabriel Legouvé (1807-1903), poeta, crítico, dramaturgo francês.

No estado atual de nossa sociedade, a teoria absoluta da indissolubilidade, sem exceção, arruína o lar mil vezes mais do que o divórcio preso às regras severas?

Para quem questiona os fatos, não há dúvida.

Quem cria tantas bigamias de fato entre as pessoas?

Indissolubilidade.

O que faz com que três trabalhadores em cada oito tenham duas famílias?

Indissolubilidade.

Quem foi o responsável pelo fato de que, em 1830, a comissão de pensões, quando ajudava as viúvas dos combatentes de julho, viu chegar duas ou três viúvas para cada morto?

Indissolubilidade.

Quem multiplica os filhos ilegítimos fora do casamento?

Indissolubilidade.

Quem multiplica os filhos de relações adúlteras no casamento?

Indissolubilidade.

Quem alimenta o ódio entre os cônjuges?

Indissolubilidade.

Quem traz revelações escandalosas e corruptas apresentadas pela justiça aos olhos do mundo?

Indissolubilidade.

Quem inspira pensamentos homicidas e, às vezes, assassinatos, podendo chegar a massacres?

Indissolubilidade.

Assim, quando um princípio produz tais efeitos em uma sociedade, é por ser radicalmente ruim ou está em desacordo com as leis e costumes dessa sociedade.

É surpreendente que, diante de tantos sofrimentos e problemas nas famílias, na presença dos terríveis progressos de desmoralização, várias vozes sérias e consciências austeras exijam hoje o divórcio e que, por outro lado, tantos defensores da indissolubilidade sintam suas convicções enfraquecidas?

Eis aqui, novamente, o raciocínio medido e muito sólido, formulado sobre esta questão tão séria por um eminente magistrado, um juiz que conhecia a fundo o interior das famílias:

Sim, provavelmente o divórcio é essencialmente contrário ao ideal do casamento. Mas, para rejeitá-lo por este motivo, é necessário primeiro que o casamento, ele próprio, não seja contrário a seu ideal. Então, as uniões atuais geralmente não têm nada em comum com um contrato acordado entre duas criaturas livres e abençoadas por Deus? Julguemos pelo início. A moça mal conhece o rapaz com quem se casa, não entende o contrato que está assinando nem conhece as regras legais do seu lugar.

Isso é um casamento, essa suposta associação em que um dos cônjuges não tem poder sobre seus bens, nem sobre sua pessoa? Um casamento, uma união chamada moralizadora, em que o adultério de um dos cônjuges não é punido pela lei? Um casamento, uma sociedade para a educação dos filhos, em que a mãe não tem autoridade legal sobre aqueles que ela pariu? Um casamento, uma sociedade de capitais em que a noiva entra e conta apenas como um número?

Seria isso o casamento, essa união de vaidade, em que se vende uma jovem de dezesseis anos por um título ou aliança? Há nisso uma união de corpos e fortunas, mas não uma fusão de almas e pensamentos. Não, não é um casamento. A instituição do divórcio, do divórcio severamente restrito, é a consequência forçada da organização incompleta do casamento.

A principal objeção, a única e a mais capiciosa, que opomos ao divórcio, é o futuro e a fortuna dos filhos. Mas seria justo que uma geração se sacrifique pela outra? Os pais não são, portanto, seres

humanos como os filhos, tendo, como eles, direito à felicidade, à assistência da lei? Temos o direito de condenar um pai e uma mãe a uma vida dolorosa ou à viuvez forçada, a fim de que seu filho receba mais dinheiro? Pois se trata apenas da fortuna.

Se dois cônjuges vivem em desunião ou conseguem a separação, a vida em família também não seria destruída pelo divórcio? Que educação recebe a criança? Constantemente dividida entre dois poderes contrários, que respeito teria pela relação familiar? Ouve seus pais trocarem acusações e recriminações tão pungentes quanto a infelicidade deles parece não ter remédio. Deste modo constituída, passa geralmente a sentir, por um dos dois ou por ambos, desprezo e falta de afeição.

Essa posição falsa a torna, necessariamente, dissimulada, cruel. E se os pais, divididos, se comportam mal, que exemplos terá diante de seus olhos? Se, ao contrário, esses pais se casassem novamente, legalmente, ela os veria unirem-se, na verdade, em uma nova relação. Mas essa relação seria honrada por todos. No entanto, estamos longe de reivindicar o divórcio por opção. Aliás, deve ser pronunciado apenas como estabeleceu o Código Napoleônico, em que é concedida atualmente a separação, quando o pedido é mútuo e reiterado pelos cônjuges ou em casos restritos.

73

Provavelmente, os filhos de um primeiro casamento perderiam uma parte de sua fortuna, mas não é assim quando um viúvo ou viúva se casa novamente? E os filhos ilegítimos introduzidos de forma fraudulenta no seio familiar não reduzem também, de maneira mais culposa, a fortuna dos filhos legítimos? E esses outros filhos, que o marido que não ama mais sua esposa gerou fora do casamento, não teriam direito à proteção da lei? Eles não constituiriam a mais terrível ferida social, a mais urgente a ser remediada?

O que acontece, de fato, com essas crianças condenadas desde o nascimento ao abandono, à morte prematura ou à ignorância, à vergonha, à miséria e, por consequência, ao vício? Não são estes

que povoarão as prisões? A lei não seria mais sábia prevenindo o mal ao invés de remediá-lo tardiamente? Mas, enfim, quando não há crianças, qual seria o motivo para se manter acorrentados dois seres que se odeiam e que estão, de fato, separados?

Os partidários da indissolubilidade, contra o divórcio, chamam-no de promiscuidade, temendo um caos social. Todavia, na Inglaterra, Suíça, Alemanha, Bélgica, Rússia e América, onde o divórcio está estabelecido, a moral é no mínimo respeitada, e a família também é solidamente conservada como na França, Espanha e Itália, em que reina a indissolubilidade, compartilhando o consentimento e a hipocrisia que ela gera.

Para remediar nossa crescente desmoralização, a medida mais urgente é, portanto, o divórcio. Que seja estabelecido, ousamos afirmar, não apenas para uniões felizes, mas, sobretudo, para as mais longas. O que acontece hoje em dia de fato? Assim que o casamento é estabelecido, os cônjuges amarrados um ao outro não temem mais se perderem, julgam inúteis os cuidados e as boas atitudes. Mesmo na segurança, existe a semente de uma frieza recíproca. Mas, se a união pode se desfazer, logo tudo muda: o cônjuge déspota, cruel, infiel, reprime sua tendência maliciosa, pois sabe que sua companheira pode deixá-lo e dar a outro seu amor e carinhos. Uma mulher resmungona não ousaria fazer seu marido sofrer mais, assim como uma coquete não precisaria enganá-lo ou entristecê-lo. Um homem que gostaria de desposar apenas pelo dote não faria essa conta vergonhosa, pois saberia que, uma vez desiludida, sua mulher romperia uma união infeliz. Não veríamos mais esse tipo de furto no casamento, em que se erra reciprocamente quanto ao valor do dote, quanto à situação pecuniária dos pais, pois esses casamentos seriam prontamente rompidos. No entanto, nos dizem: a separação remedia os abusos assinalados. Pelo contrário, acreditamos que os agrava ainda mais.

Com efeito, a separação desune sem libertar, separa os bens e deixa a mulher sob a tutela do marido. Separa as pessoas,

deixando ao marido a responsabilidade dos erros de sua mulher que ainda pode desonrar seu nome. “Em resumo, a separação quebra o casamento como uma união e o mantém como uma corrente”⁶³. É o divórcio com mil contradições, mil dores, além de mil imoralidades.

Por exemplo, no que se tornam os jovens cônjuges separados, pois quase sempre se separam na juventude? O concubinato é, necessariamente, o refúgio. Esta posição, errada para o homem, é horrível para a mulher. Horrível também para os filhos que nascem dessas uniões ilegais.

Supondo-se que a mulher permaneça honesta, qual seria sua situação no mundo? Ninguém crê em sua virtude. Se não tem filhos, qual seria sua existência? Ao olhar de perto seu coração, tão jovem ainda, tão cheio de ternura, encontra-se apenas isolamento, um isolamento eterno. Quais são suas revoltas, então? Quantos ressentimentos sente por aquele que causa sua desgraça, e quantos desejos monstruosos podem germinar em seu espírito?

Ah! Tudo o que existe de dignidade e sentimento de justiça na alma humana ergue-se contra esse *quasi* divórcio, tão cruel, tão cheio de sofrimento e ódio, alterando até o próprio amor maternal. Mas, além dessas generalizações, há certas coisas que o casamento não envolve, não pode suavizar, como as emergências, as dificuldades que irritam, exasperam qualquer relação, eventos naturalmente flutuantes para os quais o casamento é um suplício tão intolerável, que se subtraem de mil maneiras, provocando sofrimento no ser ao qual se está ligado.

Seres incompletos para uns e muito ricos para outros, em todo caso exuberantes, ávidos de emoção, alterados pelo seu ideal. Artistas frequentemente sedutores que, livres, poderiam ter papel útil a desempenhar em nosso mecanismo social. Mas que, presos no molde banal do casamento, produzem todo tipo de impactos,

63 Palavras do Sr. Legouvé.

dores e desastres.

O vício, em nossas concepções morais, é querer igualar todos os tipos de personalidade, é querer tornar fiéis os seres inconstantes por natureza, é impor as pacíficas afeições familiares aos que se afligem pela febre do amor, pela paixão do desconhecido. A verdadeira lei moral, a verdadeira lei da justiça, liberdade e progresso não é comprimir, mas conduzir as atividades e aspirações humanas.

Não seria uma grande desgraça um ser constante dar sua fé e coração e se encontrar unido eternamente a um ser que não pode corresponder a sua afeição e que persegue incessantemente outros amores? Para onde o desespero levaria as vítimas acorrentadas nesta prisão do casamento? Não escutam os gritos abafados e irados elevando-se contra o nó conjugal? E não lembram que a única forma de o desatar é a morte?

Eis aqui o objetivo deste livro: demonstrar, pela história e observação, os acontecimentos de cada dia. Em favor do objetivo, o leitor perdoará o realismo forçado de certos personagens e situações.

M.L. Gagneur

1870

Parte II

Eles escrevem sobre e para elas (Textos prefaciais)

ALEXANDRE DUMAS FILHO (Paris, 1824 – Marly-le-Roi, 1895)

Filho do escritor Alexandre Dumas (autor de *O conde de Monte Cristo*, *Os três mosqueteiros*, entre outros), que começava a se tornar famoso, e de uma lavadeira dez anos mais velha, Catherine Labay. Enquanto criança, Alexandre Dumas filho foi educado pela mãe nos arredores de Paris. À distância, prestava culto ao pai, que se tornara tão renomado quanto Victor Hugo. Pai e filho só se conheceriam em 1831.

Alexandre publicou seu primeiro livro de poemas, *Péchés de jeunesse* (Pecados de juventude), financiado pelo pai, e um romance, *Histoire de quatre femmes et d'un perroquet* (A história de quatro mulheres e um papagaio). Publicou *A dama das camélias*, romance autobiográfico lançado em 1848, com enorme sucesso. Impulsionado pela fama, Alexandre Dumas filho escreveu romances e ensaios, nos quais fazia um ajuste de contas com a sociedade que o humilhara. O êxito teatral fez Alexandre engajar-se cada vez mais na carreira de dramaturgo. Em suas peças, opôs à moral da época uma visão moralista toda sua (crítica, por exemplo, o adultério), ao passo que na vida real seguiu os passos do pai, envolvendo-se com inúmeras mulheres, muitas das quais casadas. Embora não fosse republicano, militou pela igualdade do homem e da mulher.

SENHOR ALPHONSE⁶⁴

(representada pela primeira vez em 1873, no teatro Ginásio-Dramático, Paris)

PREFÁCIO

Li muitos livros e ouvi muitas conversas cuja conclusão era: os homens possuem uma alma e os animais não. Se atribuímos à palavra alma apenas este sentido geral: princípio da vida, do pensamento e da vontade do homem, perceberemos imediatamente que o homem possui, em média, menos alma que os animais. Na verdade, a única superioridade do homem sobre o animal, até nova ordem, é ter dado para vida, pensamento e vontade uma definição da qual todos os outros seres vivos foram excluídos, sem se perguntar se os outros seres não fazem uso também dessas faculdades atribuídas apenas a ele.

78 Considerando as coisas em seus próprios princípios, o amor, fonte da vida, com tanta ação sobre o pensamento e a vontade dos homens, mas também manifestação física e, sobretudo, com o mesmo resultado material em todos os seres vivos organizados da face da terra, o homem tem a vantagem de fazer parte daqueles que não precisam aprender uns com os outros.

A única diferença a se perceber entre o amor ao qual o animal obedece e o amor ao qual o homem obedece é o fato de o animal ceder a uma necessidade fisiológica de suas intermitências, respondendo com uma ação mecânica que tem limites. Porém, o homem, segundo ele próprio, segue um treinamento físico e moral, em que o sentimento, a inteligência e o ideal têm a missão de enobrecê-lo. No animal, o amor tem apenas a reprodução e a perpetuação da espécie como objetivos. No homem, o amor constitui um acordo secreto, mas positivo, uma solidariedade consciente com o Criador. Uma vez a necessidade saciada, o ato acabado, sob certas influências

64 In BnfGallica. Tradução de Mônica Fiuza BF e Thainá Garungaba.

de estações e regiões, o animal perde toda a lembrança da sensação sentida, rompe a ligação com o parceiro e, ao final de algum tempo, com o produto. Não distingue seus antecedentes e descendentes e, em épocas determinadas, recomeça com outros indivíduos de sua espécie, às vezes, seus próprios antecedentes e descendentes. Ato de sua geração, que parece necessário, e sem lembrança de suas origens.

O homem, ao contrário, dotado de inteligência e livre, dispõe, para o amor, de todas as estações e latitudes. A companheira que escolher, livremente e voluntariamente, será para ele a esposa única e definitiva, e os filhos que se juntarão aos homens e mulheres formarão, com os pais e avós, a família indissolúvel, eterna, sagrada, ligando a humanidade a Deus.

A procriação para o homem, sendo livre e premeditada, se liga, assim, à criação divina, pois, além desta procriação dar forma material e animada ao produto, ela comunica essa inteligência, pensamento e vontade. E quando desenvolvidas como merecem e devem ser, completarão a alma, a farão comungar com o princípio inesgotável e infinito. Ou seja, o amor, em todas as asserções superiores da palavra, é o agente que, posto a serviço do homem por Deus, leva a Deus o homem, após o fim de quatro missões na terra: ser organizado, inteligente, sensível e produtor.

São esses ou quase esses os argumentos dos que atribuem uma alma ao homem e se recusam a atribuí-la ao animal. Se a humanidade seguisse esta lei, do amor, trabalho, família, responsabilidade mútua, tão bem definida no cristianismo, a grande verdade seria em breve conhecida e a aliança com Deus seria rapidamente feita. E, em seguida, nosso mundo seria chamado, muito provavelmente, a participar dos conselhos divinos, governo e direção do universo, com o conhecimento das causas, hoje escondidas de nós. Porém, não estamos prontos a alcançar este estado superior e, enquanto esperamos, apesar do grande desprezo dos homens pelos animais, vemos muitas vezes eles cumprirem suas funções até o final.

Entre os animais, todas as fêmeas, cujo cuidado é necessário às crias, cuidam de sua progenitura. Seria preciso um caso de força maior, como uma perseguição do homem, por exemplo, para que uma ovípara ou mamífera, mesmo sendo carnívora, abandone, descuide ou mate seus filhotes. Além disso, inúmeras aves chocam piedosamente seus ovos que, às vezes, nem puseram; e vários mamíferos amamentam filhotes, inclusive humanos, que não pariram.

Que outro espetáculo nos oferecem os inteligentes humanos! Quantos homens, que uma vez o desejo saciado, o prazer esgotado, viram as costas a sua companheira momentânea, sem se preocupar com as consequências do ato que acabaram de fazer e, rapidamente, partem em busca de uma nova forma de mulher, com a qual poderão ter essa sensação agradável, mas passageira, que gostariam de tornar constante, variada e gratuita.

Os pardais, que têm péssima reputação, fazem o mesmo, mas, mesmo assim, ajudam suas fêmeas a construir um ninho e, enquanto ela choca, trazem-lhe minhocas e moscas. O mamífero macho é mais independente e, se o cão tem a fama de ser o animal mais inteligente depois do homem, é provavelmente porque entre ele e o homem existe certa semelhança em relação à compreensão do amor. Em geral, o dono da cadela, prenha e abandonada por um cão de passagem e desaparecido, joga na água três quartos das crias paridas e guarda apenas as que lhe servem ou que foram pedidas. Por razões 'ditas' excelentes, as sociedades parecem ter o mesmo desejo, agindo de maneira fácil, econômica e sumária, ao abandonar crianças nascidas de senhores de passagem e desaparecidos. Não se mata publicamente crianças quando são numerosas e dispendiosas, mas permitem que morram ou sejam mortas por mamíferos da forma humana, aqueles que as colocaram no mundo. Não sabemos por quê, pois logo tiram-lhes a vida. Este processo é mais longo, mas, em suma, é a mesma coisa e o 'bolso agradece'.

Olhando de perto, a economia não é, infelizmente, tão certa quanto parece à primeira vista, pois agentes muito zelosos, em nome de não sei qual moral, dita natural e divina, ao tomarem conhecimento desses infanticídios, às vezes denunciam, e é preciso pagar aos magistrados o julgamento dessas mães solteiras, aos carcereiros para prendê-las, às merendeiras para alimentá-las, aos carrascos para cortarem suas cabeças, mesmo se raramente são condenadas à morte. Talvez porque, apesar da respeitável lei que inocenta e protege o pai, não pareça a todos que, nessas circunstâncias, o homem deva ser o único a gozar de imunidade.

Não consigo ver exatamente o que torna a alma atributo divino do homem, nesses casos tão diferentes dos animais. Podemos admitir, se quiserem, que muitos homens cumprem com seu dever, mas uma grande maioria deles não cumpre, em várias situações e casos. Esta alma em questão é a qualidade de alguns, que se esforçam pelo trabalho, virtudes, exemplo, palavra, ação, até pela escrita dedicada aos que ainda não a possuem.

No entanto, o espetáculo das paixões, vícios, erros, falhas e crimes humanos não deve nos emocionar tanto nem nos desencorajar completamente. As verdades morais são perfeitamente conhecidas dos homens. Eles a declaram quando fingem praticar uma das inúmeras religiões em que essas verdades são promulgadas e ordenadas. Se prevaricam, é porque esperam encontrar, na prevaricação, satisfações e gozos maiores do que no cumprimento dos deveres prescritos. Houve, da parte deles, um tipo de arbitragem da qual são responsáveis e, também, um risco, perdendo o direito de reclamar, caso se voltem contra eles. Esperaram ser felizes pelo bem ou pelo mal, sem sucesso na combinação dos dois, azar o deles. Eles me interessam como observador e me emocionam apenas um pouco. No meio a todas as catástrofes que resultam das inépcias humanas, há apenas um ser verdadeiramente interessante, que merece que o socorramos constantemente, sem restrições, pois talvez seja sempre infeliz, sem nunca ser culpado: a criança.

Pois bem, por uma inconseqüência que leva, ao máximo, ao ilogismo e à culpa dos homens e de suas leis, as sociedades atacam com ferocidade selvagem este ser frágil, ignorante, inocente, digno de todo amor, respeito, pena e proteção, esse pequeno ser indefeso quando nasce em certas condições cuja responsabilidade não lhe cabe. Enfim, a criança deve pagar por todos os erros de seus genitores.

Quando esta criança chega à idade da razão, caso chegue, apesar de todos os obstáculos impostos pelo ambiente onde nasceu, as sociedades e leis reconhecem apenas uma parte de seus direitos e impõem o cumprimento de todos os deveres. Às vezes, não reconhecem nenhum direito, nem mesmo o primeiro: o direito de viver. Recebem glória ao provocar a morte ao maior número possível de indivíduos de outro país que possua o maior, mais forte e mais letal exército. E as grandes civilizações possuirão essa força ainda por muito tempo, pois suas leis não consideram um raciocínio bem simples: o interesse moral e econômico em proteger seriamente a vida das crianças que nascem nos ambientes regidos por elas, visto que um dia precisarão dessas crianças para constituir o maior número de defensores e matar a maior quantidade possível de vizinhos em questão.

82

Todos os seres são concebidos da mesma maneira, chegam ao mundo igualmente, vivem e se reproduzem do mesmo modo, morrem em razão dos mesmos fenômenos, eis aí uma igualdade natural que deveria esclarecer o legislador e contar na lei. Não é tudo. A religião, praticada no nosso país, dito civilizador, religião cujo primeiro revelador quis nascer, diz a lenda, em um estábulo sombrio, juntos aos muito pobres e perseguidos. Essa religião, que o legislador evoca sempre, deveria lhe inspirar alguma justiça para as crianças nascidas em condições análogas à do menino Jesus. O doce pastor das almas, do qual conhecemos apenas José, o pai adotivo, e Deus, pai invisível, não é o tipo divino do filho natural? E se veio à terra, não seria para reafirmar, espalhar e consagrar a lei de Moisés, este exemplo de filho abandonado? Com tais tradições, o legislador

crente deveria ter alguma preocupação com filhos naturais e abandonados, que tiveram direito e glória de poder reivindicar Moisés e Jesus como ancestrais. Não é assim que acontece. Eis o que faz e diz o legislador:

Para dar a vida a um ser humano, o que é preciso? Um homem e uma mulher. Se esse homem e essa mulher são unidos pelo casamento, será moral e defenderei os direitos da criança mesmo contra os pais, caso necessário. Mas, se não forem unidos pelo casamento, será imoral e devo reagir com energia. Quem é, neste segundo caso, o mais culpado dos três: o pai, a mãe ou o filho? Sem dúvida é o pai, pois não corre nenhum risco, nem moral nem físico, apenas satisfaz sua curiosidade, desejo e sentidos. Visto que não tem responsabilidade moral nem física, vou liberá-lo de toda responsabilidade material e social. Coloco-o fora de questão (sou homem também e não se sabe o que pode acontecer a mim e a meus próximos, homens também). Nem a mulher que ele transformou em mãe e nem o filho, que voluntariamente trouxe ao mundo, podem lhe acusar. O homem quer ficar livre e incógnito, e assim ficará. Ele deseja poder, se constituído para isso, trazer ao mundo cem crianças, e ninguém pode dizer que não tem este direito.

83

A mulher é menos culpada que o homem? Claro! O homem que possui uma mulher sabe exatamente quais são as consequências de seu ato. A mulher, sobretudo a virgem, que se entrega a um homem, nem sempre sabe. Em todo caso, o que a torna menos culpada é o fato de estar mais exposta; sua honra e vida estão em jogo e somente ela pode esconder seu erro, enganando ou destruindo.

A mulher sendo menos culpada que o homem, eu, o legislador, então, vou punir a mulher, pois não puni o homem e é preciso haver punição, visto que houve contravenção em relação às leis morais, religiosas e sociais. Assim como reconheci o direito do homem em abandonar a mulher, reconheço o direito do filho de persegui-la, enquanto a sociedade terá o direito de menosprezá-la e excluí-la.

O filho que não pode se defender nem se proteger, que é absolutamente inocente, não pediu para nascer, nada fez de mal, exceto como todos nós, pelo menos ao que parece, muito antes de nascer por intermédio de Adão já somos culpados. Que essa pobre criança inocente, fraca, prepare-se! Pois é contra ela que vou agir. Escute bem isso antes de nascer, se tem bom senso e se isso te fará decidir não vir ao mundo:

Se for filho natural, não reconhecido, nada poderá reivindicar, nem moralmente nem socialmente a seu pai, mesmo tendo algumas provas da paternidade. Terá direito, se conseguir provar a paternidade, a algum alimento, como o cavalo que puxa a charrete ou o cão que guarda a casa. Mas poderá procurar sua mãe? Quando? Quando tiver a idade em que se sabe o que se faz e se tiver um documento escrito e puder provar que é mesmo a criança que saiu de suas entranhas. Dirá: como viverei até lá? Respondo: como puder, isso não me diz respeito. Por outro lado, se viver e se comportar mal, mesmo dizendo que não teve família, educação, dinheiro, moral, ofício... prendo você. Se não for preso ao completar vinte e um anos, mesmo assim vou interferir em sua vida, transformando-o em soldado e o enviando para defender a pátria, a família e o lar dos outros. Se quiser escapar dessa lei, prendo-o; se desertar, condeno-o; se agredir seu superior, fuzilo-o. Siga, minha criança!

Se for filho natural reconhecido, terá o direito de exigir de seus pais morada além de alimento. Porém, se eles te ensinarem um ofício manual, não devem mais nada a você. Quando seus pais morrerem, seus pais e mães, irmãos e irmãs, sobrinhos e sobrinhas dividirão a herança e darão a você alguma parte, dependendo do número de ascendentes, colaterais e descendentes legítimos que teriam vindo depois de você. Se seu pai, tendo reconhecido você, desejar lhe deixar a totalidade de sua fortuna, não poderá fazê-lo em detrimento de todos acima citados, mas também terá o direito de dar sua fortuna a qualquer estrangeiro que chegue, desde que deixe a pequena parte que lhe cabe.

Se for fruto de um adultério ou incesto, ou seja, se seus pais forem ainda mais culpados ou se você for mais infeliz, minha vingança contra você não terá limites. Você nunca poderá procurar seu pai, e procurar sua mãe lhe será proibido. Nunca será reconhecido, não terá nem nome nem estado civil, mas, mesmo assim, terá obrigações de cidadão e será soldado.

Se for do sexo feminino ao invés do masculino, é ainda mais simples, pode escolher: o suicídio ou a prostituição, o rio ou a calçada.

Para remediar um pouco essas consequências, injustiças, catástrofes decorrentes, fundamos casas acolhedoras com um mecanismo chamado roda, onde a mãe sem recursos podia vir incógnita deixar seu filho e, graças a alguns sinais, recuperá-lo mais tarde, caso houvesse alguma chance de arrependimento. Poder-se-ia fazer isso com um filho na pequena infância ou no início da adolescência.

Suprimimos isso, era cristão demais e, sobretudo, muito caro. E, além disso, pessoas piedosas julgaram que seria encorajar a libertinagem e a corrupção, pois algumas mulheres adúlteras ou incestuosas escondiam, deste modo, o fruto de seu pecado. E mesmo cônjuges legítimos, apesar do sacramento e contrato, deixavam a nossas custas o fruto de seus laços legais. Substituímos, então, esses lares anônimos e sempre abertos por um asilo, onde era preciso que a mãe declarasse seu nome e desse provas de que não tinha recursos; então, dava-se uma ajuda mensal para que a mãe solteira pudesse, ela mesma, alimentar seu filho. Ajuda irrisória, é bem verdade, que pretende, pelo valor de sete a oito francos por mês, incutir o amor maternal em criaturas que não o possuem. Deste modo, conseguimos economizar, pois aumentamos a mortalidade infantil. Essas mães assistidas recebem o primeiro mês de ajuda e, em seguida, deixam seus filhos morrerem por falta de cuidado e alimento. Depois, os abortos e infanticídios nos ajudaram. Vejam bem: o orçamento é

menos prejudicado, nos livramos de todas essas crianças do amor, que precisavam comer e, ainda, podemos dizer que fizemos o melhor, fazendo caridade para socorrer o sentimento maternal.⁶⁵

Se leram a nota, não se surpreenderão de saber que, se isto continuar, em 600 anos (fizemos o cálculo) não haverá mais franceses, e nos restará apenas sermos agradáveis aos vizinhos que continuamos querendo exterminar. Caso isso aconteça, parece-nos indiferente. Com certeza não será com conselhos, estatísticas e, claro, nem prefácios, que modificaremos os costumes e paixões das sociedades. É preciso obstáculos, castigos e derivados, cujas leis, sozinhas, têm o poder. Como esperar que o homem motivado e embriagado pelo desejo mais natural faça, de repente, no interesse de uma criança que talvez não nascerá, uma violenta repressão sobre si mesmo, visto que o delito é brando e a impunidade assegurada? Então cede e o drama começa, não para ele que escapa quase sempre às responsabilidades, por meio de uma comédia. No entanto, para a mulher não é assim. Pode-se imaginar que a natureza quis exata-

86 65 Em 1832, o número de culpados por aborto ou infanticídio era de 885. Em 1862, era 1.720. Muitos abortos e infanticídios ficaram incógnitos. Acrescentam-se a esses números as crianças ilegítimas natimortas, isto é, essas que as descobertas científicas modernas permitem matar antes do nascimento, dentro de suas mães, sem deixar vestígios. Esses natimortos contavam, em 1839, 27.490; em 1873 (após a perda do equivalente de duas províncias e redução da população de 38 milhões a 36 milhões) eram 44.487. Do total dos nascimentos, a proporção de natimortos de 1865 a 1873 era de 1 para 19 para ilegítimos. Esta proporção era de 1 para 11, em 1874. Em 781.000 nascimentos contamos mais ou menos 45.000 falecidos-mortos, crimes sem rastro. De 1868 a 1870, a mortalidade infantil de crianças ilegítimas aumentou de 100 a 207. Morre por ano, na França, de 100.000 a 120.000 crianças enviadas para amas de leite, 50.000 achados, 50.000 enviados de volta a suas mães, nos primeiros meses, isto é, um total de 200.000 a 220.000 crianças. Ou seja, um milhão de nascimentos por ano, sendo que 360.000 mil morrem antes de completar um ano de idade (Livro do Dr. Brochart A verdade sobre crianças abandonadas e relatório sobre o retorno das rodas do Sr. Bérenger).

mente essa injustiça, que todo o prazer seja apenas para um dos dois e todo o perigo, cansaço e dor seja para o outro? Não.

Se a natureza dispensou o homem das consequências, é porque precisa de sua força para ajudar a mãe e a criança. Esta força deverá ficar atenta a essa fraqueza que venceu. Abrigar, defender contra o que não pode combater sozinha, tornar leve o trabalho externo da mãe, para que toda sua energia esteja direcionada à criança, para que a criança viva, pois lhe deram a vida sem que ela tenha pedido. O homem que foge das responsabilidades da paternidade, ou seja, de um ato que realizou voluntariamente e conscientemente, é um infrator mil vezes mais culpado do que aquele que foge do dever de servir à pátria. Pois o primeiro sabia que teria prazer sem perigo e o outro sabe que correrá perigo sem prazer. A sociedade deveria, então, punir rigorosamente tanto um quanto outro, pois ambos lhe causam prejuízo real. Não acontece assim, ela inocenta o pai e cuida do filho! Ela torna-se cúmplice do pai e espera que o filho, se viver, não podendo criticá-la, critique-se a si mesmo, talvez porque haja perigo para ela mesma que esta criança viva em péssimas condições, então permite tudo o que for preciso para que a criança morra o mais rápido possível.

87

Portanto, a morte de todos esses infelizes é, por assim dizer, o que parece querer, no fundo, o legislador, o economista, o membro da comissão de orçamento, o agente administrativo e, quase sempre, os pais e mães incomodados do mesmo modo com essas existências irregulares e, aparentemente, inúteis. Já dissemos acima e repetimos aqui, porque nunca será pouco repetir uma verdade inútil e certas banalidades sentimentais que circulam facilmente: “o amor materno é divino, quando existe, mas é bem mais raro do que se crê e, mais ainda, se diz”.

Quando anunciamos esta verdade a mulheres honestas, elas reagem dizendo ser um paradoxo imoral e afirmam que não sabemos o que dizemos, que não temos coração, negamos o sentimento, tão

indiscutível e natural, que existe. Essas mulheres honestas enganam-se bem sinceramente e justamente porque são mulheres honestas. Todas têm, estou convencido, esse sentimento que defendem com tanta veemência, mas isso não é razão para afirmar que ele é indiscutível e natural, ou melhor, que existe por si só, em quaisquer condições e ambientes. Amar os filhos e querer ter muitos não é um desejo nato de todas as mulheres. O amor maternal pode existir ou não, de acordo com certas circunstâncias, e não basta que uma mulher dê à luz uma criança para que este amor surja. Ao contrário, a natureza pode muito bem incentivar a função e ficar impotente em impor o sentimento. E, muitas vezes, aparecerá casos em que a concepção, ao invés de produzir amor, produza ódio ao filho, e a mãe, longe de se alegrar com o nascimento, decidirá provocar a morte do ser a quem a natureza obrigou-lhe a dar vida.

“Esta mulher é um monstro, diriam, não foi capaz nem digna de se tornar mãe.”

88 Que sabemos? Ela poderia ser excelente mãe em condições opostas às em que se encontrava. Enquanto provo minhas afirmações, acreditam que seja para ter filhos, que todas as moças querem se casar? Que se casariam se soubessem, antes do casamento, as inúmeras dificuldades que lhes traria a maternidade? E que, uma vez casadas, amariam seus filhos acima de tudo? Conceberiam tanto quanto pudessem conceber? E que questões de fortuna, posição, cálculo, prazer não viriam surgir diante da maternidade possível? O que seria do amor maternal, natural e indiscutível, em todas essas situações, normais e irregulares?

Sim, a natureza estabeleceu algumas leis indiscutíveis impostas ao homem, pouco importando as razões que ele acredita ter para transgredi-las ou ignorá-las. A natureza quer que o homem coma, beba, durma e respire. Ela tem suas próprias razões, estou certo que são melhores do que as do homem, que poderia fazer diferente, mas a prova disso está no fato de ele se submeter a elas. No entanto, há ou-

tras leis que a natureza apenas indica ao homem, que nunca impõe. E seu livre arbítrio pode evitar, contradizer ou enganar o trabalho, o amor e a reprodução da espécie. Se o homem não quiser comer, beber, dormir, respirar, ele morre, mas, em alguns casos, pode se liberar do trabalho, da reprodução e do amor, pois certamente não morrerá. São os que trabalham e amam, que desejam constituir família, que, às vezes, morrem disso. Sim, a natureza pede que pais e mães eduquem e amem seus filhos, claro. Então, como é possível que pais e mães não obedeçam a essa lei natural, tão fácil, tão doce, cheia de alegrias e recompensas para os que a seguem? É porque, a cada instante, a lei social se choca e contradiz a lei natural e, nesta luta, a lei natural é sempre vencida.

O que diz a lei natural ao homem púbere? “Procrie”. E à jovem? “Conceba”. O que diz a lei social? “Procrie e conceba, mas unidos eternamente pelo casamento ou a sociedade estará contra vocês”. Esta lei social é uma consequência lógica da lei natural? Claro que não. Eis como procede a lei natural no homem que é o iniciador: prazer que resulta da possessão, um filho podendo resultar do prazer. Para a mulher: amor e filho podendo resultar de tudo...

89

Não vejo nada aí que implique logicamente casamento, ainda mais antes de todos esses fenômenos. Compreenderia um homem que desejou, possuiu, fecundou uma mulher, recebeu dela prazer, filho e a revelação do amor, e assim compreenderia que este homem queira se associar eternamente a esta mulher e casa-se com ela para garantir, o máximo possível, essa possessão, prazer, sentimento, família. É o que faz a maioria dos homens do campo, que são mais próximos da natureza e, assim, do instinto. No entanto, não é o que fazemos, nós homens da cidade, que estamos mais próximos da civilização, como afirmamos. Então, se queremos ficar fora das leis sociais quanto ao amor e não seguir a lei natural, vemos essas leis naturais nos inspirar o desejo, nos dar energia para chegar à possessão e ao prazer. Até aí tudo bem. Em seguida, de repente, se um

filho aparece, e será para sempre, atingindo nosso futuro, fortuna e liberdade, pensamos que isso não é tão lógico e nos furtamos às consequências das leis naturais com tanta facilidade quanto encontramos as leis sociais prontas para nos ajudar, deixando todo o peso da responsabilidade de nossa iniciativa sobre a mulher e o filho, sem nenhum recurso contra nós. Assim, a criança estará privada do amor paternal, tão natural para os homens honestos, e lhe restará o amor maternal para protegê-la.

90 Por que isso? Se assim for, será para a mulher a prova de seu erro e, certamente, sua desonra. Esta mulher, em noventa e nove por cento dos casos, terá apenas uma ideia fixa, quase uma mania: acabar com sua desonra, esse peso (esta será a palavra que empregará para se justificar quando a sociedade lhe cobrar), essa injustiça. O que será do amor maternal neste conflito? Inclusive, será que esta moça pensava em amor maternal quando se entregou a um homem sem se casar? Não, pois foi combinado, tacitamente, entre a confiança de um e a *Probidade* do outro, que um filho seria evitado. Se for gerado, pelo descuido da primeira e egoísmo do segundo, e justamente quando o filho se torna um perigo e vergonha, o amor maternal vai nascer no coração desta criatura ameaçada de todos os lados? Seria preciso nunca ter refletido, nem um segundo, sobre essas questões; seria preciso nunca ter assistido a alguma catástrofe, para ignorar que, em dez mil moças pobres que ainda possuem algum pudor e que dão à luz uma criança ilegítima, não há uma sequer que tenha querido esta criança, exceto se o pai fosse rico ou honesto, e que esta infelicidade não a fizesse esperar o bem estar ou o casamento. Tirando essas duas hipóteses, elas não terão amor maternal, declarado natural e indiscutível, por essa criança e, no dia de seu nascimento, sentirá pavor, raiva e ódio.

Quanto às moças ricas e honradas que têm um amante e para quem a natureza anuncia que a maternidade chegará inesperadamente, nenhum subterfúgio pode torná-la legítima. Precisamos dizer

qual é o sentimento que surge em relação ao pobre serzinho que comprometerá sua reputação, honra e situação? Querem saber o que acontece, não no coração, pois já não é o caso, mas na mente dessas mulheres diante da maternidade irregular e desonrosa? Assim que desconfia da maternidade, empalidece como diante de uma grande infelicidade e depois torce para estar enganada. Quando não há mais dúvidas, começa a torcer por um acidente natural ou tenta provocá-lo. Se o acidente não acontece, começa a rezar, faz votos, espera, fazendo longas caminhadas a pé, de carro ou a cavalo, em seguida, sinapismo e sanguessugas. Esta mulher passa do arrependimento por seu erro ao desejo do crime, arrisca sua vida para que a criança não viva. A criatura nojenta que pratica manobras clandestinas em um cantinho ignóbil surge em sua mente atormentada como um anjo salvador. Se recua diante deste crime, o que normalmente acontece apenas quando se torna impossível ou comprometedor seguir este caminho, então desaparece, o tempo necessário, sem levantar suspeitas, com a secreta esperança da morte da criança. Porém, se apesar disso tudo, a criança obstina-se a viver, a mãe terá uma só ideia: entregá-la, escondê-la e, assim, nunca mais vê-la.

91

Eis aí, nesses casos excepcionais, as primeiras relações da mãe com seu filho. Encontramos traços de amor maternal, de sentimento irresistível, aceitando todos os perigos, humilhações, para vivê-lo? Se mostrássemos uma mulher casada, respeitada até então, perto de se tornar mãe por um erro impossível de esconder, confessando franca e publicamente este erro, retirando-se da sociedade, dando à luz seu filho, amamentando, educando e se dedicando a ele diante de todos, você não jogaria pedras nela, a estimaria e teria compaixão, se fosse um homem. Mas, se fosse uma mulher, seria forçada, em nome das exigências sociais, a se afastar, mesmo admirando-a no fundo de sua consciência e, sem ninguém ver, daria provas sinceras de sua simpatia a alguém que fez triunfar o amor maternal. E, se conhece esta mulher, mostre-me, aguardo uma prova dela para

levá-la ao palco, pois só a vejo em minha imaginação de poeta. Uma ou duas vezes achei que fosse encontrá-la, mas, olhando de perto, percebi que, realizando este ato heroico, esta mulher tinha um interesse escondido, ganharia alguma coisa trocando seu marido pelo pai de seu filho.

Admitindo, juntos, se quiserem e para dizer tudo, que, no momento em que o pequeno inocente emite seu primeiro choro, haja um grito correspondente que parte das entranhas que rompe e libera, haja um élan espontâneo, total, natural da mãe a seu filho, que haja um esquecimento súbito, completo mas momentâneo, a respeito dos obstáculos que vão separá-los para sempre, aí, talvez, a mulher chore, se censure sinceramente pelo seu erro e o recomende com profunda emoção aos desconhecidos para quem ela será forçada a entregá-lo, fazendo grandes promessas. Ela se diz que irá vê-lo, escondida, quantas vezes for possível, mas, na verdade, o verá algumas vezes, se tiver certeza de que os 'cúmplices' não a conhecem, e que não será traída por curiosos e maldosos. Poderá trocar carinhos meigos, profundos, íntimos e comprometedores, mas, ao crescer, verá, lembrará e compreenderá a situação, então a mãe o verá cada vez menos, pois o filho não pode saber. Quando souber e procurar por sua mãe, ela desaparecerá ou decidirá ter a atitude e a linguagem de uma pessoa desconhecida e desinteressada.

92

Se a mulher não for casada, não pertencer às classes aristocráticas, não precisar responder por seu erro diante de um juiz armado do direito legal, como um pai ou marido, se pertencer a esta classe média, em que as convenções sociais são menos numerosas e menos exigentes, pois as filhas pouco dotadas se casam raramente, forçando o celibato de maneira injusta e humilhante, mas tornando o erro possível, previsto e mais fácil de ser perdoado, assim, talvez, esta mãe seja conquistada, pouco a pouco e completamente, pelo amor maternal e preencha, secretamente, sua vida sem esperança de futuro, reconhecendo e tendo afeição pelo filho.

Foi nessa classe que escolhi minha heroína no drama que seguirá. Só podia tirá-la daí, para que fosse interessante e verdadeira. Na classe abaixo, a do povo, na qual o erro é ainda mais frequente, mais provável e normalmente aceito, não há lutas e consequências que gostaria de apresentar ao espectador. Neste caso, se a mãe não mata o filho imediatamente, por raiva ou miséria, ou se o filho não morre na casa da ama de leite, por falta de alimentação ou cuidados, a mãe pega o filho, se for livre, ou entrega-o a um parente ou vizinha. E, se não for livre, ela o reconhece e se expõe publicamente. Se um operário ou um pobre sujeito casa com ela, saberá no que acreditar. Assim, não há segredos a guardar, mentiras a dizer, preconceitos a respeitar, lutas psicológicas a travar, ou seja, sem peripécias dramáticas, e o sentimento natural pode surgir e se impor.

O assunto que nos ocupa neste momento é inesgotável, e não posso ter a pretensão de esgotá-lo, porém, não teria mostrado todos os pontos importantes, se não acrescentasse, para terminar, que o lugar onde o filho natural é raramente maldito e rejeitado por sua mãe, mas quase sempre aguardado com impaciência e alegria, encontra-se entre as moças elegantes, mulheres do teatro, onde a mulher tem apenas um sentimento humano, onde a mulher se faz pública. Isto é compreensível. Como essas mulheres são, mais ou menos, mas notoriamente, decadentes, essa nova recaída não as afeta tanto, todavia, as elevam. Algo de puro e inocente sairá dessa abjeção, um ser imaculado vai amá-las, sem reprová-las, sem saber quem são. A alma ressuscita um instante, e a pecadora pode ser salva por uma das consequências de seu ato, mesmo ignóbil.

Suplico ao leitor de não concluir que creio que o amor maternal só exista nas raparigas de vida duvidosa. Quis, apenas, constatar que esse sentimento, que deveria ser natural de fato, não o é, e só pode existir no coração das mulheres, quando as leis sociais, normalmente seguidas ou bem contornadas preventivamente, sancionaram ou acobertaram a concepção. Acrescentei e demonstrei, com alguns

exemplos, que, para as mulheres, não importa o que digam, o amor maternal faz parte de sentimentos constituídos pelas convenções antinaturais e dominam este sentimento criado e desejado pela natureza. Pela honra e reputação e, às vezes, por interesse, saúde ou prazer, elas podem sufocá-lo. Notem, então, que quanto mais as mulheres estão livres de convenções e exigências sociais, mais próximas do estado natural, mais o sentimento maternal, sem travas sociais, manifesta-se mais livre e francamente, até que, no mais baixo da escala social, lá onde a mulher assemelha-se ao animal, este sentimento aparece de repente e verdadeiramente da forma mais natural possível, a forma de instinto, pois a mãe desconhece, como o animal, qual foi o último animal a fecundá-la. Finalmente, gostaria de declarar que todas essas observações e raciocínios levam a uma única conclusão: se a mulher quiser conhecer o amor natural em toda sua alegria e glória, será preciso, primeiro, amar o homem que fará dela mãe e que, antes disso, case-se com ele, seja fiel a ele sempre, e que a fecundidade seja para ela sagrada e atraente. Esperamos, assim, e por muito tempo, que as melhores mães sejam encontradas nas mais honestas mulheres.

94

No entanto, se tivesse que dizer apenas uma última verdade saída de todos os códigos, religiões, filosofias e fatos, teria me absterido. Mas, apesar de uma verdade ser evidente, reconhecida por todos, não é necessário que as cem mil formas sob as quais aparece sejam afirmadas, declaradas oficialmente e, com pompas, nos façam crer que seja de uso e regra.

Esperamos que a regra que acabamos de repetir, por mais banal, seja universalmente praticada, mesmo que três quartos de meus semelhantes pareçam, a todo momento e cada vez mais, terem resolvido eliminar todas as barreiras que os atrapalham e, assim, viver como bem quiserem, em detrimento de seus contemporâneos e descendentes que menos podem se defender.

Uma atitude realmente natural e indiscutível da espécie que

somos é preferir a liberdade à disciplina, o direito ao dever, o gozo ao sacrifício, o prazer à dor. Graças a esta atitude, as sociedades eliminam, pouco a pouco, mas progressiva e fatalmente, as fórmulas políticas, sociais, religiosas, morais, nas quais os legisladores, querendo fazer uma combinação de felicidade e bem, prenderam-nas. Este é o desejo ardente, que temos de nos dar a maior quantidade possível de prazer e liberdade, suportando o mínimo de obrigações e ‘cargas’. Na maior parte das vezes, não tentamos no satisfazer pelo meio mais certo, que é pelo bem, em sua forma mais absoluta, e, sim, pelo meio mais fácil, próximo e sedutor, que é o mal, sob pseudônimos e eufemismos que oferecem assunto para belos discursos, como este aqui, e que nada impedem. Oferecem também razões para grandes catástrofes, que nada consegue impedir, e que, para as quais, até então, não há reparação. As leis são infelizmente impotentes contra nossas paixões e vícios, a partir do momento em que dispomos de habilidade para transformá-los em hábitos.

As sociedades, a sociedade francesa em particular, que pela terceira vez toma o homem em sua fraqueza, dando-lhe liberdade em todas as ordens, estão hoje aptas a obrigar o homem a preferir a dor ao prazer, o sacrífico ao gozo, o dever ao direito, a disciplina à liberdade? Claro que não. O espírito de independência e insubmissão a tudo o que atrapalha a imaginação do homem vai cada vez mais se desenvolver. Não podemos saber até que loucuras, de consequências em consequências, a humanidade será levada pela lógica da razão! Acreditam que o homem vai dizer a si mesmo, de repente: “Limitado na duração, força e inteligência, devo e quero ser limitado nos meus desejos, paixões, prazeres, direitos e liberdade”. Não acreditam nisso, nem eu. Pelo contrário, o homem vai mais além, até que, tendo ultrapassado sua atmosfera moral, não consiga mais respirar. Quando o espírito humano não se encontra mais no limite, está no vazio. O homem voltará, então, atrás. Claro, pois o vazio é inabitável, porém, quando retornará?

Eis aí, em relação ao homem. E a mulher? Ela não reagiria diante desta exploração feita pelo homem? Tentaria impedi-lo? Ela o teria seguido e talvez ultrapassado, com diferentes revanches e, sobretudo, contra ele. O que será do casamento, família, pudor, filiação legítima ou não, o próprio amor neste vai e vem das almas, nessa confusão de primeiros movimentos, em que todo mundo partirá para algum lugar sem saber bem para onde?

O homem não quer se submeter a outro homem, quer ser livre. Em breve não reconhecerá, em toda a face da terra, nem rei, padre, Deus, pai nem pátria. Entrará, então, em uma nova fase, por onde o espírito de investigação, que terá fatalmente, e a ciência o levarão à glorificação da matéria e ao culto dos fatos. Ninguém poderá pará-lo, não importa o que seja feito. Assim, proclama-se e se estabelece os Direitos do Homem. Mas e os direitos das mulheres, quando vamos proclamá-los? Elas constituem a metade dos trezentos milhões de habitantes da terra. Será preciso chegar aí, mesmo que não queiram.

96 Imaginam que a necessidade de gozo e liberdade nos é apenas permitido, em razão de nossa constituição física, e que nunca a mulher a terá, e que assim será eternamente submissa ao homem insubmisso? O homem poderá eternamente quebrar seus pés conforme as leis de Confúcio, aprisioná-la em um harém conforme as leis de Maomé, condená-la ao casamento indissolúvel, ao convento, à esterilização ou ao vício conforme as leis, tradições e costumes de nossas sociedades católicas? Se acreditam nisso, estão completa e perigosamente errados. Queremos a liberdade para nós, estamos forçados a querer o mesmo para ela, que passará por todas as portas que teremos aberto ou arrombado. Este ser que oprimimos em todas as leis, para glorificar em toda literatura, arte e moda; este ser vai reivindicar seus direitos, assim como nós. E como dissemos anteriormente, a imensa prostituição que nos invade e nos desorganiza é apenas uma primeira forma de reivindicação, forma compatível com as únicas armas deixadas nas mãos da oprimida. Acreditam que

o agradável privilégio de poder pegar uma moça virgem, porque é púbere, pobre ou curiosa, torná-la mãe em um momento de prazer que quase nunca é compartilhado, depois abandoná-la com seu filho e, em seguida, tratá-la de corruptora e mau caráter, acreditam que este privilégio será do homem até o fim dos séculos?

Vejam também que, no casamento praticado, na maioria das vezes, nós homens temos o direito de especular conscientemente sobre a ignorância e de nos apropriar, como bem quisermos, da fortuna de uma jovem, do seu ir e vir, sendo infieis o quanto nos agrada, sem que ela possa agir nem reclamar. Ela estará condenada à fecundidade, se desejarmos ser pai, e à esterilidade, se filhos nos aborrecem, incomoda ou cansa, assim como, condenada à desonra e à vergonha, caso ela peça a outro homem o que nunca lhe damos – a realização de seu coração, espírito e sentidos –, enquanto podemos ter todas as fortunas, comprometer, desonrar, fecundar, abandonar, matar quantas mulheres quisermos e deixar morrer quantas crianças pudermos fazer, sem que um mínimo de vergonha nem responsabilidade recaia sobre nós. Percebam que este casamento é de servidão e humilhação para ela, e que seu erro seja talvez punido com desonra e até morte. Ela aceitará e se submeterá a tudo isso até o julgamento final? Renunciemos a essa ilusão e comecemos a prever.

97

Queremos a igualdade política, civil, legal, social, de todos os homens, decretamos esta igualdade, mas a natureza continuará a se encarregar das desigualdades intelectuais necessárias. Pois bem, a mulher também vai pedir a igualdade como os homens. Por que não? Não é ela um ser vivo, pensante, trabalhador, sofredor, amoroso, com a alma da qual somos tão orgulhosos, pagadoras de imposto assim como vocês e eu? Gostaria, realmente, de conhecer as razões que encontram para sempre lhe recusar a liberdade que reclamam para vocês? Esta igualdade da mulher e do homem, que já consta nas leis e costumes americanos, penetrando visivelmente nas ideias e costumes ingleses, chegará até nós como consequências inevitáveis

de nossos famosos princípios de 1889, proclamados imortais. Será preciso contar com as Senhoras Roland⁶⁶ e Théroigne⁶⁷ de Méricourt, talvez, que tiveram suas razões para se fazerem apóstolos da Revolução, cada uma a seu modo, uma em nome do ideal que a conduziu ao cadafalso e à apoteose; e a outra em nome de instintos que a levaram ao crime, à folia e à choupana. Quais argumentos usariam para se oporem às mulheres quando elas pedissem a liberdade?

Não está longe o dia em que elas encontrarão um defensor, tribuno convincente e eloquente como Michelet⁶⁸, apóstolo sincero e apaixonado, tribuno que reivindicará à Câmara os direitos políticos das mulheres. Então vocês colocarão o assunto na ordem do dia, como agora em relação ao divórcio, vocês os grandes eleitos do sufrágio universal, grandes protetores dos direitos humanos, discípulos de Rousseau, antagonistas da Idade Média, inimigos da Igreja católica, apóstolos da religião natural! Quando a mulher vier lhes dizer, através do tribuno, que é escrava, desde o começo do mundo e em todos os lugares do mundo, exceto na jovem América Republicana, a antepassada e primogênita dos pais da República francesa; quando a mulher levantar o estandarte da independência universal das mulheres, como vocês levantaram a bandeira da in-

98

66 Jeanne-Marie Roland (1754-1793), escritora francesa e interveniente política famosa. Em plena Revolução Francesa, escreveu, na prisão, “Memórias para a minha filha” e “Últimos Pensamentos”. Antes de ser executada, disse uma das frases mais célebres, mundialmente conhecida: “Ó Liberdade! Quantos crimes se cometem em teu nome.”

67 Anne-Josèphe Théroigne de Méricourt (Liège, 1762 - Paris, 1817), conhecida em Paris sob o nome de “A Bela Liégeoise”. Após viver em Paris, Londres e Itália, e conhecido aventuras múltiplas, ela se atira no turbilhão da Revolução Francesa, a partir de seu início, no ano de 1789, e participa da Tomada da Bastilha. Em 5 de outubro de 1789, Théroigne é a chefe do cortejo que vai até Versailles para trazer para Paris “o padeiro, a padeira e o pequeno aprendiz”, termo pejorativo usado para se referir ao Rei Luís XVI, à Rainha Maria Antonieta e ao delfim.

68 Jules Michelet (1798-1874), filósofo e historiador francês.

dependência universal do homem; quando ela chamar suas irmãs à luz do progresso, como vocês chamaram seus irmãos, e aí, o que lhe responderão?⁶⁹

Os senhores darão de ombros, rirão com suas barbas de pensadores livres autoritários. Um *Prud'homme*⁷⁰ subirá à tribuna e, para concluir, invocará o quê? Os princípios que estão nos Evangelhos, nas Bíblias que os senhores ridicularizam, insultam e atacam há cem anos?

A mulher passará e os senhores escutarão a mesma tribuna dizer-lhe:

Como pode?! Você detém a beleza, a sedução, o maior, mais nobre, mais poderoso e mais natural prazer que o homem pode experimentar; é, ao mesmo tempo, sonho e realidade, ideal e ídolo; é a amante, a esposa, a mãe; carrega tudo consigo, sofre de tudo e não recebe nada. O homem fez duas morais: uma para ele, uma para você; uma que lhe permite o amor com todas as mulheres, uma que te permite experimentá-lo apenas com um só, em troca de sua liberdade, eternamente acorrentada! Por quê? A natureza te deu, como ao homem, sentimentos, paixões,

99

69 No momento mesmo em que corrijo as provas dessas últimas linhas, leio isso no jornal (23 de janeiro de 1879): “encontramos em *Voltaire* um apelo endereçado às *Mulheres da França*, de muitas pessoas que não estão contentes com a situação delas. Não é a primeira vez que temos que reproduzir semelhantes apelos, mas é sempre estranho: Após este último triunfo da República, eis que chegou a hora de conquistar nossa liberdade. Uma vez a questão política resolvida, vamos nos dedicar à questão social. Se não sairmos de nossa indiferença, se não formos contra a situação de nossas mortes civis, a liberdade, a igualdade virão para os homens, para nós mulheres serão vãs palavras. Os ministérios se sucederão. À República de nome se sucederá a República de fato. Se a mulher se contentar em ser resignada, continuará sua vida de escrava, sem poder ser independente do homem cujo direito é o único reconhecido e o trabalho é o único retribuído. [...]”

70 Membro de um tribunal, composto por igual número de representantes dos empregados e empregadores, e que tem por função a resolução de litígios trabalhistas individuais. A disputa é resolvida por uma sentença, apenas se a conciliação não puder ser alcançada pelo tribunal.

órgãos, sentidos, a necessidade de amar um ser do outro sexo e de ter filhos. Você quer ser mulher, quer ser mãe e, ao mesmo tempo, quer manter sua liberdade? Pois bem, que diferença há entre você e o homem que quer ser homem, quer ser pai e quer ser livre? Por que seria mais desonroso para você do que para ele? Se não há mais venalidade nos seus sentimentos livres do que nos sentimentos livres do homem; se estiver realmente atraída, pelo coração e sentidos, por quem deseja se entregar e amar; se criar os filhos que nascerem dessa atração involuntária, desse vínculo involuntário, por que a repreenderão? Irá submeter-se, eternamente, a um preconceito bárbaro que só te permite um filho, o amor maternal, através do casamento que te condena? E se não houver casamento, ficaria privada desse sentimento, dever e alegria, desonrando-a e desprezando-a por assumir e amar seu filho? Ou, ainda, a odiá-lo, abandoná-lo e matá-lo para escapar da desonra e do desprezo que te infligem, devido ao ato mais natural do mundo? [...]

Quer amar, ame; quer ser mãe, seja mãe; não é você que, para trazer um filho ao mundo, arrisca sua saúde, sua beleza, sua vida? O mínimo é que escolha o homem que o conceberá. O que escolheu não te ama mais, deixe-o; não ama mais o que amava, troque por outro; trate o amor como o homem o trata. A ciência e a natureza mostram que as fêmeas conseguem os melhores bens trocando de machos; siga a ciência e a natureza, faça como as fêmeas e, como é essa função à qual o homem te reduz, ao menos tire dela as vantagens até então reservadas aos animais. Por que não? Seu pudor? Invenção do homem para torná-la ainda mais submissa. Aliás, está vendo o que ele fez do seu pudor? Da sua alma? Veja como ele cuida da sua própria. Seu Deus? É o dele. Veja como o leva em consideração. Seus pequenos? Nasceram dele; incomoda-o abandoná-los? Se os ama, crie-os; se não os ama, faça como ele: deixe-os. Se o homem rejeita a mulher que será mãe, por que a mãe não rejeitaria o filho em nome do qual foi rejeitada? Quem se encarregará da criança? A sociedade que faz as leis pelas quais sofre se encarregou dos filhos de Jean-Jacques,

sob a alegação de que o homem cumpre o que chama de seu progresso. Se a sociedade o rejeitar, o que restará à criança? A morte. O que te importa? Terá tido o prazer sem a pena, o que é objetivo da nova vida. Aliás, tenha apenas amor, não tenha filhos; é fácil. Assim não trará remorsos a sua alma, em que parece acreditar, nem perigo a seu corpo, que te pertence.

Mas, dirá a mulher, “teremos a força necessária para realizar essa revolução? – Somos um sexo fraco, sem vontade, sem energia, sem perseverança, que é puro sentimento, abandono, amor, que necessita de segurança, de proteção, criado para obedecer e se sacrificar!”

Onde se viu isso? retrucará a tribuna. É a submissão na qual o homem te colocou e tão habilmente te mantém, para benefício próprio, que te faz acreditar em sua fraqueza. Olhe com um pouco mais de atenção e verá que, na ordem intelectual, moral e até muscular, não é tão fraca quanto o homem diz. [...] Um sexo que guerreira como as amazonas e patriotas de Saragoça, galhardas como as comerciantes do mercado público, as catadoras de seixos à beira do oceano, as ginastas que aplaudimos nos circos e que fazem exercícios de força e destreza que nenhum membro do sexo forte seria capaz de fazer. Um sexo que nos diz continuamente: “Se vocês, homens, tivessem que suportar as dores do parto, não resistiriam”. Um sexo que fornece Jeanne D’Arc, tantas irmãs admiráveis à caridade, tantas *Pétroleuses*⁷¹ e incendiárias às revoluções e tantos espectadores às execuções capitais, o que é uma prova mais do que suficiente de que esse sexo pode vencer a sensibilidade frágil e impotente à qual o condenamos. Um sexo cujo poder sobre os homens apavora tanto nossos legisladores, resultando em leis que o acorrentam no mundo inteiro, para torná-lo o mais inofensivo possível. Um sexo como esse não é um sexo fraco; não precisa que o protejam tanto assim; pode

101

⁷¹ *Pétroleuses* eram, de acordo com rumores populares da época, apoiadoras da Comuna de Paris, acusadas de incendiar grande parte de Paris durante os últimos dias da Comuna, em maio de 1871.

conduzir-se, vigiar-se e proteger-se, ele mesmo; para isso, precisa apenas da educação que lhe convém, que é digno de receber, que é capaz de aproveitar e que já passa da hora de lhe darmos.

Não digo, continuará a tribuna, que é preciso que a mulher porte armas, construa casas, conduza locomotivas ou pavimente ruas, como não digo que os homens devem fazer tapeçarias, ter cabelos longos e anáguas bordadas, colocar filhos no mundo e alimentá-los com o leite de suas mamas; não peço que as mulheres abdicuem de suas graças e seus charmes, mas, ao contrário, que agreguem a eles, não vendo neles seu único mérito e seu único meio de ação. Enfim, não conhecendo sequer uma razão justa, plausível ou mesmo falaciosa para que isso lhes seja recusado, reclamo para elas a mesma liberdade e os mesmos direitos que para os homens. [...]

Falamos não só do homem que se casa e eleva o lar a um outro patamar, mas também do que não se casa, que percorre o mundo como a Gioconda. E, em vez de, como aquele, pular da loira para a morena, este pula da branca para a negra, da negra para a amarela, e poderá, três ou quatro vezes ao ano, trocar a cor de seus amores e

102

deixar, ao longo do caminho, uma descendência variada de tons que não conhecerá e, principalmente, jamais reconhecerá. É preciso que ele também esteja prevenido. Acreditam que esses filhos chorarão por ele e que lamentará muito se perdê-los? Se vai daqui para os países exóticos, esse livre produtor pode vir dos países exóticos para cá. Quantos visitantes da última Exposição⁷² não nos deixaram crianças inglesas, americanas, alemãs, italianas, espanholas, russas, gregas, árabes e chinesas, que jamais conhecerão o pai, apesar da lei sobre a procura da paternidade, que será apresentada ao Senado e que, se for aceita, o que é tão questionável quanto inútil, autorizará a criança que chegar aos vinte e um anos a procurar seu pai, se tiver documentos ou

⁷² Exposição universal, cujo objetivo era ser um retrato em miniatura desse mundo moderno avançado, composto de espetáculos nos campos da ciência, das artes, da arquitetura, dos costumes e da tecnologia.

testemunhos que o provem, etc.? No auge dos vinte e um anos! Em tempos como os nossos! Procure, meu filho, procure! [...]

Dessas reflexões e tantas outras, pois o assunto é inesgotável, nasceu a peça *Senhor Alphonse*. Na massa de homens que correm e se agitam como formigas sob o nome de sociedade, sorteei, por assim dizer, um menino, nem melhor nem pior que os outros; um desses seres cujos pais o colocaram no mundo legalmente, sem, talvez, saber muito bem o que estavam fazendo, porque é certo e natural que as moças se casem e, portanto, que os homens as desposem. Pessoas de bem, aliás, que criaram seu filho segundo todos os preceitos tradicionais. Batizaram-no imediatamente; teve um padrinho e uma madrinha; deram-lhe confeitos; sua própria mãe amamentou-o ou fez uma mercenária, com boa constituição, amamentá-lo diante de seus olhos; em seguida, puseram-no em um pensionato ou um colégio; incumbiram-lhe sua primeira comunhão; terminou seus estudos medianamente; talvez tenha conseguido. Seu pai morreu; como filho de mulher viúva de oficial da marinha, obtive uma vaga num escritório; era um rapaz feliz; não lhe faltava espírito; nascera de pais sãos; tinha músculos, sangue, apetites, enfim, era um jovem em Paris, a cidade onde se é jovem mais cedo e por mais tempo, para não dizer sempre, e ele se divertiu; é preciso que haja juventude! Nossas últimas revoluções criaram o eleitor a partir dos vinte e um anos, para nomear deputados que mantiveram ou criaram leis, às quais se submeteu, tendo liberdade de se divertir impunemente.

103

No entanto, qual é o maior divertimento de um jovem? A mulher.

Se o homem que quer se divertir dirige-se às cortesãs numeradas e patenteadas, deve, como em um jogo de tabuleiro, pagar a quantia de acordo com o número que cai. Se ele se recusa, após ter se divertido, a pagar a quantia combinada, há uma lei que o obriga a fazê-lo, e a dona do lugar patenteado tem o direito de recorrer aos agentes da segurança e moral públicas. Porém, se o homem é

delicado, refinado, se o prazer comum não o agrada ou não mais, se prefere ter uma mulher só para si, ele pode, então, entrar em uma família honesta, seduzir uma moça que se apaixona por ele, pode desonrá-la e torná-la mãe. Isso não lhe custará nada, pois não há lei para proteger as moças honestas. A partir dos quinze anos e três meses de idade, o código coloca-as à disposição do homem, contanto que este não se valha de sequestro ou violência.

Apresso-me em dizer, não desculpo nem as moças que se deixam seduzir nem os homens que as seduzem. Admito que as moças seduzidas tinham alguma disposição para tal. Entretanto, é preciso levar em conta uma certa ignorância relativa, a dessa necessidade de amar, que agita mais profundamente o coração da mulher do que o do homem; sobretudo da necessidade de ser amada, mas também da pobreza, da solidão, dos sonhos que a permeiam, da imaginação que a reveste e da natureza que a perturba. É preciso admitir, também, que um miserável se aproveitará da completa inocência da moça ou da falta de supervisão ou de moralidade dos pais. A lei não prevê nada disso. Prevê, apenas, repetimos, o estupro e o sequestro, casos 104 muito raros e que a experiência do homem facilmente elude.

Nosso rapaz encontra uma dessas moças cujo trabalho do pai garantia todo o conforto. Ela fora instruída, bem criada; tem condição, educação e hábitos para não poder viver com um operário. O pai morreu; o orçamento, então, diminuiu substancialmente. A mãe se desencoraja e se entristece; morre, por sua vez. A órfã fica com uma velha tia que a acolhe; ela é bonita, mas sem dote; olham-na, cobiçam-na, mas não a desposam. Esse desprezo é, ainda, respeitoso e, aos que não pedem sua mão, ela deve ser grata por não pedirem o resto de sua pessoa.

Aquele que deve se aproveitar, abusar dessa solidão, tristeza, beleza, sonhos que precisam de um confidente, aspirações que precisam de um objetivo, sai das brumas do horizonte. Ele fala de casamento no futuro, não fala? Pouco importa; fala de amor. E é

ouvido: ela se entrega. Se ninguém a quis legitimamente, por que não se entregaria a qualquer um? Raciocínio de mulher disposta à ruína; assim seja. Ela deveria resistir, evidentemente. A religião, moral, honra, razão, interesse, tudo lhe diz: está decidido. Mas o que desejam os senhores?! É primavera. A terra e o céu estavam em festa, tudo cantava o amor perto dela, acima dela, em torno dela, enfim, nela! Os corações batiam, os olhos brilhavam, as mãos queimavam, as vozes tremiam. Todos os seus pudores, todas as suas belezas, tudo o que ela tem de bom, generoso, secreto, orgulhoso, essa virgem entrega a esse homem. Lá está, trêmula, profanada, vencida, feliz, admiravelmente fraca e confiante, completamente vermelha de vergonha e prazer. Nesse momento, não há nada mais comovente, nada mais sagrado; é o amor sem defesas, cálculos nem arrependimentos.

Estão vendo tudo o que esse homem recebe dessa mulher? Ele certamente cairá de joelhos, beijará seus pés, pedirá perdão, a chamará de sua mulher para a eternidade, perante Deus e os homens, pois é certo que essa mulher o ama. Que outra mulher poderia amá-lo mais e melhor provar seu amor? Pois bem, não! Esse homem, de fato, cobre essa mulher de beijos, mas é apenas o entusiasmo do corpo. Quando se afastar, pois será preciso afastar-se para não a comprometer e para ir jantar, essa alegria que levará consigo será a alegria do orgulho. Seu bem estar será o de um desejo saciado, e o que lembrará será a perfeição física que terá experimentado em meio a sua embriaguez. Agora, seria preciso poder proclamar sua felicidade e triunfo. Ele o fará, não duvidem disso. Não dirá o nome da moça, não, – ao menos, não imediatamente –; mas contará a história a um amigo, depois a outro; depois, virão mais detalhes; depois, revelará passagens de suas cartas, nas quais ela acredita falar apenas com ele; dirá seu apelido; enfim, encontrará um jeito de mostrá-la de longe, pedindo segredo, pois é preciso que seja invejado e glorificado, e só ficará

realmente feliz quando tiver maculado essa mulher, seu corpo, seu espírito, sua alma, sua honra e seu nome.

Mas isso não é tudo; esse idiota nem mesmo soube usar o que o vício e a libertinagem lhe ensinaram, para a honra exterior daquela que seria desonrada por ele. Se sua fantasia deixasse, ao menos poderia ter evitado os rastros. Os métodos a que, talvez, pudesse recorrer para não aumentar a família e as despesas, não quer se sujeitar a eles para preservar a reputação daquela que diz amar. Então, ela torna-se mãe.

Adeus poesia, sonhos, belas noites de verão, estrelas, brisas, perfumes, beijos na penumbra, palavras à meia voz, suspiros abafados: o pequenino muda tudo. Em quem confiar? A quem pedir assistência? Ao pai da criança. Ela anuncia a notícia fatal, pede-lhe apoio, um conselho. Ele propõe-lhe um crime; “é o que há de mais simples; tem um amigo estudante de medicina, ...”.

106 Ela não é mais virgem, não é mais amada; não é mais pura, que seja; mas não quer tornar-se criminosa; ela é e quer continuar sendo mãe. Era o que ele esperava para virar um completo covarde. “Se eu quisesse ter tido filhos, teria me casado. O que fazer com uma amante com um ventre enorme e que chora o dia inteiro?” Ele a deixa. Eis o que acontece. Foi isso o que o senhor quis, Senhor Deus, quando decretou que do amor do homem nasceria o filho?

E se o fato é conhecido, a sociedade, de acordo com a lei, dirá: “Problema dela! Pois que se defendesse”. É verdade. Mas, se essa mulher fosse sua irmã, ou filha, senhor, o que faria? – Eu mataria o miserável ou morreria de tristeza. – Então, é sério. Obrigado, é tudo o que queria saber. Continuemos.

O tempo passa, será preciso admitir. A velha tia vê a mudança nos traços, a tristeza nos olhos vermelhos pelas lágrimas noturnas. Ela pergunta e a moça conta tudo. É aí que Pascal triunfa e que o coração encontra razões que a própria razão desconhece. As duas

mulheres choram juntas. O pequeno viverá. Quantos abraços logo após essa decisão tão comovente, heroica e simples!

É preciso afastar-se um pouco sob um pretexto qualquer. Encontram um refúgio desconhecido, um médico discreto e a criança vem ao mundo. Confiam-na a uma ama de leite e retornam a Paris. Vão vê-la às escondidas: é bonito, são, inteligente, é o filho do amor mesmo. Se o amor tivesse trazido o casamento, que felicidade, que alegrias, que orgulho maternal!

As duas mulheres trabalham para aumentar os recursos. Imaginem as vigílias! As recordações! Os arrependimentos! As reflexões! Os medos! Contanto que esse pobre pequenino viva, que não morra de repente enquanto a mãe não estiver por perto. Só faltaria isso agora. Que a criança morresse!

O pai foi informado do nascimento, do lugar onde a criança está sendo criada, às custas das duas mulheres. Vai vê-la de vez em quando. Tem dias que essas visitas o divertem, principalmente quando faz sol; mas é só, e elas tornam-se cada vez mais raras. Aliás, ele pensa em se casar. É preciso tomar jeito. É tão chato ficar sozinho! A empregada cuida tão mal dele! A comida nos pequenos restaurantes é tão ruim! E, depois, é um bom negócio. É uma viúva, Senhora Guichard, ...

107

A criança cresce e não sabe de nada disso. Parece feliz da vida. Todos a amam, exceto seu pai. Ela começa a falar; diz apenas “Mamãe”, mas já parece entender. Quem sabe? Talvez entenda!

Quanto à mãe, que nasceu para amar, ama-a e não amará nada além dela; sua vida está feita. Olhando para o futuro, vê apenas a criança. É uma menininha. Melhor ainda, “não fará o que seu pai fez”; mas, talvez, fará o que a mãe fez. “Oh! Não, eu a preservarei, será uma mulher de bem.” “E, depois, quando mais tarde aprender que deve a vida a um erro, será ainda mais indulgente que um homem.” Assim passam-se alguns anos.

O acaso coloca no caminho de Raymonde⁷³ um homem de bem, marinheiro, órfão desde seus primeiros anos, completamente sozinho nesse mundo, que trabalhou, viu e pensou muito. Seu coração e cérebro expandiram-se, por assim dizer, na proporção desse horizonte circular, sempre o mesmo e sempre novo, onde a imensidão toca eternamente o infinito. Ele vê essas duas mulheres solitárias, trabalhadoras, tristes; adivinha, então imagina suas duras provações do passado, a dor secreta no presente e a grande preocupação com o futuro. Pouco a pouco penetra na intimidade delas. Ele é bom e não faz planos. Fala de espetáculos grandiosos, terras desconhecidas, emoções revigorantes. Com ele, um pouco do grande ar de sua vida poética, laboriosa e livre penetra na modesta moradia, refrescando, perfumando e engrandecendo, pouco a pouco, os pequenos quartos das duas mulheres. Restabelecendo, assim, o vínculo entre a grande e eterna natureza e essas duas pobres criaturas, cuja estreita existência resumia-se, antes dele, à lembrança e à angústia.

108 Essa moça culpada, resignada – que conhecera apenas os homens que a desprezaram e aquele que a levou à perdição – começa a vislumbrar um novo aspecto do homem. Ela não ama o comandante Montaignin; não; ela já teve sua cota no amor. É no que ela acredita, pelo menos, pois o sentimento que experimenta por Marc Montaignin nada tem em comum com o que experimentara por Octave. Ainda não sabe que o amor também tem diferentes aspectos; mas, às vezes, diz a si mesma: “Por que não encontrei esse bom homem antes do outro?”. Ele é muito mais velho do que ela, seus cabelos estão ficando grisalhos, mas tem a energia de um rapaz, o coração de uma criança, a aparência orgulhosa daqueles que têm o hábito de proteger e o direito de ser obedecido.

73 Personagens da peça: Marc Montaignin, comandante, 48 anos – Octave, pai de Adrienne, 33 anos – Remy, marinheiro, 50 anos – Dieudonné, tabelião, 30 anos – Raymonde, 30 anos – Senhora Guichard, entre 35-40 anos – Adrienne, 11 anos.

É preciso partir, voltar para seus companheiros, para a luta, para o dever, para a grande solidão dos oceanos. Vem se despedir de Raymonde. Está comovido, ele, tão corajoso, valente, impassível diante dos maiores perigos. Pede permissão para escrever-lhe de vez em quando e espera, também, notícias de suas duas amigas, nos endereços que indica a mil, duas mil léguas. As distâncias são tão grandes, as travessias tão longas e a vida tão curta! Separam-se. Ela queria tê-lo acompanhado até a estação; não ousou se oferecer, nem ele ousou pedir-lhe. Nunca lhe perguntara por que estava sempre triste. Ela pôs-se à janela. Deu-lhe um último adeus, enquanto ele subia no carro, o adeus de uma amiga comum; seguiu com os olhos o carro até a curva. Várias vezes ele olhou e acenou pela portinhola. O carro desaparece.

Eis uma nova lembrança na vida de Raymonde, um novo ressentimento, uma nova tristeza, sem uma esperança a mais. Eis um coração ainda maior em uma casa ainda mais vazia. Quem diria que, apenas há alguns meses, uma emoção que não viria de sua velha tia ou de sua filhinha teria lugar em seu coração e espírito? Tenho certeza de que, no dia seguinte da partida, ela teria ido ver Adrienne, teria ficado e brincado mais tempo com a pequena, abraçando-a ainda mais.

109

Mas, se está tão abandonada e sozinha e se ama tanto sua filha, por que não a leva consigo? Pensou nisso várias vezes antes de conhecer o comandante Montaiglin, mas seu erro é desconhecido. Por que divulgá-lo agora a todos e principalmente para ele? Ela tem medo do desprezo e talvez mais ainda da piedade, que é apenas uma de suas formas, já basta desprezar a si mesma. Exigimos tão pouca delicadeza dos homens e exigimos muito pouco heroísmo das mulheres.

A criança, aliás, não precisa mais da mãe o tempo todo. Os cuidados das amas bastam. O ar do campo é melhor do que o de Paris. No pequeno alojamento das duas mulheres não há lugar para

a criança, pois é lá que seu trabalho encontra algum recurso. Com visitas regulares e frequentes, carinhos, sorrisos e brinquedos, as coisas podem permanecer assim durante algum tempo. A honra da mãe estará salva sem que a saúde da filha sofra.

Estão vendo, agora, essas duas solidões? A estreita solidão de Raymonde e a vasta de Marc; aproximadas uma da outra, por assim dizer, pela intransponível extensão que os separa? Vejam essa moça em silêncio, costurando, bordando, trabalhando de dia, junto à janela e sob o candeeiro à noite? “Onde M. de Montaignin poderia estar a essa hora? diz a sua tia. – Como é feliz por ver outros países! Que excelente homem!”

Estão vendo esse homem caminhando no convés de seu navio? Ele dá algumas ordens; supervisiona, sonda o horizonte, lembra-se e sonha. Quando, ainda durante alguns anos, seu barco tiver traçado sobre os mares esses vincos que se fecham sozinhos e esses rastros que logo se apagam; quando, ao silêncio, à solidão e ao deserto dos grandes espaços, sucederem-se, junto à idade e à fadiga, o silêncio, a solidão e o deserto em uma cidade pequena ou grande, em meio a uma sociedade longe daquela em que terá vivido três quartos de sua vida, ela não saberá seu nome nem se interessará por suas lembranças, com a qual não terá vínculo algum, nem pelos interesses nem pelo coração, o que restará a esse homem, esse herói obscuro, de deveres?

Um velho servidor, marinheiro antigo, fiel e devoto, que se casará com sua cozinheira e terá uma família sob seus olhos. Onde estará sua família? Não tem mais pai nem mãe. Dormem um em cima do outro na modesta sepultura de um cemitério provinciano. Até que vá se juntar a eles, com quem poderá falar dos dois amores de sua vida? Não tem nem irmão nem irmã, nem sobrinhos nem sobrinhas. Seus camaradas e amigos erram sobre as águas, estão mortos ou descansam em algum lugar, perto de alguém, longe dele, dispersos, indiferentes.

Essas, muito provavelmente, são as fases e reflexões que precederam o casamento de Marc e Raymonde. Algumas pessoas a criticaram por não dizer a verdade ao Senhor de Montaignin, quando este veio perguntar-lhe se queria ser sua mulher. É preciso conhecer muito pouco as mulheres para, em nome da estética⁷⁴, fazer uma crítica dessas a Raymonde. Onde está a mulher que assume seu erro, quando não é absolutamente obrigada a assumi-lo? Uma mulher confessará um erro a uma amiga, por necessidade, seja para continuar a cometê-lo, para descartar os perigos ou para encobrir suas consequências. Em um primeiro momento de desespero, contará tudo a um amigo que, como homem, será totalmente indiferente e não terá o direito de lhe pedir satisfações. Todavia, a seu pai, marido, amante e àquele que a ama, que a estima, que a procura, jamais dirá nada, a menos que as circunstâncias não permitam que aja dessa forma ou que sua salvação dependa deles. E, ainda, muitas mulheres preferem se perder ou mesmo morrer, em vez de confessar.

O confessionário foi instituído apenas para descarregar as consciências dos culpados, diante de um homem que jurou não revelar nada e que assegura ter o direito de absolver, após algumas penitências que permanecem em segredo entre ele e o penitente. Não acho que um padre que recebeu a confissão de uma mulher adúltera tenha, alguma vez, ordenado que ela confessasse seu ato ao marido. Tão pouco admito que uma moça, após a confissão de seu erro com todos os seus efeitos a seu confidente, este tenha infligido, como penitência, assumi-lo para os pais, ainda menos, para o homem que quer se casar com ela. Uma vez revelados no confessionário, os erros perdem, por assim dizer, seu caráter social. Não estão mais sob a jurisdição daqueles a quem poderiam prejudicar, machucar ou irritar, e esses teriam mais a independência e o equilíbrio de espírito

111

74 A estética (do grego *aisthesis*: percepção, sensação, *sensibilidade*) iniciou-se como teoria que se tornava ciência normativa às custas da lógica e moral – os valores humanos fundamentais: o verdadeiro, o bom, o belo.

necessários para julgá-los. Passam da ordem dos fatos materiais à ordem das deficiências morais, previstas pela Igreja, e só dizem respeito ao padre, que não deve satisfações de suas sentenças a ninguém. Se parecer ao padre que o culpado se redimiou o suficiente, pelo arrependimento e contrição do erro cometido no mistério e revelado em segredo, pois em virtude do axioma evangélico haverá mais alegria no céu para um único arrependido do que para cem justos, o culpado pode e deve se considerar não apenas liberto, mas inocente e, depois de um certo tempo, talvez superior aos que nunca pecaram.

Então, Raymonde, para pôr um fim em seus escrúpulos, quando Marc pediu-lhe em casamento, foi consultar um padre. Este disse-lhe para não declarar nada ao homem e que, a partir do momento em que pretende amá-la, deve saber de antemão com o que o amor cristão o compromete e, para o padre, não há outro tipo de amor senão esse: “Aquele que nunca pecou, que atire a primeira pedra!” – “Vá e não peque mais!” E, se as circunstâncias trouxerem a verdade a seu marido, Deus, que terá conhecido e acolhido o arrependimento da culpada, esclarecerá o julgamento. Assim é, certamente, a resposta dada pelo padre, caso consultado.

112

Tentem fazer uma mulher acreditar que pode, apaziguando sua consciência, realizar sua vida segundo seus desejos. Tentem fazê-la acreditar que não está no direito, na verdade nem no bem! Tem o céu para ela e com ela. Quando a religião não pode impedir o erro, ela deve, no mínimo, remediá-lo.

Agora, suponhamos que a culpada não vá tão longe, que consulte apenas seu interesse e o simples bom senso, ela se calará ainda mais. Se acreditar que deve confessar a seu marido que pertenceu a outro e que desse erro nasceu uma criança, é porque supõe que, depois de tal confissão, o homem que a considera pura e que quer se casar com ela, ao saber que foi desonrada, não a desejará mais. Então, seria muito louca para confiar seu segredo a um estranho,

que poderia lhe virar as costas imediatamente e, apenas por delicadeza, não espalhar essa confissão. Essa mulher estará, então, sob a dependência desse estranho. Terá exposto sua honra sem nada receber, sem que nada lhe fosse exigido em troca. Achará melhor, então, recorrer à Providência que, aliás, *deve-lhe mesmo uma revanche depois de tudo o que sofreu*. Calar-se-á e, na prática, terá razão. Com um pouco de habilidade, achará um jeito de os fatos jamais serem descobertos e, se forem, sempre haverá tempo para confessar ou morrer. Na realidade, as coisas acontecem dessa maneira. Vimos, algumas vezes, pessoas preferirem a morte ao medo de serem desonradas, não creio que tenhamos visto um ser humano preferir a morte à chance de ser feliz.

Enfim, no caso que imaginei digno de ser submetido ao público, as tradições do casamento são ligeiramente modificadas por circunstâncias particulares. Não se trata de um rapaz que pede oficialmente a mão de uma moça a seu pai, mãe ou advogado. Nesse caso, está implícito que a moça não terá comprometido, nem um pouco, seu coração, prejudicado sua dignidade ou exposto sua pessoa.

Não foi nessas condições regulamentares que o Senhor de Montaignin casou-se. Raymonde estava com vinte e sete ou vinte e oito anos. Vivia com uma velha tia. As duas mulheres eram tristes e forçadas a trabalhar para garantir modestos recursos. É preciso ter dado a volta ao mundo várias vezes para adivinhar, para sentir alguma grande decepção, alguma dor por trás dessa tristeza, resignação e isolamento? O Senhor de Montaignin tinha dezoito ou vinte anos a mais do que Raymonde. Foi mesmo casamento, no sentido absoluto da palavra, que propôs à moça? Não seria uma dessas associações amigáveis, uma dessas uniões mistas, em que, por precaução, devem ser excluídos os entusiasmos, as ilusões e as severidades, assim como os ardores das uniões entre os jovens? Um homem com essa inteligência e caráter, com essa experiência e idade, e que durante dez ou doze anos navegará e desaparecerá, ainda, por meses, talvez anos.

Portanto, ficará separado de sua mulher durante essas ausências prolongadas. Este homem pedirá a mão de uma moça de dezoito ou vinte anos? Saberá por antecipação que ela recusará. Ou que, se aceitar, é porque a moça precisará de dinheiro ou não hesitará em ter muita liberdade.

Há muitos homens que, pelas condições que a vida lhes impôs, não inspiram tantos sentimentos. Chegam absortos demais ou tímidos demais, desgraçados pela natureza ou fortuna, ou tarde demais ao banquete, onde os ousados, os felizes e os jovens estão sentados há muito tempo. Assim, devem se contentar com o que sobrou ou não comer. Os inteligentes, os filósofos e os justos sabem e se resignam. Não nos queixemos cedo demais, nem zombemos cedo demais deles. Ocorre-lhes, às vezes, de encontrar um bom ‘pedaço’, ignorado, esquecido ou rejeitado por um de seus convivas difíceis, cegos, esbanjadores, fartos.

114 Reencontramos, então, uma mulher cuja vida nos desperta a lembrança de uma ou até de várias aventuras galantes, e cujo nome, publicamente e durante um tempo, foi associado a nomes de homens em relatos que circulam, através da fumaça de seus charutos, sob os lábios dos ociosos. Reencontramos essa mulher nos braços de um homem de bem, que teve a fraqueza, dizem uns, a coragem, dizem alguns, a tolice e a generosidade, dizem outros, de cobrir legalmente, com o seu nome, todos os nomes murmurados. Nós a conhecemos leve, comprometida, culpada (era tanto quanto dizia?), talvez nós mesmos estivéssemos entre os predecessores desse homem, por termos rompido com essa mulher. Ficamos dispostos a rir daquele que se contenta com nossos restos.

A curiosidade nos leva a penetrar em sua intimidade. O homem nos acolhe, a mulher nos sorri. Parecem estar tão felizes juntos que nos perguntamos se ele, alguma vez, desconfiou da verdade e se ela esqueceu. O que é certo é que nós fomos completamente apagados da vida dessa mulher e que, de repente, descobrimos nela qualidades in-

telectuais, morais e até físicas de que não desconfiávamos. Que o amor e a estima de um homem com coração fizeram surgir dela algo que nem chegamos a tocar. Percebemos tarde demais que não vimos o seu verdadeiro valor. Talvez o de nossa felicidade. Pisoteamos e afundamos ligeiramente em um terreno em que o proprietário que nos sucedeu encontrou uma mina de ouro, graças a certos indícios que não percebemos e, então, não pensamos mais em rir dele. Começamos a invejá-lo.

Acontece que uma grande questão é constantemente debatida no íntimo de sua consciência: se o fato físico, o que nosso orgulho e egoísmo mais criticam na mulher, a degradam e a condenam. [...] De qualquer forma, o comandante Montaignin casou-se com Raymonde e, se não previu tudo, certamente entreviu que, na vida daquela que tornara sua mulher, havia um segredo, e teve a delicadeza de não pedir uma confissão, pois disse-lhe logo no primeiro momento: Eu te avisei, não foi? Quando perguntei, há seis anos, se queria ser minha mulher. Disse de antemão que não vinha te oferecer o casamento sonhado pelas moças. Minha idade e posição não me permitiam o papel de Romeu. Contratamos, um com o outro, uma aliança defensiva contra a vida... Eu te disse: “Você quer um amigo? Mal poderei passar dois ou três meses por ano com você, mas saberei, em minhas longas viagens, que, em algum lugar, há alguém que pensa em mim e que espera pela minha volta. Quer ser minha companheira por alguns anos e minha menina nos restantes?” Você aceitou. Foi isso o que foi combinado, nada além.

115

Dito isso, o drama começa e se desenvolve. [...]

Acharam que Adrienne era muito inteligente para sua idade. Há somente uma coisa para responder aos que fizeram esse comentário: provavelmente não têm filhos e nunca tiveram uma conversa séria com os filhos dos outros. Não se explica o que há de inteligência, intuição, observação, reflexão, profundidade, coragem, justiça, malícia e reservas no espírito e na alma de uma criança, sobretudo de uma criança infeliz, de uma menininha. Preciso lembrar aqui a resposta do jovem Luís XVII, aos sete ou oito anos de idade, a quem

seu carrasco Simon perguntava: “O que o senhor faria de mim se os habitantes da Vendeia⁷⁵ triunfassem?” e que ele, Luís, respondia: “Eu o perdoaria”. Preciso lembrar o silêncio que se impôs à criança real até sua morte, os maus tratos que lhe foram infligidos, quando percebeu que o haviam feito prestar uma acusação contra sua mãe?

Discute-se muito com os homens, não se fala o bastante com as crianças. “Não existem homens como Montaignin”, ouvi a respeito do desfecho. Pouco importa que não, mas é preciso que haja. Felizmente existe sim. E a qualidade desses homens compensa seu pequeno número. Basta apenas um sobre cem, até sobre mil, para que o exemplo domine e que o bem e o ideal finalmente triunfem. Há muitos homens como Alphonse, que fazem as mulheres se perderem, por que não haveria alguns como Montaignin, que as salvam?

“Mas salva Raymonde, apesar de sua honra!” Onde viram isso?

Desde quando a honra de um homem pode ser comprometida pelo erro de sua mulher ou de quem quer que seja? Suas ilusões, felicidade, ideal, amor, confiança e fé podem ser afetados, sua honra, não. Nossa honra só pode ser comprometida por um ato vindo de nós mesmos, de nossa própria vontade. Quando um homem, traído pela mulher, enfrenta ou até mata o cúmplice dela, é para vingar sua honra? Não, nem mais nem menos honrado do que antes. Matou ou foi morto, isso é tudo. Provou que era infeliz, violento e bravo, que sua dor precisava transformar-se em vingança ou que seu orgulho precisava fazer um estrondo. Teve medo da inércia ou ridículo, apesar da indiferença do bom senso, o heroísmo do perdão, do espírito da filosofia. Foi submisso a suas paixões, como são dezenove a cada vinte homens.

O Senhor de Montaignin é um desses vigésimos. Desde a juventude, está acostumado a viver entre os homens, a comandá-los.

75 A Vendeia é marcada pela oposição histórica à Revolução Francesa – a Revolta da Vendeia de 1793, quando artesãos e camponeses se insurgiram contra a Revolução e a burguesia das grandes cidades e a favor da Igreja católica e do sistema monárquico, recebendo o apoio da aristocracia.

Viu os mais belos espetáculos da natureza, assistiu aos maiores perigos, cuidou de seus comandados, sentiu-se grande ao lado deles, Deus a sua frente... ou seja, pensou, contemplou, comparou, julgou, prostrou-se, compreendeu; libertou-se das contingências sociais. Meteu-se no absoluto em que se constituiu como homem, isto é, como mediador cristão que, no meio que ocupa, tem sempre que restabelecer o acordo entre o céu e a terra. Em contato com esses homens, o ignorante esclarece-se, como a Senhora Guichard. O impertinente se deteriora, como Alphonse. O erro arrependido é perdoado e redimido, como Raymonde.

O desfecho de *Senhor Alphonse* é comparável ao da *Mulher de Claude*, ou melhor, é o mesmo homem usando outro nome e cumprindo, em nome da justiça, consciência e verdade, o que deve ser cumprido. Esse homem caminha pela vida, uma mão cheia de castigos, a outra cheia de perdão, exterminando a revolta obstinada, compreendendo a fraqueza e o erro de um momento, absolvendo quando o arrependimento é sincero e mostra provas evidentes. [...]

Montaiglin perdoa, por quê? Pelo mesmo espírito de justiça. Tem que julgar uma mulher que errou por ter confiado. O remorso purifica, a maternidade releva. A esposa apagou o erro da amante, a mãe redimiu a mulher. Nem Claude nem Montaiglin julgam como maridos. Agem somente segundo os direitos contratuais que sua qualidade particular de esposo lhes garante, não são levados pela conveniência, seguem seu destino eterno. Ambos fazem o que o homem que sabe por que está no mundo deve fazer. O público aprovou Montaiglin e não admitiu Claude. Questão de teatro, oportunidade, execução. Isso deve ser falha do autor, que não soube ou não quis adaptar a verdade em *A mulher de Claude* a certos hábitos do público, mais compatíveis com *Senhor Alphonse*, que se aproximou da humanidade média.

117

EUGÈNE DE MIRECOURT FILS (Mirecourt, 1812 – Port-au-Prince, 1880)

Pouco se sabe dele, nomeia-se Eugène de Mirecourt filho, pseudônimo de Charles Jean-Baptiste Jacquot, jornalista francês, grande crítico de Alexandre Dumas e Dumas filho. Seu livro contra Alexandre Dumas foi o primeiro de várias críticas publicadas nos 100 volumes de *Galleries de contemporains* (1854-1858), no qual criticou todas as celebridades da época, provocando forte reação da imprensa. Em sua obra crítica, ele ridiculariza vários escritores de reputação, tais como: La Mennais, George Sand, Jules Janin, Pierre-Joseph Proudhon, Émile de Girardin, Louis Veuillot, Millaud etc. Sabe-se que teve um filho militar, morto em 1866, e duas filhas, uma religiosa e outra atriz. Acredita-se que *Aux femmes* tenha sido escrito por ele mesmo, usando o nome de Eugène de Mirecourt fils, parodiando Alexandre Dumas filho, como deixa transparecer em sua autobiografia, disponível na BnfGallica.

AUX FEMMES**PREFÁCIO**

Às minhas leitoras⁷⁶.

“Pensar é viver”

Lamartine

Este pequeno livro é obra de um jovem que acredita, apesar de tudo, que a língua de Lamartine e Michelet foi e sempre será a mais pura e bela de nossa querida França. No entanto, o autor não é um decadente, degradante, nem um naturalista.

Um primeiro passo na literatura nesses tempos certamente não é fácil. Temos, na verdade, antecessores horríveis. O que fazer na arte hoje? Poesia após Hugo, mestre dos mestres! Tentativa insensata!!! Romance após Zola, um erro! Inclusive, já fizemos tanto no romance que nada há a acrescentar.

Restaria a história? Nossa bela pátria precisa de historiadores, são tão importantes quanto os guerreiros: seria um belo sonho contribuir para sua construção, porém, para fazer história, seria preciso ter seu sustento e, assim, poder dedicar todo o seu tempo a este trabalho de Titã. Então, o que fazer??? Acredito que, talvez, haja um ramo da literatura em que ainda há algo a fazer, que nomeei educação: a educação de mulheres.

119

Eis por que fiz: “ÀS MULHERES!!!” (Labor improbus omnia vincit⁷⁷).

Eis a razão de me lançar à aventura da grande batalha literária, tentando elevar a mulher aos olhos da humanidade que procurou fazê-la cair, ou seja, uma tentativa decerto um pouco difícil nesses

76 Prefácio de *Aux femmes*, Ed. L. SAUVAUTRE, Paris, 1891, In BnfGallica. Traduzido por Rita Nogueira e Mônica Fiuza BF.

77 O trabalho persistente vence tudo.

tempos de ceticismo excessivo e ao qual corro risco de sucumbir com certeza. Mas será que a mulher não merece ter sucesso? Enfim, pouco importa se eu falhar!

Se eu puder usar este livro para secar as lágrimas, pelo menos por uma hora, de uma pobre mulher desolada, colocar um pouco de bálsamo em seu coração para animá-la, dar-lhe coragem... Então meu esforço terá sido pago! Pouco importa, se fiz algo útil! Ao menos, minha consciência não terá nada a me censurar.

Ao escrever este livro para vocês, pobres criaturas oprimidas pela Natureza, queria fazer um trabalho que a mãe de família pudesse colocar (sem perigo) nas mãos de sua filha, de 14 ou 15 anos, para que compreenda o papel que deverá cumprir quando for mulher. Esta é uma missão bela e delicada.

Preocupe-me, exclusivamente, com a mulher, do ponto de vista moral, concentrei-me principalmente em exaltar a mãe. Esse foi meu objetivo. Devo as páginas comoventes deste livro à perda de minha pobre mãe, perda que feriu minha alma e, mesmo após trinta anos, ainda sangra.

120

Estou profundamente convencido de que obras deste tipo nunca serão suficientes para tentar combater a influência desastrosa da detestável escola naturalista, à qual, sem dúvida, devemos a assustadora redução do nível moral manifestado em nosso infeliz país há vinte anos. “O estilo é o próprio homem”, disse Buffon!

Apresento-me a vocês, leitoras, com este livro, submetendo-me antecipadamente ao seu veredito.

Aconselharam-me a ter o prefácio escrito por alguém proeminente. Decidi não deixar esta tarefa para ninguém além de mim mesmo, pois sinto que somente o próprio autor, conhecendo seu assunto em profundidade, pode realmente fazê-lo bem. O prefácio é uma espécie de tribuna para ele, podendo expor suas teorias, defender suas ideias e evitar objeções. O prefácio deve completar o livro.

Devo isso à memória do Sr. Turpin de Sansay⁷⁸, membro da Sociedade das Pessoas de Letras⁷⁹, para dizer que, se hoje posso publicar meu trabalho, devo isso a ele, que me encorajou e cedeu-me gentilmente espaço nas colunas do jornal “O Salvador”⁸⁰, fato que me motivou a me lançar, como diz o provérbio: Quem não arrisca não petisca. Ao menos, ele ajudava os jovens, o que é muito raro agora. Agradeço a ele! Agradeço especialmente à editora deste livro, por seu apoio generoso. Obrigado a todos que me encorajaram, me ajudaram! Obrigado a minha amada que me consolou em meus dias ruins!

Por outro lado, quantas decepções, reveses, amarguras, ressentimentos, sarcasmo, desdém de todo tipo, até de minha própria família, tive que suportar! [...]

De fato, se quiser escrever, os editores geralmente lhe dirão: “faça-se conhecido”, se quiser subir ao palco, receberá a mesma resposta, mas é preciso começar em algum lugar! Quanto a ajudá-lo, nunca!!! Como Victor Hugo, Lamartine, Musset... fizeram? Foi o que disse ao editor que lançou Lamartine (meu poeta favorito, minha inspiração) e que, me derrubando totalmente, recusou meu livro, e adivinha por quê? Porque: “este tipo de literatura está fora de seu contexto” (sic)! Para onde estamos indo, meu Deus! Para onde vamos? [...] O público será meu juiz!

121

Para publicar este livro, recebi algumas respostas engraçadas, outras sombrias! Sobre isto, fiz um belo estudo sobre o homem! Inclusive, nem fiquei chateado! Guardei a volumosa correspondência com os editores, será bem interessante vê-la, caso meu livro tenha sucesso.

Alguns me insultaram! É permitido ser insolente em relação a alguém que trabalha para o bem, para o belo e para o verdadeiro? Sou gentil não dizendo seus nomes. Outros tiveram o desprazer de me dizer que acharam o trabalho muito bom, mas que não o queriam

78 Louis Adolphe Turpin de Sansay (1832- ?), médico e escritor francês.

79 Société des Gens de Lettres.

80 Le Sauveteur.

em hipótese nenhuma. Oh lógica! Eu teria compreendido se dissessem: “O melhor seria você se internar em *Charenton*⁸¹”, assim seria lógico. Mas, concordar que o livro é bom e não o querer, confesso que não entendo!

Outros acharam que era, em princípio, muito curto. Pode parecer curto, não discordo, mas gostaria de dizer que, para fazer estas duzentas páginas, torná-las o mais atraente possível, tive que reunir uma grande quantidade de material. É bem possível perceber todo esforço que foi gasto, porque o que será lido é apenas a quintessência desses documentos. Entretanto, como dizem e concordo plenamente, “Quanto mais curto melhor”. O que é bom o suficiente em cinquenta páginas, se for diluído em quinhentas, não será mais tão bom, apenas extenso. Na verdade, prefiro cinquenta páginas interessantes do que quinhentas que nada significam. Espero que, neste ponto, pelo menos, não seja contrariado! Como disse Boileau: “Muitas vezes a abundância empobrece a matéria!”

122 Tentei colocar em prática a máxima de Madame de La Fayette⁸², que estimava a brevidade e a concisão no estilo. Dizia: uma página que se consegue cortar de um livro vale pelo menos um *louis*⁸³, e uma palavra em uma frase, um franco.

Alguns deram-me a palavra e, no último momento, a retiraram. Outros nem mesmo me responderam. Estou dizendo tudo isso, para que os jovens que pretendem escrever possam entender que, para publicar obras que, com certeza, nem de longe são ofensivas à moral pública, é preciso enfrentar dificuldades intransponíveis, somente imaginadas após se passar por elas.

81 Hospício famoso de Paris, no século XIX.

82 Madame de La Fayette (1634-1693), escritora francesa, autora de *La Princesse de Clèves*, primeiro romance histórico da França e um dos primeiros romances da literatura.

83 Denominação popular da moeda de ouro (1640 a 1792). Posteriormente, a moeda de 20 francos foi chamada de « *louis* » ou « *napoléon* ».

Francamente, me pergunto, como parisiense com conexões, o que um bom jovem com apenas seu talento como escritor poderia fazer neste momento, ao chegar em Paris vindo das profundezas de sua província, sem conhecer alguém? Jogar-se no Sena! Oh homem infeliz, pois todas as portas se fecharam diante dele como um quadro perfeito!!!

A este respeito, direi aos jovens do campo:

Permaneçam em suas aldeias, lavrem a terra, não passarão fome, pelo menos quando só tiverem batatas para comer! E não se deixem atrair pela miragem enganosa da palavra 'Paris'. Você pode imaginar que em Paris todos fazem fortuna, que as cotovias caem todas assadas na boca. Um erro!! O que a cidade corrupta fará de vocês? Boêmios! Advogados sem causas! Médicos sem pacientes! Professores sem alunos! Pintores sem clientes! Atores sem compromissos! Ou, então, alienarão sua liberdade, o mais doce dos bens! Caso não se torne escravo, será abençoado!

Em Paris, no final do século XIX, as pessoas estão passando fome, são exploradas de maneira infame. Acredite na experiência de um homem que luta há catorze anos em vão. Acredita em mim? 123
Veja as estatísticas dos abrigos noturnos! O que encontrará nessas estatísticas? Encontrará graduados em direito, professores, farmacêuticos, arquitetos, homens de letras, pintores, escultores, jornalistas, cantores, atores, atrizes, músicos e, até mesmo, um ex-juiz de paz!!! Eu o conjuro! Fique em seus campos, fique em seus campos!!!!!!

E quando se pensa em tudo o que é impresso! Toda a insanidade, vileza, ignomínias, torpeza (perdoem a palavra) e sujeira que é publicada! Parece que, após a nefasta guerra que nos custou duas províncias, deveríamos ter construído uma raça forte, em vez disso, relaxamos! Em vez disso, os autores culpados, por assim dizer, tentaram rebaixar nossa juventude, colocando em suas mãos livros doentios que corrompem! Não temos mais respeito por nada!

O exército tão respeitado é vilipendiado, mesmo se tratando da defesa da pátria!!!!!! Mas onde nós, os cétricos, estamos? O que aconteceu com o bom gosto francês de outrora? Antiquado, ultrapassado, acabado? Acabou o sentimento? Talvez! Mas não surge a cada minuto ou momento de nossas vidas?

[...]

Talvez se descubra que alguns nomes de mulheres estrangeiras famosas não aparecem em meu trabalho, é porque, por patriotismo, não queria que esses nomes, pertencentes a países hostis a nós, fossem encontrados ao lado dos de Joana d'Arc, Madame de Sévigné, Madame de Staël etc.

Confesso que li tudo sobre a vida de todas essas mulheres, para ver se não havia na história de cada uma delas fatos importantes e dignos de serem descritos. Da mesma forma, fui duro com aquelas madrastas que matam seus filhos. Entretanto, é verdade o que digo: a leoa é morta para defender suas crias, e essas terríveis megeras, que nem sequer são dignas do nome de mulher? Não possuem nada de humano, massacram os seus!! Talvez me repreendam por ser duro com essas senhoras.

124

Conheço algumas jovens que se fazem de difícil há muito tempo, pentearam *Sainte Catherine*⁸⁴ há muito tempo, aproximam-se dos trinta anos e, muito provavelmente, continuarão solteironas. Concordo que, entre essas últimas, há, obviamente, as que não se casaram porque a natureza não as favoreceu. Por outro lado, quantas não foram corajosas, ou seja, não quiseram se casar com pessoas que não poderiam lhes garantir uma vida de luxo?

Eu até conheço algumas, não é incrível? Afirmam ter repugnância pelo homem. Repugnância pelo homem? Vá lá! É uma

84 Santa cuja tradição popular na França festeja com um dia dedicado às jovens de menos de 25 anos que ainda são solteiras. Nessa ocasião, as mulheres rezam para encontrar um marido.

ideia antinatural! Leiam os livros de medicina, leiam! Verão que o marido de quem supostamente tem-se nojo contribui fisicamente para a saúde de uma mulher! Vejam o frescor de nossas jovens camponesas, coradas, florescendo, respirando saúde. E, vejam, a noviça no claustro, pálida como as paredes entre as quais sua vida é consumida, tem o rosto de uma mulher morta!

Enfim, há outras que não querem se casar porque têm medo do sofrimento de mãe para dar à luz seu filho. Então, como suas mães fizeram? O que seria das crianças com tais princípios? Elas não são a alegria da vida? Não é realmente consolador saber que, no dia fatal, quando tivermos que deixar tudo o que nos é querido, deixaremos em casa um outro eu que, quando tivermos partido, pensarão em nós, falarão de nós, serão indulgentes com momentos de fraqueza, caso tenhamos tido algum, e compassivos pelos sofrimentos que suportamos? Sem essas queridas crianças, quem se dignaria a se lembrar de nós, apenas quinze dias após a morte? Somos realmente muito egoístas neste século!!

Nesse quesito, as solteironas de oitenta anos estão bem adiantadas, pois levam uma vida inteira de solidão, amargura e tédio, sem apoio, nem ninguém para lhes fechar os olhos, no dia seguinte quando a morte chegar! Os casarões sem fogo no inverno são o lar de várias!!!!!!!

125

Para atenuar a tristeza que minhas reflexões sobre as solteironas podem causar, citarei aqui um trecho em que Balzac, depois de culpá-las duramente, faz justiça às que não se casaram por devoção:

Há jovens que se tornam mães e permanecem virgens... Essas jovens alcançam o maior heroísmo de seu sexo, dedicando todos os sentimentos femininos ao culto da infelicidade. Vivem, então, cercadas pelo esplendor de sua devoção e os homens curvam suas cabeças, respeitosamente, diante de suas feições murchas...

Uma noite, eu estava com uma família, algum tempo antes da impressão deste livro, e tive a oportunidade de lê-lo. Quando

terminei a leitura, uma jovem de dezesseis anos que estava presente, e a quem foi perguntado quando se casaria, respondeu: “Eu? Não me casarei ou casarei com um homem bem mais velho que me dará muito dinheiro”. Aos dezesseis anos, cética! O que é isso! Já cansada! Aos dezesseis anos, falando assim, na época das ilusões! Se a juventude, se as jovens de hoje já possuem tais ideias em seus cérebros, uma bela geração futura promete! Declaro que, quando ouvi essas palavras, não pude acreditar em meus ouvidos, meus braços caíram.

Eis o que vinha trabalhando há anos para tentar fazer as almas das jovens vibrarem com doce emoção. Entretanto, apesar de tanta poesia, alma e coração, a reflexão da jovem, que por acaso conhecera essas páginas nas quais eu semeara o sentimento em profusão, foi uma decepção. Uma perda de tempo! Que decepção! Falara em vão a esse público! Foi um duro golpe! À minha saída, sem nenhum amigo a se opor, teria jogado meu manuscrito ao vento! Não é uma característica lamentável de nosso tempo?

126 Esforce-se, passe longas noites de vigília e noites sem dormir, para alcançar um resultado tão ruim! Vou me lembrar por muito tempo dessa noite infeliz. Não, mocinha! Não, felizmente, para você, chegará um dia em que seu coração falará. Você, como todo ser humano na terra, terá suas horas de ilusão e, então, reconhecerá que, no dia em que disse isso, você estava enganada!!

Espero que este trabalho não caia sempre nas mãos de jovens com tão pouco lirismo em suas almas!!!! Segui o preceito de Boileau:

Sem perder o ânimo,

Recomeçai a vossa obra vinte vezes:

Esmerilhai-a sem cessar e esmerilhai-a novamente.⁸⁵

85 Citação completa: « *Hâtez-vous lentement, et, sans perdre courage, Vingt fois sur le métier remettez votre ouvrage: Polissez-le sans cesse et le repolissez ; Ajoutez quelquefois, et souvent effacez.* » (Apressai-vos lentamente; e, sem perder o ânimo, recomeçai a vossa obra vinte vezes:

Devo confessar que já o fiz vinte vezes. Pode não parecer, mas é um trabalho de cinco anos imposto a mim mesmo, além do meu ganha-pão de cada dia, pois era necessário comer, até o livro terminar. Se tivesse contado apenas com ele para viver, teria tido tempo de morrer de fome.

Espero ser avisado sobre o que essas sucessivas modificações e melhorias provocaram e perdoado pelas omissões que possa ter feito. A perfeição não é deste mundo; como escreveu La Fontaine: “é louco da cabeça aquele que deseja agradar a todos e a seu pai”.

Leitoras! Vinguem-me por todas as afrontas que suportei, trazendo sucesso a meu pequeno trabalho! Que, graças a vocês, possa ir longe! Que seja verdadeiramente o livro do coração! Quando estiverem tristes, corram para ele. Um livro é um confidente, e o meu não as enganará. Prometo-lhes! Trago-lhes a palavra de paz, o consolo de seus sofrimentos e esforcei-me para que sejam mais respeitadas!!!!!!

Mulheres! Eu me dirijo a seus corações e almas!!! Há um provérbio que diz: “Ninguém é profeta em seu próprio país”. É bem verdade.

127

Ao fazer este pequeno trabalho, talvez eu tenha pregado no deserto. Talvez, algum dia, daqui a uns cinquenta anos, alguém o encontre no fundo de uma gaveta e diga: “Quem quer que o tenha escrito teve sentimentos...”. É tudo o que peço!!!

E você, pobre e querido livro tão desprezado por todos, fiel companheiro de meus sofrimentos, meus sonhos e minhas ilusões, durante muitos anos, no qual coloquei o melhor do coração humano, adeus, estou partindo! Que você traga consolo às deserdadas deste mundo, para além das planícies e montanhas, sob humilde telhado de palha, enquanto eu fico aqui neste espaço, neste inferno chamado Paris, neste “covil imundo onde amigos são despedaçados e inimigos

Esmerilhai-a sem cessar e esmerilhai-a novamente; Acrescentai de vez em quando e apagai frequentemente).

se abraçam”, para defendê-lo até meu último suspiro de vida, se sua existência for ameaçada!!!!!!

Eugène de Mirecourt Fils
Paris, 10 de maio de 1891

FIM